

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Géssica Gabrieli Valentini

**A LIBERDADE PARA APURAR OS SENTIDOS DO MUNDO: A
PRODUÇÃO DE REPORTAGEM NA REVISTA PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim.

Área de Concentração: Jornalismo.

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

V1611 Valentini, Gêssica Gabrieli

A liberdade para apurar os sentidos do mundo [dissertação]
: a produção de reportagem na Revista Piauí / Gêssica Gabrieli
Valentini ; orientador Jorge Kanehide Ijuim. - Florianópolis,
SC, 2011.

230 p.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo - Periódicos. 2. Narrativa - (Retórica). 3.
Reportagens - Periódicos. 4. Jornalismo e literatura. 5.
Revista Piauí. I. Ijuim, Jorge Kanehide. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo. III. Título.

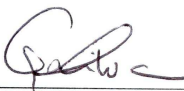
CDU 07.01

Gessica Gabrieli Valentini

**A LIBERDADE PARA APURAR OS SENTIDOS DO MUNDO:
A PRODUÇÃO DE REPORTAGEM NA REVISTA PIAUI**


Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de "Mestre", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de setembro de 2011.



Prof. Dr. Gislene da Silva
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

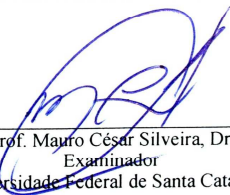


Prof. Jorge Kanchide Luján, Dr.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Marcelo Magalhaes Bulhoes, Dr.
Examinador
Universidade Estadual Paulista – Unesp



Prof. Mauro César Silveira, Dr.
Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos ídolos de minha vida:

Ao professor Jorge Kanehide Ijuim, pelas horas de dedicação, com gosto de café, mas sobretudo pelas divagações, sonhos compartilhados e pela compreensão nos momentos em que o amargo se sobrepunha à doçura.

Ao professor Mauro César Silveira, por abrir as portas da disciplina Redação V e dar-me a certeza de que é possível ser mestre e aprendiz.

Aos professores, pela resistência.

A Delci, Marlene, Diana, Laura e Jonathan, os adoráveis fãs do meu melhor e do meu pior.

Aos amigos e pessoas que incentivaram, criticaram, abraçaram e aqueles que me mostraram que meu maior fã e ídolo é o mestre dos mestres.

Ao mestre dos mestres, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Sapatos sujos, cabelos desgrenhados, mente atônita, noites sem dormir, café, chocolate, broncas, sapatos sujos. Mesmo quando o trabalho não está nas ruas, como repórter, mas em frente a um computador, como pesquisadora, quando penso em quantas vezes tudo isso aconteceu, é como se um filme iniciasse em minha mente.

Seja como a criança curiosa, especialista em se meter nas conversas de adultos e sem preguiça de escalar árvores para descobrir como é a vista de cima; seja como a adolescente já não tão disposta, mas que havia descoberto com a criança que o mundo esconde surpresas; seja a adulta já ciente de que os melhores momentos da vida são aqueles em que não se tem medo ou preguiça de sujar um Prada (ciente também de que utopias são sonhos possíveis).

Ao contemplar a dissertação e mais esta etapa de minha vida chegando ao fim, sinto vontade de reviver tudo isso e agradecer:

Aqueles que permitiram que a sola fosse gasta a cada passo, lambuzada de pó, de barro, de areia;

Aqueles que me esperaram enquanto o céu chorava e o guarda-chuva cambaleava, permitindo que eu apenas sacudisse a roupa encharcada e entrasse;

Aqueles que bagunçaram o penteado, cortaram o excesso, apararam o que incomodava e deram uma nova moldura a minha vida; Aqueles que me avisaram para usar filtro solar, mas também aqueles que se expuseram comigo ao sol;

Aqueles que limpavam meus caminhos, arrastaram pedras, construíram refúgios, me deram de comer e beber, abraçaram, amaram ou simplesmente estiveram ao meu lado;

O mundo dá voltas e tudo se resume a: sapatos sujos. Então, finalmente, agradeço ao mestre dos mestres, por me dar pés para que eu pudesse usar sapatos.

Porque o artista é o homem que mantém intata, em si, a capacidade de sentir sentimentos estranhamente verdadeiros e de transmitir sentimentos estranhamente verdadeiros.

(OLINTO, 2008)

RESUMO

Desde 2006, a revista *piauí* apresenta ao mercado editorial brasileiro uma proposta cuja realidade é construída através de pautas incomuns, enfoques inusitados e humor. Partindo desse pressuposto, esta dissertação buscou refletir sobre a proposta editorial da revista, especificamente através das reportagens. Neste sentido, a compreensão vai além do consenso de que se trata de um veículo de comunicação diferenciado pela linguagem, pelo caráter autoral ou pelo formato, mas inclui estes fatores e também busca respostas em cada etapa do processo. Os resultados foram obtidos através de um estudo de caso, com o uso dos procedimentos metodológicos da Análise Pragmática da Narrativa ou Narratologia. As considerações finais apontam como característica norteadora a liberdade para apurar os sentidos do mundo, além de diversos outros aspectos que explicam a construção da realidade de forma tão singular.

Palavras-chave: Fundamentos do jornalismo. Narrativa. Reportagem. Revista *piauí*.

ABSTRACT

Since 2006, the *piauí* magazine had the Brazilian publishing market a proposal in which reality is constructed through unusual approaches and humor. Based on this assumption, this work sought to reflect on the editorial proposal, specifically through reports. In this sense, the understanding goes beyond the consensus that it is different by language, by character copyright or by the format, but includes these factors and also seeks answers in each stage of the process. The results were obtained through a case study with the use of methodological procedures of the Pragmatic Analysis, or narratology. The final considerations suggest that as a feature guiding the freedom to determine the meanings of the world, and other aspects which explain the construction of reality so unique.

Keywords: Fundamentals of journalism. piauí magazine. Reports.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da edição 1.....	42
Figura 2 - Capa da edição 2.....	42
Figura 3 - Dormir, nunca mais.....	47
Figura 4 - A Diferenciada.....	49
Figura 5 - O aprendiz.....	75
Figura 6 - Nas curvas com Maluf.....	97
Figura 7 - Pão e glória.....	120
Figura 8 - Morar na rua em Ipanema.....	143
Figura 9 - Xilindró alla Volterrana.....	164
Figura 10 - A Copa do Cabo ao Rio.....	166
Figura 11 - Consertos e concertos.....	188
Figura 12 - A peste.....	195
Figura 13 - Rachaduras no Paraíso.....	203

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolaridade dos leitores.....	40
Tabela 2 - Sexo dos leitores.....	40
Tabela 3 - Idade dos leitores.....	40
Tabela 4 - Classe socioeconômica dos leitores.....	41
Tabela 5 - Número de leitores.....	65
Tabela 6 - Visitas ao <i>site</i>	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
2 TECER A REALIDADE.....	35
2.1 RECOMPOSIÇÃO DA INTRIGA OU DO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO.....	35
2.2 O INTRIGANTE SURGIMENTO DE UM PARAFUSO A MAIS: O CONTEXTO.....	39
3 DESVENDAR A TEIA.....	59
3.1 IDENTIFICAÇÃO DOS CONFLITOS E DA FUNCIONALIDADE DOS EPISÓDIOS.....	59
4 O PAPEL DO PROTAGONISTA.....	91
4.1 A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS JORNALÍSTICAS.....	91
5 SUPERAR A FORMA.....	129
5.1 ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS.....	129
6 AJUSTAR O FOCO.....	153
6.1 A RELAÇÃO COMUNICATIVA E O CONTRATO COGNITIVO.....	153
7 O PROPÓSITO.....	187
7.1 METANARRATIVAS.....	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
REFERÊNCIAS.....	221

1 INTRODUÇÃO

A primeira revista brasileira, *As Variedades* ou *Ensaio da Literatura*, editada em 1812, tinha apresentação gráfica semelhante a de um livro e discorria sobre costumes e virtudes morais e sociais, história e relatos, muito diferente do formato e das notícias e reportagens conhecidas hoje.

Desde então, o mercado editorial brasileiro acompanhou a emergência e o desaparecimento de uma vasta quantidade de publicações. Decorridos quase dois séculos, somente aferidos pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) há mais de 600 títulos diferentes. A maioria, no entanto, tão efêmera quanto outras não mais editadas e sequer citadas na história da imprensa.

Por outro lado, através de registros é possível constatar mudanças na estrutura, nas narrativas e a predominância de alguns modelos, embora aquelas com um papel proeminente tenham se destacado por uma proposta editorial singular, sobretudo por inovações no texto. É o caso de *O Cruzeiro* que, de acordo com Scalzo (2004), introduziu a reportagem, e também de *Realidade*, que ela declara ter se apropriado do gênero e construído reportagens com um padrão até então desconhecido no país.

Posteriormente, apesar do crescimento quantitativo de publicações, poucas foram concebidas com o propósito de preencherem uma suposta lacuna nos veículos de comunicação brasileiros, como foi o caso da *piauí*, criada em outubro de 2006.

Já pelo nome a revista causa estranhamento. Nenhuma relação com o Estado brasileiro de mesmo nome, apenas foi escolhido por possuir uma sonoridade bonita, entre outras explicações, sem um consenso. Também deve ser escrito em letras minúsculas. Diversos aspectos foram supostos e expectativas criadas. Seria a revista uma herança de publicações como a própria *Realidade* ou a americana *The New Yorker*? Seria *New Journalism* ou Jornalismo Literário?

Esse último é definido por Edvaldo Pereira Lima¹ como uma modalidade de prática da reportagem em profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação inspirados na literatura. Nesta trilha de investigação seguem diversos trabalhos científicos, artigos, monografias e dissertações.

¹ Disponível em <http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>. Acesso em 11 de maio de 2011.

Um dos primeiros trabalhos sobre a revista foi o artigo “Algumas metáforas: o jornalismo literário como redenção”, apresentado em 2007 no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação².

Em 2008 e 2009, *piauí* foi tema dos Trabalhos de Conclusão de Curso “Os recursos do Jornalismo Literário na revista *piauí*”, na Universidade Federal de Santa Maria; “A superação do padrão norte-americano de jornalismo através da revista *piauí*”, no Centro Universitário de Belo Horizonte, e “A narrativa de não-ficção na revista *piauí*”, cuja proposta foi discutir conceitos do Jornalismo Literário e colocá-los em evidência por meio da análise de trechos de reportagens da revista.

No âmbito de pós-graduação, a revista também já foi objeto empírico de outras pesquisas. Em abril de 2010, Francilene de Oliveria Silva, orientada por José Salvador Faro, apresentou a dissertação: “O anônimo no jornalismo literário: protagonistas do cotidiano na revista *piauí*”, na Universidade Metodista de São Paulo.

Mais recente é a dissertação: “Sentidos revolvidos na revista *Piauí* – A intersecção da linguagem literária e jornalística”, de Marina Lee Colbachini, orientada por Maria das Graças Conde Caldas, na Universidade Estadual de Campinas.

Na maioria desses trabalhos percebemos uma relação entre o jornalismo praticado pela revista e o Jornalismo Literário. De fato, se tentarmos enquadrar a *piauí* em definições dadas por autores da área é possível perceber uma aproximação e as considerações destas pesquisas reforçam isso. Por outro lado, em todas as entrevistas que concedeu, o idealizador da revista, o editor e documentarista João Moreira Salles, contrariou as afirmações e ainda declarou: “Existe bom jornalismo e mau jornalismo. Só. Jornalismo literário é um nome pomposo, que quer se aproximar da eternidade da literatura. Tem a pretensão de ser algo maior que eu não acho maior. O que a *piauí* faz é contar bem uma história”³.

Alguns trechos das pesquisas e reportagens nos meios de comunicação também apontam a *piauí* como legado de outras experiências. É o caso de Paulo Lima, do Observatório da Imprensa, na ocasião do lançamento, cujo título da matéria demonstra a visão do

² No mesmo evento, também foi apresentado o artigo “*piauí*, em busca do leitor perdido” e ainda em 2007 os TCCs “Jornalismo Literário na revista *piauí*: diálogo entre duas esferas da linguagem” e “Revista *piauí*: O jornalismo literário em função de um público consumidor exigente”, em 2008.

³ Disponível em www.comunique-se.com.br. Acesso em 18 de junho de 2010.

jornalista: “Que New Yorker...”⁴. Já João Moreira Salles refuta essa possibilidade: a pretensão da *piauí* não é ressuscitar experiências progressas, como Realidade, nem copiar sucessos duradouros, como *The New Yorker*, embora confirme a admiração por ambas as publicações.

Assim, diante do evidente hibridismo de gêneros, formatos e até mesmo de conteúdo, tentar enquadrá-la em conceitos existentes, embora admissível, poderia restringir as possibilidades de uma pesquisa, além de contradizer o ensino dos profissionais.

A história bem contada pode ser decorrência de uma proposta editorial diferenciada – como também ocorreu com *Realidade* e *O Cruzeiro*. Deste modo, trata-se de um conjunto de fatores capazes de justificar a pesquisa e também um produto editorial distinto dos modelos hegemônicos.

Uma das primeiras constatações é de que o jornalismo praticado não é novo. Como será visto ao longo dos capítulos, o fato de remeter a outras publicações e até mesmo personagens do cenário jornalístico, como João do Rio e Euclides da Cunha, sinaliza isso. Ainda assim, desde a primeira edição percebemos, ao menos, um ideal transgressor na concepção da revista.

No atual contexto histórico, com tempo e espaço normalmente delimitados, algumas características do processo jornalístico da *piauí* podem de fato ser consideradas incongruentes, principalmente quando referentes à prática diária. Ao longo do tempo, certas técnicas tornaram-se predominantes, bem como os chamados valores-notícia. Porém, se considerarmos “tradição” como um conjunto de doutrinas, costumes, usos, ideias e valores transmitidos de geração em geração, então alguns aspectos poderiam indicar um jornalismo tradicional, como a apuração minuciosa e o repórter na rua. Em vários aspectos, a *piauí* vai na contramão do jornalismo predominante, com várias acusações de superficialidade, formas rígidas e de muitas vezes se restringir ao factual e até à espetacularização, ao invés da informação. Por outro lado, evitar tais práticas não significa ir contra o que é considerado tradicional.

Já nas pautas, a revista traz enfoques que extrapolam os valores normalmente encontrados, pois não é difícil percebermos uma padronização entre os meios de comunicação. Com a morte do cantor norte-americano Michel Jackson, no dia 25 de junho de 2009, jornais, revistas, programas de TV, rádio e internet exploraram inúmeros aspectos de sua vida e carreira. Ao invés disso, na edição 34, de julho de

⁴ Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403AZL004>. Acesso em 15 de junho de 2010.

2009, a *piauí* traz a chamada de capa: “*Exclusivo! Nenhuma linha sobre Michel Jackson*”. A narrativa ironiza a quantidade de informações divulgadas sobre o personagem e também se apresenta como diferenciada, sobretudo através da palavra “Exclusivo”.

As tecnologias trouxeram diversas transformações à comunicação, impeliram à convergência de mídia e à necessidade de profissionais que agregassem funções, como repórter e fotógrafo, e escrevessem para diferentes formatos: internet, rádio, jornal, TV. Ao mesmo tempo, Medina (2008) aponta a existência de uma ditadura do cientificismo-tecnista, justificada pela reprodução de formatos, técnicas e padrões, os quais refletem a própria configuração do mundo contemporâneo. O jornalista e o jornalismo seriam, então, reflexo de um cenário caótico, com a difícil tarefa de organizá-lo.

Para superar isso, os profissionais da *piauí* têm um tempo incomum para a apuração: quanto for necessário. Algumas reportagens trazem no próprio texto uma data aproximada e normalmente o número chega a meses. Também é perceptível o caráter autoral e o uso de recursos como linguagem poética e figuras de linguagem, próprias da literatura. Isto pressupõe liberdade, uma das características também atrelada à proposta editorial. Portanto, trata-se de pautar bem um bom tema, apurar bem uma boa pauta, redigir bem o material decorrente de uma boa apuração, inserir uma boa história em um contexto específico e aí sim constatar uma proposta não hegemônica.

Ao mesmo tempo, questionamentos são levantados. O “bem” e o “bom” são características relativas. Assim, esta dissertação teve como objetivo principal compreender quais são os diferenciais da proposta editorial da revista *piauí*, através da análise de suas reportagens, diante de modelos e técnicas consagrados do fazer jornalístico. Além disso, este foi alcançado a partir três objetivos específicos: analisar as narrativas e o processo jornalístico para identificar elementos constitutivos que sejam contrapontos em relação a modelos convencionais de cada etapa; esmiuçar as possíveis atribuições que delineiem a proposta editorial e contribuir com a compreensão do jornalismo contemporâneo através do apontamento de diferentes formas de construir a realidade.

Para tanto, foi preciso reconhecer as motivações e contrapor aos exemplos escolhidos para ilustrar a análise. Neste sentido, *piauí* se autodefine como uma revista de jornalismo, ideias e humor. Quanto ao

conteúdo, para Salles⁵ os temas são tão variados e as abordagens diversas que se torna muito difícil alguém não encontrar algo interessante. Na mesma edição, como a 38, de novembro de 2009, há temas como a Sociedade de Admiração das Nuvens, fundada em 2005, na Inglaterra, e a Guerra no Afeganistão, abordada através da história do General Stanley McChrystal.

Ao contemplar os assuntos das edições, também percebemos um processo de interdiscursividade que abarca redação e leitores. É um cotidiano narrado por garis ou executivos, mas reportada através de enfoques determinados e linguagem refinada, em coerência com o perfil do público: intelectual.

Essa simbiose de fatores dá origem a composições ousadas, como a capa da edição do terceiro aniversário. O pinguim, símbolo da *piuí*, aparece em uma sacada, usando um chapéu e um cetro, remetendo à imagem do Papa, líder da Igreja Católica. Abaixo, ainda vemos a inscrição “*Salve, Salve o terceiro aniversário da piuí*”. Novamente, a presunção se faz presente. Uma possível referência à liderança ou até mesmo ironia à posição ocupada pelo religioso e pela *piuí*, em contextos específicos.

São remissões implícitas ou explícitas a um ideal transgressor, embora o *site* da revista⁶ traga como objetivo da *piuí* levar a informação sem o vício do comentário pessoal. Não há, no entanto, uma definição do que consideram comentário, pois até mesmo a imagem possui uma linguagem e já é uma forma de juízo de valor.

Ressalvas à parte, a *piuí* nasceu para preencher uma suposta lacuna percebida pelos idealizadores na imprensa brasileira. Emergiu a partir da constatação de Salles, com a ajuda de alguns amigos, de que não havia no Brasil nenhuma publicação com tudo o que gostava de ler: bons textos de ficção, reportagens com abordagens e temas variados, quadrinhos, entre outros, materializados na concepção da revista.

Enquanto a tendência, conforme Scalzo (2004), é a especialização de temas e a segmentação de públicos, em *piuí* os assuntos são diversos: esporte, saúde, política, arte, odontologia, telenovelas. Conforme os editores, tudo pontilhado com humor e toques artísticos, para uma audiência heterogênea. Há algumas seções mais frequentes,

⁵ Entrevista disponível em <http://blogdarevistadiners.blogspot.com/>. Acesso em 20 de março de 2011.

⁶ Disponível em www.revistapiui.com.br. Acesso em 20 de junho de 2011.

mas sem uma padronização no conteúdo: *Chegada*, *Colaboradores*, *Esquina*, *Diário*, *Perfil*, *Quadrinhos*, *Ficção*, *Poesia e Despedida*.

Chegada apresenta alguns assuntos considerados novos. Pode ser uma descoberta científica ou o lançamento de um CD. A linguagem costuma ser bem humorada e até irônica.

Colaboradores traz o nome e uma pequena descrição do autor de cada seção. *Esquina* traz reportagens de assuntos variados, normalmente curiosos, feitas por diferentes repórteres. Embora as narrativas não sejam assinadas na edição impressa, no endereço eletrônico da revista é possível descobrir quem escreveu cada texto.

Já a seção *Diário* é o relato de algum colaborador sobre seu dia a dia. Pode ser gari, estudante, jornalista ou um famoso escritor, desde que, conforme os editores, atenda a um dos requisitos da revista: seja capaz de contar uma boa história.

Perfil é a uma reportagem sobre algum personagem, famoso ou não, mas abordado de forma inusitada. A sistematização das informações pode ser cronológica, ou não, mas sempre de forma a suscitar a curiosidade para as revelações posteriores.

As seções *Quadrinhos*, *Ficção* e *Poesia* balizam os formatos sugeridos pelo nome. No primeiro, cartunistas de todo o mundo ganham até 10 páginas para contar uma história. Em *Ficção*, misturam-se textos já publicados com narrativas inéditas de autores de diferentes gêneros.

Como o nome também enuncia, *Despedida* traz o relato de uma morte ou então o fim de algo. Pode ser uma pessoa, ilustre ou desconhecida, ou algo que deixou de ser fabricado ou utilizado.

Além disso, as diferenças em relação a outras revistas não estão somente no conteúdo, mas também no formato. Enquanto a maioria segue o formato A4 (21 cm x 29,7 cm), a medida da *piauí* é de 26,5 cm x 34,8 cm. Já o papel é o mesmo utilizado para a impressão de livros. As narrativas, algumas com 12 páginas, acalentam a escolha, que se ancora em mais facilidade na leitura e maior durabilidade.

A revista é editada pela Alvinegra, impressa pela Abril e distribuída pela Dinap, do Grupo Abril. Além disso, é afiliada ao Instituto Verificador de Circulação (IVC) e à Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER).

Apesar da variedade de formatos, a reportagem foi o gênero escolhido para esta pesquisa porque na arquitetura desse tipo de narrativas as diferenças entre o jornalismo predominante e a proposta da *piauí* são mais evidentes. Há descrições do ambiente, de características físicas, mas também psicológicas e muitas vezes um relato tão minucioso como se o leitor estivesse presente na cena. O texto

também interage com os sentidos, confabulando com a imaginação e levando tato, olfato e paladar a sentir mais do que o cheiro do papel.

Ao apresentar o livro *O estilo Magazine – o texto em revista*, João Henrique Faria afirma que o texto jornalístico carrega em si especificidades. Por esta razão, torna-se necessário estabelecer técnicas determinantes para um estilo próprio, uma coerência, uma ou várias características para, ao primeiro contato, o leitor entender de que a sua frente está um texto jornalístico.

Ao mesmo tempo, Medina (2008) busca uma articulação entre teoria e prática narrativa, cita as reformas como necessárias e busca elementos capazes de apontar caminhos, compreendendo o processo histórico. Este invoca a vivência da realidade combinada com as técnicas consagradas do jornalismo como suporte, mas ultrapassando-as.

Para Scalzo, quem busca informações em profundidade procura a imprensa escrita, pois “a palavra escrita ainda é o meio mais eficaz de transmitir informações complexas” (2004, p. 13). Isto justifica a existência das revistas semanais e até mensais e a validade de suas informações, mesmo já divulgadas pela TV, rádio, jornal ou internet.

Segundo o jornalista colombiano Gabriel García Márquez, “a melhor notícia não é a que se dá antes, mas a que se dá melhor”⁷. E essa ideia parece servir com exatidão à vocação das revistas. Para Scalzo (2004), ao observar a história do formato nota-se que elas não surgiram com a preocupação principal de informar, mas a partir da afirmação de dois caminhos: o da educação e o do entretenimento.

Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação no sentido pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). (*Ibidem*, p. 14).

Essa afirmação torna-se ainda mais relevante se considerada a opinião de Vilas Boas, para quem a diferença da revista e de outras publicações impressas é o texto: “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário”. (1996, p. 9). Além disso, exige de seus

⁷ A afirmação foi feita durante o discurso “A melhor profissão do mundo”, proferido a um grupo de empresários donos de jornais das Américas, associados à Sociedad Interamericana de Prensa (SIP). Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/mat2010a.htm>. Acesso em 20 de maio de 2011.

profissionais textos elegantes e sedutores e isto significa se apropriar, inclusive, de técnicas literárias.

Embora seus exemplos se concentrem em revistas semanais, para ele mais cedo ou mais tarde a criatividade jornalística terá de se impor sobre o avanço tecnológico das nets, sejam reais ou virtuais. Portanto, é imprescindível apurar da melhor forma possível e escrever com a mesma fome com que o leitor lerá, pois a análise e a interpretação de um fato não podem prescindir do tempo e do espaço:

A informação pesquisada em arquivo e a apuração são seus principais ingredientes, que, como na receita de um prato requintado, vão carecer de um bom tempero [grifo do autor]. O desenvolvimento de seu texto carecerá de recursos estilísticos de toda natureza. Sem eles, o tempo fica adormecido e o espaço sem vida. (VILAS BOAS, 1996, p. 15).

Meu primeiro contato com a revista foi durante o Programa Rumos do Jornalismo Cultural, do Instituto Itaú Cultural, para o qual fui selecionada em 2007. Encantou-me a existência de um jornalismo mais preocupado com a qualidade do texto do que com o tamanho e o tempo para a apuração. Surpreendeu-me porque parecia ser uma revista cujos temas são garimpados e desenvolvidos para fazer pensar. Encarei a *piauí* para o jornalismo como a personagem Pollyana para a literatura. Era uma motivação. Porém, ao decidir pesquisá-la, comecei a perceber o que está além da superfície e escapa ao leitor comum: incoerências entre o propósito e a efetiva prática. As inevitáveis expectativas mudaram edição após edição. Por fim, esse pêndulo – hesitando entre o encanto e o desencanto – revelou-se positivo, evitando camuflar quimeras, mas também reconhecendo que jornalismo de qualidade se faz por pessoas, sobre pessoas e para pessoas. Portanto, perfeitos imperfeitos.

Essas arestas difusas norteiam a análise, para a qual utilizamos os procedimentos metodológicos da Narratologia ou Análise Pragmática da Narrativa, sendo lapidada pela Revisão Bibliográfica.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender aos objetivos propostos, a pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa e híbrida, constituída de um

estudo de caso e da Narratologia, ou Análise Pragmática da Narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta. Além disso, recupera o conceito de Jonathan Culler (1999), que propõe a narratologia como um ramo da teoria literária.

A socióloga e pesquisadora Gaye Tuchman (1993)⁸ ressalta a importância dos métodos qualitativos se considerarmos uma questão aparentemente simples: o que há de novo? Estas afirmações apóiam a escolha da metodologia, pois a pesquisa busca o entendimento do processo de produção das reportagens da revista *piuí*, e tenta responder o que o objeto agrega aos fundamentos do jornalismo.

Para Yin (2005), o estudo de caso é uma forma de esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, a fim de compreender o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados.

O principal recurso de amparo à pesquisa é a Análise Pragmática da Narrativa ou Narratologia. Trata-se da teoria da narrativa, que abarca também os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. O termo “narratologia” foi proposto por Tzvetan Todorov (1977), originalmente na versão francesa “narratologie”. Para Culler:

A teoria da narrativa (“narratologia”) é um ramo ativo da teoria literária e o estudo literário se apóia em teorias da estrutura narrativa: em noções de enredo, de diferentes tipos de narradores, de técnicas narrativas. A poética da narrativa, como poderíamos chamá-la, tanto tenta compreender os componentes da narrativa quanto analisa como narrativas específicas obtêm seus efeitos. (CULLER, 1999, p. 85).

Assim, a Narratologia tem suas origens na análise de textos literários, tendo como precursores Umberto Eco, Vladimir Propp, Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, entre outros. Contudo, aos poucos as narrativas midiáticas também foram incluídas entre as possibilidades de análise e mesmo para o próprio Culler só entendemos os acontecimentos através de histórias possíveis:

⁸ Capítulo do livro **Metodologías cualitativas de investigación em comunicación de masa**, de Jensen e Jankowski.

As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. (*Ibidem*).

De acordo com Motta (2007), a Narratologia dedica-se ao estudo das relações humanas, as quais produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam factuais (jornalismo, história ou biografias) ou ficcionais (contos, filmes, telenovelas, videocliques, histórias em quadrinho).

Para a Narratologia, os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas, mas nunca aleatórias. Neste sentido, a metodologia adotada considera o texto jornalístico da revista uma modalidade de narrativa. Esta, por sua vez:

[...] é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos do sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. É um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor, pois nenhuma narrativa é ingênua. (MOTTA, 2007, p. 156).

O período estudado foi de outubro de 2006, data da primeira edição, a dezembro de 2010, data do início das análises, totalizando 50 edições. Destas, foram escolhidas reportagens que destacam os elementos considerados determinantes pela Análise Pragmática da Narrativa, inclusive imagens.

O próprio trabalho foi estruturado de acordo com cada passo sugerido por Motta para realizar a análise. Assim, o início aborda o primeiro movimento: *Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico*. Esta etapa propõe conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese.

A proposta original considera o estudo de um tema que se repete no mesmo ou em diferentes meios de comunicação. Neste caso, com a

mesma revista e assuntos diversos, a estrutura do acontecimento foi reconstituída desde o surgimento do veículo e ao longo das reportagens.

A análise buscou afinidades e recorrências nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) da sucessão de estados de transformação, além de aspectos interessantes das estratégias narrativas jornalísticas e dos efeitos de sentido pretendidos, como retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas do texto.

O capítulo seguinte aborda o segundo movimento: *Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios*. Este passo sugere a existência de pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico. A partir disso, há a identificação dos conflitos principais e secundários.

Para Motta (2007), o conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente a jornalística, pois lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades. Ele é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa. Portanto, o capítulo se propõe a investigar os conflitos políticos, econômicos, psicológicos, familiares, jurídicos, policiais, etc., a falta ou o excesso de alguma coisa, uma inversão ou transgressão, um conflito manifesto ou implícito ou o que pode ser considerado controverso.

O terceiro capítulo versa sobre a *Construção de personagens jornalísticas (discursivas)*. Esse movimento é para a identificação dos papéis dos personagens. Podem ser protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, vilões, mocinhos, bandidos, etc. Não interessa quem é o personagem real – político, economista, gari – mas como a narrativa construiu sua imagem.

Tudo isso leva em conta, conforme Motta (*Ibidem*), que tal como o cidadão comum ordena os dados de seu *curriculum vitae* de acordo com seus objetivos, o jornalista possui igual liberdade ao modelar o “retrato” que constrói de uma pessoa. Porém, não é mera reprodução ou reflexo do “real”, mas uma construção que mobiliza a subjetividade do narrador.

A quarta parte discorre sobre as *Estratégias comunicativas*. Este movimento busca dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística. Seja para produzir efeitos (efeitos do real – estratégias de objetivação, ou efeitos poéticos – estratégias de subjetivação).

No jornalismo, há normalmente uma dessubjetivação, ou seja, uma intenção do jornalista de camuflar sua existência na narrativa e

apagar a sua mediação. Porém, a narração como dispositivo argumentativo é evidente, como ocorre em algumas reportagens da *piáuí*. Para Motta (*Ibidem*), o jornalismo é uma linguagem argumentativa e quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística. A narratividade vai ser revelada quando o leitor, no ato de recepção, conclui a obra, recompõe a tessitura da intriga.

As estratégias de objetivação pretendem a interpretação dos fatos narrados como verdades. Que expressões criam a atualidade? Uma referencialidade geográfica? A referencialidade de autoridade para dizer e poder dizer que autentica a relação da comunicação jornalística? As condições de verdade (a precisão, a lógica da transparência jornalística, da representação fiel)? Que expressões ou perspectivas do discurso criam o “olhar externo” do jornalista em relação aos fatos? Que expressões instauram a legitimidade do narrador (o repórter, o editor, o veículo) como fonte legítima para dizer e poder dizer? Tudo isto inclui a observância de citações, datação precisa (dia, hora, momento do dia), nomes de lugares e instituições, números, estatísticas, idades, etc.

Já as estratégias de subjetivação compreendem a construção de efeitos poéticos. No jornalismo, algumas vezes de forma mais evidente, percebemos uma infinidade de recursos e de figuras que remetem o leitor a interpretações subjetivas. A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária.

Assim, a análise procurou recursos que remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia etc., pois cada recurso promove a identificação do leitor com o narrado, humaniza os fatos e promove a sua compreensão como dramas e tragédias humanas.

Esses recursos estão nos verbos, nos adjetivos, substantivos que estigmatizam, nas exclamações, interrogações, comparações, ênfases, repetições, reticências, nas figuras de linguagem, nas ironias, paródias, nos conteúdos implícitos, nas implicaturas de advérbios como “apenas”, “de novo”, “só”, “ainda”, comuns nas manchetes, nas pressuposições, entre outros recursos.

Enquanto isso, o capítulo seguinte abarca a *Relação comunicativa e o “contrato cognitivo”*. Este movimento estuda o foco narrativo ou enquadramento dado à narrativa. Concentra-se na observação do entorno ou situação espaço-temporal onde se realiza a relação comunicativa para compreender as circunstâncias do ato de enunciação. Refere-se aos contextos: físico (do veículo de comunicação); empírico; natural; histórico e cultural.

Na Análise Pragmática da Narrativa a atenção desvia-se da relação narrador-texto para a relação comunicativa narrador-narratário, para o jogo entre as intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência. Desloca-se do texto como unidade estática para a relação comunicativa intersubjetiva.

Nas etapas precedentes, a “relação comunicativa” já foi contemplada, mas neste capítulo há uma retomada de alguns aspectos para entender, sobretudo, como funcionam ao leitor. Afinal, como afirma Iser (1999):

Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura. Tal negociação estreita o espaço entre texto e leitor, atenua a assimetria entre eles, uma vez que por meio dessa atividade o texto é transportado para a consciência do leitor. Se a estrutura básica do texto consiste em segmentos *determinados* interligados por conexões *indeterminadas*, então o padrão textual se revela um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. (ISER, 1999, p. 28).

O autor complementa afirmando que o não expresso impulsiona a atividade de constituição do sentido, mesmo sob o controle do expresso. Há um “contrato cognitivo” implícito nessa relação. Porém, é na interpretação imaginativa do leitor, ouvinte ou telespectador que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade, das qualidades intrínsecas, modos e estilos do texto.

O último capítulo propõe o movimento *Metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história*. Esta parte do pressuposto de que toda narrativa é construída sobre um fundo ético e moral, inclusive a jornalística, por mais imparcial que pretenda ser e, assim, busca mecanismos que identifiquem a intenção da narrativa.

Nas histórias infantis, romances e filmes esse fundo moral costuma ser evidente. No jornalismo, a intenção do narrador usualmente aparece camuflada em outras estratégias e esse significado simbólico se torna difuso, embora também esteja ali. Algumas metanarrativas culturais frequentes são: o crime não compensa, a corrupção tem de ser

punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, entre outras.

As Considerações Finais refletem sobre cada um dos movimentos e trazem argumentações sobre a prática da *piauí* e suas contribuições ao jornalismo contemporâneo.

2 TECER A REALIDADE

2.1 RECOMPOSIÇÃO DA INTRIGA OU DO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

Esta história começa em outubro de 2006, mas foi arquitetada antes disso, por um cineasta que aprecia literatura e jornalismo e dizia não encontrar no Brasil nenhum veículo de comunicação com tudo o que gosta de ler. Ele queria histórias em quadrinhos, mas também reportagens e textos de ficção. Almejava reunir jornalistas, ensaístas, contistas, fotógrafos e todos os que sabem contar uma boa história, seja de forma visual ou escrita.

Então João Moreira Salles, com a ajuda de alguns amigos, criou a própria revista: a *piauí*. Aliou um grupo tão plural quanto à miscelânea pretendida nos temas. Alguns começando a vida profissional e outros com a experiência de veículos de comunicação muito diferentes desta proposta. Hoje, mensalmente, aspira satisfazer seus anseios e os da equipe, acreditando agradar também mais pessoas.

Ao lermos as narrativas assinadas por Salles, especulamos se sua experiência como cineasta e o gosto pela literatura moldam a maneira peculiar de compreender as características da mídia. Isto também ocorre em textos assinados por outros repórteres e colaboradores, suscitando a necessidade de análise para desenhar respostas, pois os textos vão além de uma concepção pessoal, evidente, e alcançam a produção de sentidos através da construção de realidades distintas, aí sim chegando a uma percepção coletiva.

Neste aspecto, quando estruturou a *piauí*, Salles ambicionava mexer com o arcabouço do próprio acontecimento jornalístico. Isto não significa criar os fatos, mas registrar aqueles que fogem do convencional para o formato revista e cumprir o que parece vocação para o meio: atualizar e ampliar o relato já feito por outros, como a TV ou a internet, além de trazer novas abordagens.

Esta etapa da análise busca conectar as partes e identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese. Como já enunciado na Introdução, por se tratar do mesmo veículo de comunicação e reportagens de assuntos diversos, a abordagem se deu sobre a estrutura do acontecimento formulada pela revista ao longo das narrativas. Afinidades e recorrências nas circunstâncias, personagens, cenários,

situações e encaixes, além de já inicialmente revelar aspectos interessantes das estratégias narrativas e dos efeitos de sentido aparentemente pretendidos. Esta forma de tecer a realidade orienta a análise vindoura.

Aqui, a teia sugerida é composta essencialmente pela análise do acontecimento nas reportagens, considerando também as imagens. Este gênero é o mais nobre para Vilas Boas (1996) e ocupa um lugar privilegiado no jornalismo conforme Sodré e Ferrari (1986). Para eles, como para Lage (2002), trata-se de um texto mais contextualizado e completo do que a notícia.

Entre outras características, a diferença está no caráter factual. “Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece o detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 18). Por sua vez, a estrutura da reportagem é composta pela narrativa que, para os mesmos autores, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. Além disso, propõe a aceitação do mundo suscetível de evocar um espaço humano real – verídico. Assim:

[...] a narrativa não é um privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pelo dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagens. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 11).

Segundo Olinto: “Num plano mais alto, notícia, mensagem, reportagem, é tudo o que, insuflando-se nas palavras, busca uma comunicação, desde a declaração de amor de um adolescente até a descrição da morte de Christmas feita por Faulkner.” (2008, p. 15).

Essas argumentações são elucidadas pela reportagem da *piauí* “*De elefante à formiga*”, da edição 2, de novembro de 2006, em que a jornalista Consuelo Dieguez relata a trajetória de Luiz César Fernandes. Em 2002, o personagem montou um banco e alguns meses depois

fechou as portas do empreendimento bilionário. O fato, já repercutido socialmente, é atualizado e o relato é ampliado, com a perspectiva do presente, ou seja, como vive o ex-banqueiro anos depois de o fato principal ter ocorrido.

Em *piauí* esse aprofundamento é preponderante nas reportagens, ancorado por facilidades no processo e pelo espaço destinado a cada narrativa. Bulhões (2007) constrói argumentações na mesma direção:

Ultrapassando o simples anunciar do acontecimento, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões. (BULHÕES, 2007, p. 45).

Como versa o autor, a Guerra de Secessão ou Guerra Civil dos Estados Unidos mobilizou correspondentes no local do acontecimento e isso impulsionou a necessidade da presença do repórter:

A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço essencial do gênero: a necessidade do jornalista – o repórter – no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos. (*Ibidem*).

Um dos autores brasileiros cujo registro dos acontecimentos foi feito a partir do palco das ações é Euclides da Cunha, correspondente de *O Estado de São Paulo* na Batalha de Canudos, em 1897. Posteriormente, parte das narrativas, escritas de forma descritiva, expositiva e através de uma apuração acurada, serviu de base ao seu consagrado livro “*Os Sertões*”.

Avançando nos conceitos e adaptando-os a esta metodologia, Motta⁹ defende a compreensão dos acontecimentos jornalísticos como

⁹ Disponível em

http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coord4_luiz_gonzaga_motta.pdf. Acesso em 14 de maio de 2011.

narrativas do presente. Seria também essa uma noção para o jornalismo, entendido como uma narrativa que tece a atualidade. Medina (2003) utiliza a expressão “narrativas da contemporaneidade”. Além disso, é também um esforço de organizar o “caos”. Este, por sua vez, acontece pela quantidade de informações e situações dispersas, as quais o jornalismo assumiu a função de arranjar.

Quando Olinto (2008) notou a notícia, mensagem, reportagem como tudo o que busca uma comunicação, incluiu todo homem, sempre com notícias a transmitir, seja de seus amigos, lugares ou de si mesmo. Porém, ao mesmo tempo atribui um diferencial e uma função especial ao jornalista ou, como delibera, artista:

O importante, para o artista, é colocar na aparente gratuidade dessas notícias, um sentido capaz de permanência, uma mensagem que consiga atingir o ponto em que todos os homens se unem, a essência humana das pessoas, onde o tempo não tem presença. E o importante, para o jornalista, é realizar essa tarefa para um dia determinado e, muitas vezes, para um espaço previsto, sem deixar que a pressão, a que se submete, o leve ao caminho da facilidade de estilo, que corresponde, geralmente, a uma leviandade de sentido. (OLINTO, 2008, p. 16).

Para ele, trata-se de uma contínua luta pela fixação de realidades, uma tentativa de captar, nos acontecimentos cotidianos, algumas verdades particulares e permanentes da vida do homem. No mesmo sentido, Paul Ricoeur pondera as narrativas como um meio de reconfigurar a nossa confusa e difusa experiência temporal: “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. (1994, p. 15).

Para o autor, como também arguiu Motta (2007), a força narrativa dos enunciados noticiosos não está nas qualidades narrativas intrínsecas ao texto (estruturas) das notícias e reportagens, nem nos estilos ou gêneros jornalísticos (descrição x narração etc.), mas principalmente na compreensão da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de lidar com o tempo, domar o presente, mediar a relação entre um mundo temporal e ético e um mundo refigurado pelo ato de leitura. Portanto, de ordenar compreensivelmente o desenvolvimento caótico do contemporâneo.

Ao mesmo tempo, Motta concorda com Ricoeur e apóia-se na antropologia cultural para argumentar que compreender uma história é entender, ao mesmo tempo, a linguagem do “fazer” e a tradição cultural, da qual procede a tipologia das intrigas. Assim, para analisar as tramas elaboradas pela revista, precisamos conhecer o contexto da sua criação e ter o máximo de informações sobre a construção das narrativas.

2.2 O INTRIGANTE SURGIMENTO DE UM PARAFUSO A MAIS: O CONTEXTO

A edição “número 0” da *piauí* foi desenvolvida especialmente para a Festa Literária de Parati (Flip), evento anual na cidade de Parati (RJ). Por si, este é um indício de se tratar de uma equipe de intelectuais e um público específico, que também gosta de ler.

Para os editores, a mistura incomum de reportagens políticas com histórias em quadrinhos, revelações do mundo econômico com poesia, perfis de esportistas com tolices bem humoradas agregou uma faixa de leitores que estava ausente nas revistas: os jovens. A constatação vem dos dados da *Abril Assinaturas*, pois atestam uma vendagem duas vezes maior em bancas próximas às grandes universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife.

De certa forma, isso demonstra que os leitores não se definem por gênero, idade ou faixa de renda, conforme as tabelas a seguir. O denominador comum seria, então, a escolaridade:

São pessoas com capital intelectual, que já ocupam posições de liderança ou estão a caminho de um dia liderar, seja nas redações, no poder ou nas universidades. Quanto mais a educação se universalizar no Brasil, mais leitores terá a *piauí*. (ARQUIVO ELETRONICO, 2010)¹⁰.

¹⁰ Disponível em

http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau_abril2011_site_atual_consolidado2010.pdf. Acesso em 20 de junho de 2010.

Tabela 1 - Escolaridade dos leitores

Escolaridade	%
Continua Estudando	32%
Superior Incompleto	13%
Superior Completo	67%
Pós-Graduação	23%

Fonte: Ipsos Marplan¹¹

Tabela 2 - Sexo dos leitores

Sexo	%
Masculino	59%
Feminino	41%
Total	100%

Fonte: Ipsos Marplan

Tabela 3 - Idade dos leitores

Idade	%
10 a 17	4%
18 a 24	22%
25 a 34	24%
35 a 49	31%
Acima de 50	19%
Total	100%

Fonte: Ipsos Marplan

¹¹ *Ibidem.*

Tabela 4 - Classe socioeconômica dos leitores

Classe Social	%
A	30%
B	54%
C	16%
Total	100%

Fonte: Ipsos Marplan

Pelos dados anteriores, também se justifica o lançamento na Flip. Como é perceptível, a maioria dos leitores da revista possui um curso superior completo e até mesmo pós-graduação, além de fazer parte das classes sociais A e B.

O evento literário foi em setembro de 2006 e desde então o mercado editorial acompanha o aumento do número de pessoas que se identificam de alguma forma com a proposta editorial. Por si só, o surgimento da *piauí* foi um acontecimento. João Moreira Salles é cineasta e contou com a colaboração de nomes como o editor da *Companhia das Letras* Luis Schwartz e jornalistas consagrados, remanescentes de veículos de comunicação como *Veja*, *Folha de São Paulo*, entre outros, como Marcos Sá Corrêa e Mario Sergio Conti.

Além disso, os temas percorrem a concepção de Salles de que na revista quase tudo é permitido: política, literatura, economia, televisão, arquitetura, cinema, futebol e odontologia, “contanto que o dentista seja interessante, ou o tratamento de canal, revolucionário”¹².

Ao mesmo tempo, isso revela a busca por aspectos inusitados e também certa ambição por tornar-se uma publicação transgressora em relação a alguns processos, técnicas de apuração e redação, bem como o formato, com características que já eram encontradas em veículos de comunicação como a revista *Realidade* e *O Pasquim*, mas não são usuais na imprensa diária.

A intenção de transgredir esses aspectos hegemônicos é reforçada já na capa da edição número um, de outubro de 2006. A ilustração, feita

¹² Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/images/download/pdf/midia.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2009.

pelo artista gráfico Angeli, mostra uma geladeira e sobre ela um pinguim vestindo um chapéu ao estilo que *Che Guevara* usava.



Figura 1 - Capa da edição 1

Na segunda edição, a figura do próprio personagem estampou a capa. *Che* foi um dos revolucionários mais conhecidos da história latino-americana e ao fazer alusão a ele supõe-se uma identificação com o espírito transgressor ou uma crítica irônica à posição ocupada por ele no imaginário cultural. Além disso, há na composição o personagem Bart Simpson, também considerado rebelde na história da qual faz parte.



Figura 2 - Capa da edição 2

Na estrutura do acontecimento observada na revista, as reportagens se conectam pela intenção de revelação, ou seja, contar algo

supostamente desconhecido do leitor. Embora este seja o escopo de qualquer publicação ou reportagem, em *piauí* também está presente o peculiar e até o exagero, mas sobretudo a busca pelo singular no desconhecido e talvez irrelevante para outros veículos de comunicação.

Dines (1986) concebe o jornalismo como ordenação da novidade e rotinização do inesperado ou o seu corolário, ou seja, a quebra intencional e programada das normas, para despertar a atenção pelo contraste. Diante do caos, as narrativas da *piauí* parecem se ancorar justamente no contraste, como se o que permeasse os anseios e diferenciasse um acontecimento normal do acontecimento jornalístico fossem duas perguntas aparentemente simples: “É interessante?” e “Já foi contado?”.

Uma elucidação disso é a reportagem escrita por Vanessa Barbara na primeira edição. Sob o título “*Bom-dia, meu nome é Sheila*”, um texto bem humorado acompanha os personagens em busca da formação de atendente de telemarketing. Normalmente, estes são nomes secundários em reportagens de economia ou sobre trabalho e emprego, escoltados por empresários e especialistas. Contudo, na revista o acontecimento é o atendente como protagonista, a rotina, a identidade, as dificuldades e desafios da profissão.

Assim, o tema poderia ser definido como “profissões inusitadas”, pois observamos a preferência por trajetórias diferenciadas, como médico legista, ascensorista, depiladora, perito policial, grafiteiro e outras funções incomuns nos noticiários.

Outro exemplo é a reportagem “*Consertos e concertos*”, analisada nos próximos capítulos. Lançada na edição 10, de julho de 2007, enfoca o mecânico Alexandre Louzeiro Ribeiro, também violinista da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro. A abordagem, em ambos os casos, é a história dos personagens, partindo de um tema, mas atingindo o cotidiano, de forma humanizada.

Parece desnecessário falar em jornalismo humanizado, ao constatarmos que o jornalismo só existe por alguém e para alguém, pois isto deixa o pressuposto da existência de um jornalismo “desumano”. Por outro lado, “*Bom dia, meu nome é Sheila*” e outras reportagens da *piauí* aclararam alguns paradigmas do jornalismo. O primeiro ultrapassa o campo: a invisibilidade, ilustrada pela valorização de fontes oficiais.

Fernando Braga da Costa, no livro *Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social* (2004), descreve esta como uma espécie de cegueira psicossocial, a qual elimina do campo de visão aqueles condenados a exercer uma atividade subalterna, desqualificada, desumanizante e degradante. Já a jornalista Eliane Brum (2006), no

livro *A vida que ninguém vê*, traz diferentes histórias de personagens anônimos que fazem refletir sobre esse tema.

O segundo paradigma é a supremacia de temas, com pessoas como fontes, capazes de concordar ou discordar de dados, fatos ou outras fontes. Nesta perspectiva, até mesmo personagens fora da camada “invisível” da população são muitas vezes reduzidos a cargos e posições sociais. Humanização, melhor explorada posteriormente, e invisibilidade constituem-se assim como serialidade.

Nos mesmos exemplos também percebemos o ineditismo como um dos valores condicionantes da estrutura do acontecimento na revista. Mesmo aos acontecimentos já conhecidos são impressos traços de novidades, senão informações novas, abordagens que causam estranhamento pelo humor e pela forma como são construídas. Isso constitui uma serialidade conforme encontramos características semelhantes em outras edições.

Ainda na primeira edição há uma reportagem sobre um fato do passado: a entrevista de Fidel Castro ao jornalista Herbert Matthews, editorialista do *The New York Times*, durante a Revolução Cubana. Por outro lado, faz parte de algo novo: o lançamento do livro “*O homem que inventou Fidel Castro*” (*Companhia das Letras*), escrito pelo jornalista Anthony Depalma, também do *The New York Times*. Como escreve a editora Dorrit Harazim, no comentário sobre a reportagem, trata-se de um capítulo do livro publicado “em primeira mão” pela *piauí*.

Outro exemplo é a reportagem “*Todos contra Daniel Dantas*”, da edição número 9, de junho de 2007, escrita por Consuelo Dieguez. O subtítulo é um *lead*, mas com verbos não convencionais em construções jornalísticas: “*Depois de brigar com sócios, assessores e com o governo, o banqueiro se enroscou na armadilha que ele mesmo construiu*”. É, ao mesmo tempo, economia, política e um perfil do banqueiro. São seis páginas sobre a história do personagem, enfatizando os fatos relacionados à abordagem principal, ou seja, como chegou à situação exposta no subtítulo. A serialidade, nesse caso, acontece com uma característica inversa à invisibilidade: através da história das maiores personalidades políticas e econômicas. A antítese reforça a ideia de uma revista feita por intelectuais e para um público intelectual, ávido por temas e enfoques distintos.

Outro adjetivo passível de ser atribuído à serialidade das narrativas é o “estranho”, ou seja, temas instigantes por trazerem informações raras. Nessa senda segue a reportagem “*Dormir, nunca mais*”, feita pelo jornalista e escritor americano D.T. Max e publicada na edição 6, de março de 2007. O estranhamento começa na afirmação

enfática do título e é acrescido por informações curiosas no subtítulo: “*A misteriosa moléstia que há mais de séculos mata de insônia membros de uma família Veneziana, quando eles chegam aos 50 anos. É provocada por uma proteína que causa também a doença da vaca louca*”.

Ao usar palavras como “misteriosa” e relacionar à doença da vaca louca o autor gera curiosidade. A narrativa obedece a uma ordem cronológica, iniciando em 1791, ano de nascimento do primeiro atingido pela moléstia, e termina com o relato em primeira pessoa do paradeiro da doença nos dias da apuração.

No início, Max enfatiza o porte físico, como se descartasse a possibilidade da doença ter surgido por debilidade. O segundo parágrafo também revela informações intrigantes, como a condição social da família e os sintomas:

Giacomo teve três filhos que sobreviveram à infância. Um deles, por sua vez, teve seis filhos. Ao longo do século e meio seguinte, seus descendentes prosperaram. Alguns se tornaram médicos eminentes e homens de negócios. Um deles possuía 130 apartamentos em Veneza, inclusive um palazzo no Grande Canal. Enquanto a família enriquecia, aumentava o índice macabro de mortes prematuras de seus integrantes. Os livros de registro paroquiais trazem, ao longo das décadas, anotações curiosas a respeito da causa mortis deles, tais como “epilepsia e febre” e “febre gástrica nervosa”. [...] A causa da morte era, na verdade, sempre a mesma: insônia familiar fatal, IFF, uma doença genética, formalmente identificada apenas em 1986. (PIAUI, MARÇO DE 2007, p. 25).

As raridades são narradas a cada parágrafo. Uma delas é a reação dos vizinhos e as dificuldades encontradas para fazer um seguro de vida:

Na região do Vêneto, na Itália, onde ainda reside a maior parte da família, difundiu-se há tempos a história de uma família amaldiçoada por uma enfermidade estranha. Os aldeões falam do assunto pelas costas da família. Embora as mulheres em geral sejam lindas, e a família seja culta e próspera, é difícil casar. Os membros da família não conseguem fazer seguro de vida.

“Tentei fazer um seguro, outro dia”, disse Elisabetta Roiter, tataraneta de Giacomo, “e depois que preenchi a ficha, a funcionária perguntou: ‘E em qual estágio da doença da família a senhora se encontra?’” (*Ibidem*).

Até mesmo a reação dos meios de comunicação se transforma em acontecimento na narrativa. Esse trecho justifica a relação com a doença da vaca louca, feita no subtítulo. Segundo o autor, ao saber da doença a imprensa “afiou as garras” e relacionou à enfermidade surgida na Europa, hipótese comprovada posteriormente. Isto através de Stanley B. Prusiner, professor da Universidade da Califórnia, em San Francisco. Ele realizou pesquisas e comprovou não se tratar de maldição, mas de uma moléstia: explicável, portanto.

A descoberta rendeu ao professor o Prêmio Nobel de Medicina, em 1997, e neste trecho ele recompõe a trajetória do pesquisador, trazendo inúmeros dados científicos. Por outro lado, admite que para a família o Nobel não fez muita diferença. “*Eles continuam a morrer. Alguns começaram a se perguntar se faz sentido passar por todos esses transtornos - os exames de sangue, a publicidade, a discriminação*”. (*Ibidem*).

Mesmo com a constatação de se tratar de uma doença, há uma probabilidade instigante: a insônia fatal ocorre em uma a cada 33 milhões de pessoas, mas na família a proporção é de um para dois. O fato fez cientistas associarem a realidade à ficção, conforme o relato:

A patologia cruel da IFF mexe com a imaginação, mesmo a dos cientistas. Um pesquisador de prions me contou que a família de Elisabetta trazia à sua memória os habitantes da cidade de Macondo, que não dormiam, congelados em seu “estado de lucidez alucinada”, no romance Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez. (*Ibidem*, p. 27).

Interessante perceber, Max ousa fazer a própria comparação, em primeira pessoa, no trecho seguinte:

Já eu não parava de pensar nos contos de Edgar Allan Poe, em que a fronteira entre a consciência, o sono e a morte fica ameaçadoramente difusa. Em especial, o conto “Fatos do caso do senhor

Valdemar”, em que um médico narra a história de um paciente que, embora sem sinais vitais, ainda é capaz de responder perguntas por meio de hipnose. [...] Após mais dois meses de doença, vemos na fita o seguinte: uivos no meio da noite, os braços e as pernas retorcidos em volta de si mesmos. Nos últimos dias de vida, ele jaz inerte, em uma nulidade contraída e esgotada. “O senhor está morto?”, pergunta o médico a Valdemar, no fim do conto de Poe. A resposta de Valdemar é de dar calafrios: “Pelo amor de Deus, rápido!... rápido!... faça-me dormir... senão, rápido!... acorde-me!... rápido!... eu lhe digo que estou morto!” Assim era Silvano. (*Ibidem*).

Como há metáforas no texto, outro aspecto curioso é a imagem utilizada para ilustrar esta reportagem. Não são os personagens ou o médico, mas uma ilustração que remete a ideia contida no texto, de eternidade. A linguagem da foto é poética e traduz a ideia de que, se não dormirem nunca, também não será mais necessário uma cama:



Figura 3 - Dormir, nunca mais

Assim, tanto através da linguagem visual quanto escrita, mesmo com todos os relatos científicos, a doença encaixa-se no “estranho” e possivelmente por isso tornou-se acontecimento jornalístico.

Esse “estranho” também é encontrado em outras reportagens como “*Cuidado, tinta Fresca*”, escrita por Cassiano Elek Machado, e

“*Quadrados em disputa*”, feita por Dorrit Harazim, ambas da edição 17, de fevereiro de 2008.

Na primeira narrativa, o autor percorre um shopping e revela aspectos do mundo artístico, enfocando principalmente as falsificações de obras de artistas brasileiros como Guignard. No segundo exemplo, Harazim faz uma brincadeira no subtítulo, gerando uma construção que sugere um embate: “*No reino dos cultores de palavras cruzadas não é de bom-tom pronunciar a palavra sudoku. As duas tribos, definitivamente, não se bicam*”.

Já na edição 36, de setembro de 2009, a reportagem “*A Diferenciada*”, além de sugerir estranheza, apresenta outra característica que condiciona a narrativa e aparece como estratégia: a ironia. O repórter Roberto Kaz acompanhou os preparativos e a festa de 15 anos de Caroline Grendene, filha de um empresário do setor de calçados. Se tratada de forma literal, não condiz com a proposta da revista. Embora isso não esteja relatado explicitamente, há uma intenção de ironizar o “exagero”. Os fatos escolhidos são para reforçar a ostentação de poder dos personagens, principalmente da mãe da aniversariante, Simara Sukarno:

Costuma se vestir com roupas com o nome da grife aparecendo, combinando com um dos seus 560 pares de sapatos. [...] Além da filha Caroline, o apartamento é habitado por três cachorras tamanho PP: a maltês Taylan (“flor de pessegueiro em Mandarim”), e as yorkshire Meylin (“viver em harmonia”, na mesma língua) e Belinha. As três têm direito a banheiro e armário próprio, onde Simara guarda roupinhas de estampas esportivas, chinesas ou japonesas, além de perfumes, tiaras, lacinhos e ossos artificiais de todos os tipos. [...] Quando as leva para passear, Simara costuma vestir casaco Prada Sport, jaqueta Versace ou, em dias mais quentes, um conjunto Juicy Couture [...]. (PIAUI, SETEMBRO DE 2009, p. 34).

Essa ostentação é ilustrada também através da imagem. A composição é cheia de significados, mostrando ao mesmo tempo diversos aspectos citados texto, como os animais de estimação, a exposição à mídia e os empregados, sempre a serviço, enquanto ambas se preparam para a esperada festa.



Figura 4 - A Diferenciada

Mesmo a ironia presente em diversos trechos, assim como outras figuras de linguagem evidenciando a exuberância desmedida, o risco está em considerar apenas o sentido literal. Na edição seguinte, o espaço para cartas dos leitores trazia ao menos duas contrariando o possível intento da matéria:

Ao terminar de ler a reportagem “A diferenciada” (piauí_36, setembro de 2009) não sei dizer realmente o que senti: irritação, frustração... provavelmente as duas coisas. Irritação porque o conteúdo da matéria foi muito infeliz e desnecessário, para não dizer outra coisa. Até acho que “Uma linha sobre Michael Jackson” teria sido menos irritante. E frustração porque continuei a ler a reportagem acreditando que em algum momento houvesse ali, naquelas quatro páginas, no meio de tanta asneira, algum comentário a lá piauí ... não encontrei. Tirando isso a leitura foi ótima. Caio Esper _ São Paulo/SP. (PIAUI, OUTUBRO DE 2009, p.80).

A reportagem só tem frivolidades de uma mente que vive fora de nossos dias. Leio desde sempre a piauí, mas nessa vocês desperdiçaram papel, pois não vi absolutamente NADA [grifo da revista] de útil nem politicamente correto. Mas fazer o quê? Quem não vai nas feias não merece as bonitas. Ângelo Demore_Caxias do Sul/RS. (*Ibidem*).

Segundo Cherubim, a ironia é uma figura de linguagem “pela qual se diz o contrário do que se pensa, com intenção sarcástica” (1989, p. 41). Complementando, para Brait (1998) a ironia trabalha de forma dialógica ou intersubjetiva, isto é, exige do interlocutor um determinado posicionamento, pois caso contrário o efeito pode não se concretizar. Portanto, a construção do sentido depende de quem diz, mas também do leitor e, por assim dizer, o intuito na produção do discurso em “*A Diferenciada*” não se concretizou com estes dois leitores.

Ainda nesta matéria, em outro trecho Simara diz ter estudado economia na universidade americana *Harvard*. Porém, a instituição não tem registro do fato. Este é um dado obtido através de uma apuração preocupada em ir além das afirmações do personagem durante a entrevista.

Isso é possível, sobretudo, pelo tempo disponível para a captação e outro exemplo é a reportagem “*Mares nunca dantes navegados*”, da edição 34, de julho de 2009. O objetivo da narrativa é contar a história da então Ministra da Casa Civil Dilma Rousseff. Ao checar as informações, o repórter Luiz Maklouf Carvalho descobriu algumas inconsistências.

O site oficial da Casa Civil informava que a ministra é mestre em teoria econômica pela Universidade de Campinas (Unicamp) e doutoranda em economia monetária e financeira pela mesma universidade. Da mesma forma, na Plataforma *Lattes*, a base de dados de currículos e instituições das áreas de ciência e tecnologia, o currículo de Dilma Vana Rousseff registrava um mestrado em ciência econômica, na Unicamp, em 1978-1979, com a dissertação “Modelo energético do estado do Rio Grande do Sul”, sob a orientação do professor João Manoel Cardoso de Mello.

Além disso, conforme a reportagem ela começou, em 1998, um doutorado em Ciências Sociais Aplicadas, mas não há o nome do orientador nem do projeto supostamente em andamento. Na sequência, o autor traz os caminhos de sua apuração e como descobriu os equívocos nos dados do *lattes* e da Casa Civil:

“Dilma Vana Rousseff nunca se matriculou em nenhum curso de mestrado na Unicamp”, informou o diretor de registro acadêmico Antônio Faggiani. Pedi que, além de consultar no sistema informatizado, ele verificasse também o arquivo morto, que abriga os documentos em papel da Unicamp. Isso feito, Faggiani confirmou a

informação: “O que existe, oficialmente, é a matrícula no curso de doutorado, em 1998, abandonado em 2004, quando acabou o prazo para a integralização dos créditos.” (PIAUI, JULHO DE 2009, p. 29).

A apuração continua com o discurso da ministra, diante da incongruência dos dados.

Fiz o curso de mestrado, mas não o concluí e não fiz dissertação. Foi por isso que voltei à universidade para fazer o doutorado. E aí eu virei ministra e não concluí o doutorado.’ Em resumo, o site da Casa Civil está errado: Dilma não é nem mestra nem doutoranda. (*Ibidem*).

Esse acontecimento, revelado pela revista, se transformou em manchete de outros veículos de comunicação. Ou seja, uma revista mensal pautou, inclusive, o jornalismo diário, que valoriza mais o caráter factual e imediato do presente. Neste caso, no entanto, prevaleceu outra característica de um fato para se tornar jornalístico: a novidade.

De certo modo, esses exemplos ilustram que o jornalismo pode ser do presente sem necessariamente significar imediato e ser novo sem obrigatoriamente ter acontecido no dia anterior. Essa capacidade dá ao jornalismo a possibilidade de se transformar em arte e até mesmo em literatura, conforme a associação feita por Olinto, para o qual: “O dilema, perigoso e sutil, que o jornalista tem de enfrentar, é o da atualidade e da permanência” (2008, p. 42).

Durante os meses de captação, outro jornal ou revista poderia revelar as informações antes. Ainda assim, o repórter optou pelo término da apuração e muitos dados continuaram novos.

Partindo deste exemplo, outra serialidade temática perceptível ao longo das edições é a relevância de líderes políticos e personalidades da política, economia e artes.

A leitura diária da imprensa nos permite perceber uma predominância de histórias de vida de personalidades, principalmente através do gênero perfil, em voga na *piauí*. Vilas Boas (2002) define o perfil como um texto biográfico curto, também chamado de *short-term biography*, publicado em veículo impresso ou eletrônico, com episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Além disso, o texto pode ser construído de várias formas.

Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer). (VILAS BOAS, 2002, p. 93).

Para Sodré e Ferrari (1986, p. 127), o perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida.

O desejo de conhecer o oculto sob as câmeras e a aparente perfeição das personalidades confere força e estimula a permanência do gênero em muitos veículos de comunicação. Por outro lado, como destaca Vilas Boas (2002), a fuga ao hegemônico não é algo recente. Em *The New Yorker*, tradicional revista cultural-literária americana, fundada em 1925, repórteres como Joseph Mitchell escreveram centenas de perfis não restritos a personagens do *showbiz*. Outro exemplo é Lincoln Barnett, repórter da revista *Life* entre 1937 e 1946. Ele ajudou a popularizar o perfil como modalidade jornalística pelo mundo afora, embora exista nos meios de comunicação há cerca de duzentos anos.

Para Vilas Boas (2002), somente a partir da década de 1930 jornais e revistas começaram a dar atenção e espaço a reportagens preocupadas apenas com um personagem, objeto ou lugar. *The New Yorker* é considerada a precursora do gênero, mas depois outras revistas como *Esquire*, *Vanity Fair* e *Harper's* também adotaram a modalidade.

No Brasil, a revista *Realidade* é citada como o veículo que mais valorizou o perfil em seu tempo. Ela apresentava algumas características ainda hoje determinantes da apuração e da constituição da narrativa: imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas como autores e personagens; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da, às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS BOAS, 2002).

Na revista *piauí*, edição após edição, observamos as características citadas, conforme as percepções de cada repórter. Uma vertente opta por personagens anônimos, mas outra privilegia a história de personalidades. O denominador comum entre as duas é a escolha por

caminhos inusitados e a busca pelo desconhecido, mesmo difícil de ser apontado, sobretudo quando os personagens possuem uma vida pública notável e esta parece ser constantemente explorada pela curiosidade alheia.

É o caso de Ciro Gomes, protagonista de “*A oligarquia irritada*”; do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em “*O Andarilho*”; de Hugo Chávez e Evo Morales em reportagens como “*Na Venezuela e na Bolívia*”; de Cristina Kirchner, em “*A presidência familiar*”; de Iberê Camargo, em “*Fortaleza de Solidão*”, além de Antonio Palocci, Dima Roussef, José Serra, Marina Silva e muitos outros.

Além disso, a serialidade temática também alcança o tempo histórico, como em “*O espectro da Revolução*”, sobre a Revolução Estudantil na Europa na década de 60, publicada em maio de 2007. Na mesma edição, encontramos várias páginas sobre a tortura, constituindo quase uma revista temática. A tortura é registrada sob diversos aspectos, históricos e contemporâneos, melhor explorado nos próximos movimentos.

Conforme pontua Park (1976), os acontecimentos que fizeram notícia, no passado e no presente, são esperados, como nascimentos e mortes, casamentos e enterros, condições das colheitas, a guerra, a política e o tempo. Na concepção de Medina (1996), na história do jornalismo se delineiam algumas balizas quanto a um fato poder ou não gerar as representações simbólicas denominadas notícia. Para explicar, sugere:

Enumeram-se entre outras, as seguintes: a informação tem “gancho” se presentificar ao real imediato, se sua significação social e humana atingir a muitos por seus valores locais e/ou universais, se contiver síntese expressivas de mitos existentes plenamente identificáveis pelas massas anônimas dos contextos urbanos e industriais. Então, o fato notícia passa à codificação processada pelos mediadores sociais ou institucionalizada na comunicação social. (MEDINA, 1996, p.13).

De fato, um dossiê sobre a tortura não é algo extraordinário. Porém, os enfoques registrados não são usuais. Há um visível esforço para sanar curiosidades, ou seja, trazer o acontecimento à luz de novas informações e contar uma versão diferente daquela já conhecida.

O mesmo acontece em “*O modelo Vitória*”, reportagem de Luiz Maklouf Carvalho, publicada na edição 21, de julho de 2008. O subtítulo narra a primeira contradição do “modelo” e condiciona a leitura às outras diferenças entre a teoria e a prática: “*O assentamento-símbolo do Movimento Sem Terra é uma ilha sem propriedade privada, com casas grandes e mesa farta, mas que usa bóias-frias para dar conta do trabalho de cortar e carregar cana.*”

Certamente, por ser considerado um local exemplo, diversas outras reportagens já foram feitas na imprensa. Somente um estudo comparativo permitiria apontar aproximações com esta abordagem, mas considerando o anseio da revista de trazer novos enfoques e a observação da realidade como algo tradicional, mas não convencional no jornalismo, é possível sugerir algumas diferenciações.

Para constituir a reportagem, o jornalista conheceu a rotina da comunidade e isto fica claro na narrativa, pois descreve com detalhes esse dia a dia. A observação da realidade não é algo novo na imprensa. Já era encontrada no início do século XX na metodologia de João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido por João do Rio e apontado como o “pai” da reportagem no Brasil. (MEDINA, 1988).

A principal inovação de João do Rio está na apuração, pois amplia as possibilidades de captação de informações e assim altera a estrutura da notícia através da contextualização dos fatos, como também ocorre na *piauí*. De acordo com Medina, até então não era comum sair às ruas, observar os acontecimentos e conversar com as pessoas, não apenas grandes personalidades, mas anônimos, sobre qualquer assunto, conforme sintetizou sobre a metodologia de Barreto:

- a) Observação da realidade.
- b) Coleta de informações, por meio da entrevista a fontes específicas (ex – a enquete no *Momento Literário*), a fontes anônimas (reportagens, crônicas de tipos e situações), ou a fontes imprecisamente identificadas (Reportagens como “Religiões do Rio”).
- c) A Ampliação da informação nuclear em um certo aprofundamento de contexto, de humanização e de reconstituição histórica.
[...] E quanto ao tratamento estilístico:
Descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador.
O diálogo repórter/fonte.
O ritmo narrativo da reportagem.

A frase e os recursos literários. (MEDINA, 1988, p. 54).

Algumas críticas são apontadas, como a inexistência de uma linha clara entre o real e a ficção. Contudo, a sua utilização na atualidade demonstra a pertinência e a consonância com a tradição do jornalismo. Além da credibilidade do veículo, principalmente através da descrição, muito utilizada em “*O modelo vitória*”, há referências da realidade cuja estratégia é dar segurança de que não se trata de uma história inventada:

Danuza saiu da Kombi com cara de sono. Vestia calça jeans e blusa de malha rosa, com um moletom marrom-claro por cima. Tem 20 anos e 2º grau completo. Aguarda vaga num dos cursos universitários que têm convênio com o MST. [...] Espantou o sono carregando as caixas vermelhas que o pai lhe passou por uma janela da câmara fria. Transportou cada uma das 26 caixas com dez saquinhos de leite até lotar a Kombi. Cada saco tem a inscrição: “Copavi - Leite integral pasteurizado - Produto da reforma agrária - Indústria brasileira.” (PIAUI, JUNHO DE 2008, p. 30).

Através da constatação da cara de sono da personagem, da descrição das roupas e dos dados precisos, acreditamos estarmos diante da realidade, mesmo restrita ao olhar do repórter. Ele escolheu relatar estes aspectos, mas, em detrimento, não sabemos quantas pessoas estavam ali, as histórias e detalhes descartados. Embora seja importante apontar esta reflexão, ela não será aprofundada, pois, ao menos para este momento da pesquisa, o mais significativo é considerar como as características se repetem a ponto de constituírem uma serialidade.

De modo geral, as narrativas trazem consigo reflexões comuns, conflitos sociais e culturais, apontam incoerências e contradições. Um objetivo claro de causar estranhamento em relação a uma situação aparentemente estável. Isto usualmente é feito através de uma vivência da realidade, normalmente descrita em ordem cronológica. Luiz Maklouf Carvalho inicia a narrativa às 3h30 da manhã, percorre diversos momentos do dia e finaliza à noite:

Era noite quando Daniela Calza, a filha mais velha de Ildo, despediu-se da família. Daniela é o bebê com o qual o pai desafiou a polícia numa invasão, há 22 anos. Ela estava a caminho da estação rodoviária de Paranacity, para tomar o ônibus e chegar a Lapa, do outro lado do Paraná, onde cursa a Escola Latino-Americana de Agroecologia, do Movimento dos Sem Terra. São três meses lá e três meses no assentamento, praticando o que aprende. (*Ibidem*, p. 31).

Como é possível perceber, a cronologia agrega também informações históricas e dados provenientes de entrevistas. Conforme Medina (1988), esta é igualmente uma contribuição de João do Rio ao jornalismo brasileiro e hoje o método parece inerente ao dia a dia, pois serve para dar suporte, orientar, fornecer as informações necessárias para a construção de uma narrativa. O entrevistado, nesse caso, atende às solicitações, de acordo com a pauta ou tema previsto. Segundo Medina:

[...] a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (MEDINA, 1988, p. 8).

Na prática, é através dela que conseguimos diversas informações. Nesta reportagem, embora as descrições sejam importantes, o depoimento de cada personagem foi determinante à construção. Mesmo trazendo as contradições, o final, como em boa parte das reportagens, traz uma projeção normalmente esperançosa sobre o futuro. Como se, mesmo uma notícia triste, possa ter um “final feliz”. Essa perspectiva vai de encontro ao ponto de vista de Olinto, para o qual “[...] o jornalismo é uma transplantação, para o papel, das necessidades diárias que o homem sempre teve: de amor, de conforto, de alimento, de aplauso, de justiça. E a obra de arte sai desse mesmo bojo informe em que se plasmam os ódios, as vitórias, as alegrias, os êxtases, os fracassos.” (2008, p. 24).

Dines (1986) também estreita a relação entre o produtor e o receptor dos sentidos, o que pode justificar o otimismo das finalizações:

O jornalista se relaciona com o leitor como um psicanalista com seu paciente, um marido com sua mulher, o pai com seu filho. São espelho um do outro, reflexos, continuidades, interações, parte, enfim, de um mesmo processo. O jornalista é o intermediário da sociedade, tem dito o sociólogo americano Lazarsfeld. (DINES, 1986, p. 118).

Essa postura positiva ocorre na reportagem já citada “*Dormir, nunca mais*”, finalizada com o depoimento de uma das atingidas pela insônia permanente: “[...] *Não existe cura. Talvez venha a existir, algum dia, mas agora não existe. Prefiro contar com a minha fé*”. E também em “*O modelo Vitória*”, findada pela possibilidade de um engenheiro florestal resolver o problema dos bóias-frias:

Dessa vez, havia um personagem a mais na despedida: o namorado, Allan Francisco Ferreira, de 26 anos, um engenheiro florestal que não é do MST. [...] Sobre o futuro, ela contou que o namorado gostou do que viu, e que achou que ele pode ajudar a resolver o problema. (PIAÚÍ, JUNHO DE 2008, p. 33).

Com esses exemplos, percebemos uma heterogeneidade de temas, embora haja elos entre eles. As profissões inusitadas, a fama e o anonimato, o estranho, a ironia, o raro, entre outros, se repetem em diferentes narrativas. Da mesma forma, alguns dos apontamentos feitos neste capítulo servem também aos próximos. “*Bom-dia, meu nome é Sheila*” traz uma interessante perspectiva da construção do personagem. “*A Diferenciada*” sugere uma metanarrativa em relação ao poder, a ganância. Além disso, já percebemos conflitos, estratégias comunicativas e aspectos posteriormente retomados e aprofundados. Desvendar essa teia de significados através da identificação dos conflitos é o próximo passo. Afinal, qual é o embate motivador de tantas perspectivas inusitadas?

3 DESVENDAR A TEIA

3.1 IDENTIFICAÇÃO DOS CONFLITOS E DA FUNCIONALIDADE DOS EPISÓDIOS

O cineasta estava certo e, ao menos até aqui, a história contada é feliz: mais pessoas querem ler o que ele e outros escrevem. Sujeitos com um parafuso ou, como traz a versão eletrônica da revista, um “clique” a mais, conforme o *slogan* de divulgação. Como outros aspectos, uma perspectiva presunçosa, se considerarmos um parafuso a mais como sinônimo de inteligência, intelectualidade e erudição. Por outro lado, de fato, os leitores começaram a descobrir o que fazem os políticos brasileiros nas horas de folga, as mentiras inventadas, as verdades conhecidas. A revista também evidenciou garis, atendentes de telemarketing e outros anônimos. Constantes que apresentam desordens, dualidades e ajudam a compreender melhor o indolente e instigante mundo contemporâneo.

Nesta perspectiva, este capítulo parte do pressuposto de que há pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico. Para Motta (2007), o conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente a jornalística. Assim, tornou-se especialmente importante identificar e analisar a funcionalidade dos episódios responsáveis por deixar significados suspensos, retardar a conclusão da história, aumentar a tensão e as perspectivas do leitor, pois isto revela estratégias pouco claras sem o processo analítico.

O primeiro conflito identificado na revista é seu próprio surgimento: para os idealizadores, não havia no país nenhum veículo de comunicação em circulação capaz de atender às suas expectativas. É uma crítica geradora de um embate com o restante da imprensa. Sobretudo porque querer ser diferente parece sinônimo de heterogeneidade, mas também qualidade.

Esse conflito se estende às narrativas, as quais buscam abordagens diversas de outros veículos de comunicação. Nos exemplos do capítulo anterior, alguns são evidentes, como as relações de poder em “*A Diferenciada*” e a incoerência entre a denominação “modelo” de cooperativa e a existência de bóias-frias em assentamentos. Como estes, muitos outros conflitos são encontrados.

Nesta e em outras reportagens, o extraordinário ou o incomum são tornados eventos e assumem uma função privilegiada na narrativa.

Porém, em alusão a outras publicações, que adotaram fórmulas “mágicas”: desde sugestões para conquistar um grande amor até como perder peso em uma semana, os editores definem as reportagens como expressões de diferentes aspectos da vida nacional. “Numa situação como essa, é melhor admitir a perplexidade do que prescrever receitas infalíveis de salvação. Não salvamos ninguém, estamos perplexos, mas somos muito curiosos”¹³.

Essa curiosidade seria responsável por afastar a equipe da seriedade taxativa de quem tem causas a defender e bandeiras a empunhar. Embora afirmem isto, há um privilégio claro por ironizar o poder, valorizar personagens anônimos, descobertas científicas, usuais na seção *Chegada*, e temas polêmicos, como a mudança de sexo, reportagem de capa da edição 43, de abril de 2010.

Novamente, fica implícita a intenção de distanciar-se de algo supostamente praticado na comunicação social, hegemônico. Uma visão romântica do próprio ofício, subentendendo uma admiração pela sua prática. Isso é reforçado quando explicam o modo peculiar de construir a realidade: pode vir da influência das leituras de criança, pois através delas teriam aprendido que nem sempre a lebre vence a corrida.

Se encararmos da mesma forma a temática de revistas consagradas na imprensa brasileira e a *piuí*, de fato percebemos uma diferença desde a escolha da pauta. Normalmente, a justificativa dos editores paira sobre a vontade do público, mesmo sendo praticamente impossível definir o que este quer ler. Dines dá uma noção simples dessa expectativa, na qual se ancora o jornalismo: “A atitude isenta traz em seu bojo a surpresa e o novo. É natural que o leitor procure um veículo que trate de oferecer algo inesperado” (1986, p. 64).

Não obstante, o novo e o inesperado muitas vezes estão camuflados em uma constante cíclica de eventos esperados e repetidos. Por isso, os temas considerados polêmicos, quando novidades, normalmente são tratados como jornalismo investigativo – melhor abordado nos próximos capítulos. No entanto, Solano Nascimento, no livro *Os novos escribas – fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil* (2010), pesquisou as principais revistas brasileiras e considerou que a maioria não faz jornalismo investigativo, mas jornalismo sobre investigações. Neste caso, não é surpresa encontrarmos abordagens e informações semelhantes, senão iguais, pois geralmente partem das mesmas fontes.

¹³ Disponível em <http://revistapiui.estadao.com.br/images/download/pdf/midia.pdf>. Acesso em 11 de março de 2011.

Há diversos indícios de um esforço da *piauí* para ir na contramão dessa afirmação. Como mencionado anteriormente, um dos acontecimentos revelados em primeira mão faz parte da matéria “*Mares Nunca dantes navegados*”. Através da apuração, Luiz Maklouf Carvalho descobriu que embora o site oficial da Casa Civil e o currículo na Plataforma *Lattes* afirmassem que a então ministra Dilma Roussef era mestre e doutoranda, os registros na universidade traziam outras informações.

Neste caso, o próprio tema é permeado de conflitos, pois há em torno da personagem interesses políticos, econômicos e anseios de todos os lados. Além disso, há leitores esperando uma perspectiva politicamente neutra, mesmo neutralidade não sendo um ponto pacífico no jornalismo. Sem entrar nessa discussão, ao deixar seu método explícito, o repórter consegue nos fazer acreditar nas informações e nos remete à busca pela verdade como preocupação com o interesse público.

Além disso, também é preciso considerar a necessidade de uma predisposição ao novo. É o que poderíamos traduzir como “faro jornalístico”, ou seja, a capacidade de perceber as potencialidades de um tema e tirar dele as informações possíveis e relevantes.

Para alguns, a falta de apuração aliada a pouca compreensão da realidade, sempre complexa, está ligada às comodidades tecnológicas. No entendimento de Marcondes Filho (1994), o poder deslocou-se para as máquinas e ocorreu um tecnocentrismo. Os meios técnicos expandiram-se e multiplicaram-se a ponto de ocupar espaços antigamente preenchidos pelos homens. Isso traz benefícios, mas ao transferir suas funções às máquinas o homem abre mão de grande parte de sua autonomia em relação ao controle das coisas, e ele mesmo é capaz de comportar-se como máquina:

No mundo tecnocêntrico, o homem submete-se a esse controle generalizado das máquinas, comportando-se, ele próprio, também, como uma espécie de máquina, tendo um número, uma função, vendo seu trabalho tornar-se um componente maquínico de todo sistema. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 29).

Para o autor, nesse contexto o homem precisa se desdobrar a uma situação na qual não são as pessoas que definem a maioria das decisões, mas certo tipo de “máquina” chamada racionalidade. Esta se opõe à criatividade e há quem diga que isso pode ter sido causado pela

deficiente formação humanística e estética dos profissionais da comunicação.

Enquanto isso, com ou sem a formação adequada, o desafio continua. Para Kovach e Rosenstiel (2003), a tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante em cada matéria e encontrar a mistura exata do sério e do menos sério. Neste sentido, argumentam:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade de fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente”. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 226).

Por sua vez, ao relacionar o jornalismo com a literatura, Olinto (2008) cita Maupassant e traz uma noção de reportagem autenticando a explanação dos autores americanos:

Maupassant usou uma técnica de narrativa direta, tem longas explicações de circunstâncias, procurando extrair, do “enredo”, o que nele houvesse de importante para que a história tivesse um interesse humano. A reportagem é exatamente isso. Ela também divide, seleciona, separa. Procura o objetivo, o importante, o significativo, o que de válido possa existir num fato. (OLINTO, 2008, p. 42).

Contudo, assim como Olinto cita o tempo e o espaço como desafios, para Kovach e Rosenstiel uma lista de problemas atravança o caminho, impedindo que as informações cheguem aos leitores de forma impactante: “pressa, ignorância, clichês, preconceitos, antolhos culturais. Uma matéria bem escrita, fora do clássico esquema da pirâmide invertida (onde, como, quando, quem, por quê), exige tempo. [...] E tempo é luxo que os jornalistas sentem ter cada vez menos” (2003, p. 227).

Portanto, com passos apontados pelos editores como cuidadosos, muitas vezes a *piauí* chegou à frente e, embora seja publicada mensalmente, alguns temas se transformaram em manchete de jornais

diários. Justificando essa curiosidade, a auto-definição do veículo é a preferência por desconfiar de quem não tem dúvida. A análise das reportagens sugere uma busca por informações e um diagnóstico semelhante à sugestão de Medina:

Assim a percepção e observação do real, disciplinadas para a narrativa da complexidade, neutralizam o comodismo simplificador das fórmulas de trabalho (do tipo responder esquematicamente ao quem, o quê, onde, quando, como e porquê). O enriquecimento do repertório de informações, conceitos e leituras sócio-culturais favorecem a interpretação e a inter-relação de dados. (MEDINA, 1996, p. 33).

No início de 2010, a imprensa discutia o caso do menino Sean, de nove anos, cuja guarda estava sendo disputada entre os avós maternos e o pai, o americano David Goldman. Enquanto os veículos de comunicação exploravam o drama através da história das famílias, a *piauí* elaborou uma reportagem, na edição 41, de maio de 2010, cujo protagonista foi o advogado Ricardo Zamariola Jr.

Na abordagem da revista, o defensor foi o responsável pela vitória do pai do menino, que obteve a guarda definitiva. Trata-se de um olhar diferenciado, buscando o sentido da notícia em algo aparentemente secundário. Já a narrativa se preocupa em contar um pouco sobre cada personagem, para o caso ser compreendido mesmo por quem não tenha lido em outros lugares. Mas, primordialmente, propõe-se a responder a indagação do subtítulo: *Quem é o advogado de 28 anos que venceu a mais célebre causa de direito de família dos últimos tempos – o caso Sean – e como ele viveu a maratona que antecedeu o embarque do menino para os Estados Unidos.*

Neste, como em outros casos, não é exagero recordar as especificidades do processo jornalístico da *piauí*. Ao tratar sobre as teorias da notícia e do jornalismo, Jorge Pedro de Sousa (2002) dá um espaço especial à “a tirania do fator tempo”. Para o autor, o tempo conforma a notícia e transcende a ação pessoal do jornalista, encontrando expressão nos constrangimentos sócio-organizacionais e socioeconômicos e na própria cultura profissional. Esta é a realidade da maioria dos veículos de comunicação, sobretudo os de periodicidade diária.

A periodicidade mensal – e a preferência pelo gênero reportagem, não notícia – contribui para esta lógica não ser tão contundente na

cultura profissional da *piauí*. Recursos financeiros suficientes também se sobressaem neste processo, além da política editorial adotada. Por outro lado, a análise apontou uma diminuição gradativa no tempo entre a apuração e a veiculação.

A reportagem “*Voluntário número 13*”, da edição 7, de abril de 2007, inicia com um relato que evidencia a data da apuração: “*O 24 de setembro é feriado em Barcelona, dia da virgem da Mercê, padroeira da cidade.*”. O repórter Marcos Dávila conta a trajetória de vários dias como voluntário em uma pesquisa para utilizar o *ayahuasca* para fins terapêuticos. No Brasil, a planta é usada por grupos religiosos como o Santo Daime e conhecida pelos efeitos alucinógenos. A reportagem demorou pelo menos sete meses até ser publicada.

Já “*Sérgio Rosa e o mundo dos fundos*” inicia com um dado preciso: “*Faltava pouco para as nove horas da noite de uma chuvosa sexta-feira de junho quando Sérgio Rosa entrou no salão de festas do clube dos funcionários do Banco do Brasil no Rio, que fica em frente à lagoa Rodrigo de Freitas*” (PIAUÍ, AGOSTO DE 2009, p. 33). Portanto, apenas dois meses separam a apuração da publicação. E mesmo com o tempo reduzido em relação a outras narrativas, Consuelo Dieguez recebeu por este trabalho o Prêmio CNH¹⁴ de Jornalismo Econômico na categoria “Revistas”.

Esses são indícios de uma boa aceitação do trabalho por determinados segmentos do público e da crítica de mídia. Como diagnóstico, a tiragem superou as expectativas dos idealizadores. A projeção feita no primeiro ano foi de 12 mil exemplares ao mês, mas foram vendidos 33 mil em outubro, 29 mil em novembro e 32 mil em dezembro de 2006. Na revista de março de 2011, a tiragem ultrapassava os 50 mil exemplares.

Em comparação com outras revistas de circulação nacional, como *Veja* ou *Época*, não é uma tiragem expressiva, mas para os editores os números são otimistas. Anualmente, o *Instituto Ipsos Marplan* levanta a quantidade de leitores de cada veículo. Considerando que o título começa a ser pesquisado a partir do seu primeiro ano de vida, a *piauí* só foi incluída no ranking em 2008 e aparece à frente de outras presentes no mercado há mais tempo, como mostra a tabela.

¹⁴ Case New Holland.

Tabela 5 - Número de leitores

Total de leitores (em mil pessoas)	
Veja	3290
Época	1567
Isto É	861
Exame	320
Revista da Folha	147
Carta Capital	136
Rolling Stone	161
Época Negócios	145
Vip/ Exame Vip	144
Piauí	99
Trip	94
Isto É Dinheiro	88
Bravo!	93
Caros Amigos	75

Fonte: Ipsos Marplan¹⁵

O endereço eletrônico da revista também se mostrou uma ferramenta eficaz de divulgação e até mesmo de complementação de informações. No mês corrente, a edição na íntegra só pode ser acessada por assinantes, mas no seguinte ela é disponibilizada no *site* da revista.

Além disso, nele é possível encontrar subsídios extras sobre os colaboradores, fotos, arquivos de áudio com entrevistas, blogs, entre outros. Em 2010, a página também foi incorporada ao portal *Estadão* e desde então o número de acessos aumentou. A tabela a seguir traz dados de abril do mesmo ano, com o número de visitas.

¹⁵ Disponível em

http://revistapiuai.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau_abril2011_site_a_tual_consolidado2010.pdf. Acesso em 20 de junho de 2011.

Tabela 6 - Visitas ao *site*

Abril de 2010	
Visitas	61.977
Pageviews	144.856
Novas visitas	55,62%

Fonte: Abril Assinaturas

De acordo com a notícia publicada no portal *O Estadão*, depois de passar por outros portais na internet, a direção da *piauí* buscava um endereço eletrônico com o mesmo espírito editorial da publicação, voltado para temas de interesse geral e pautado por grandes reportagens. Assim, a justificativa é que procuraram o *Grupo Estado* por ver similaridade na postura editorial. Na notícia, João Moreira Salles afirma:

A *piauí* se torna parceira na internet de um grande jornal, com 135 anos de serviços prestados ao Brasil e, em troca, o Estadão se associa a uma pequena revista, de menos de cinco anos de idade. Acho que saímos ganhando. Brincadeiras à parte, para nós é uma satisfação estarmos ao lado de um jornal da importância e da história de O Estado de S. Paulo. Temos certeza de que milhares de leitores passarão a nos conhecer, o que para nós é ótimo, e, em troca, torcemos para que eles se informem e se divirtam com *piauí*. Por fim, em nome da solidariedade que nos une, desde já nos consideramos sob a censura imposta pelos Sarney (PIAUÍ, MARÇO DE 2011, ARQUIVO ELETRÔNICO)¹⁶.

Como explica o diretor-presidente do Grupo Estado, Silvio Genesini, a chegada do site da *piauí* é parte do movimento estratégico de crescimento da empresa em produtos digitais. Já para o diretor de conteúdo do Grupo, Ricardo Gandour, o Estadão ganha o reforço de um olhar novo no jornalismo brasileiro, com perfis e reportagens de fôlego.

¹⁶ Disponível em <http://www.piauinet.com.br/geral/site-da-revista-piaui-passa-a-fazer-parte-do-portal-estadao-44902.html>. Acesso em 12 março de 2011. Acesso em 23 de maio de 2011.

Por outro lado, apesar das edições estarem disponíveis no *site*, a leitura de até 12 páginas ainda deixa em vantagem a edição impressa. Esta é a marca da reportagem “*O caseiro*”, um perfil escrito por João Moreira Salles na edição número 25, de novembro de 2008. O personagem é Francenildo dos Santos Costa, acusado de receber dinheiro ilícito, envolvido na Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI – dos bingos.

Já pelo subtítulo dá para perceber um posicionamento da narrativa: “*De como todos os poderes da República – Executivo, Legislativo, Judiciário, polícia, imprensa, governo, oposição – moeram Francenildo dos Santos Costa*”. A revista, sobretudo através do verbo “moer” coloca o caseiro na posição de vítima e conflita toda sua história com os poderes citados, como se estivessem contra ele, ideia reforçada pelo primeiro parágrafo:

Francenildo dos Santos Costa era caseiro, tinha 24 anos, quatro bermudas, três calças jeans, cinco camisetas, três camisas, cinco cuecas, três pares de meia, dois pares de tênis, um sapato e um salário de 370 reais quando tudo começou, em março de 2006. (PIAUÍ, NOVEMBRO DE 2008, ARQUIVO ELETRÔNICO)¹⁷.

Além da estratégia da precisão, melhor abordada posteriormente, a narrativa sugere que o caseiro foi acusado mesmo sem possuir quase nada. O contraste é feito com o potencial do inquilino da casa, Vladimir Poletto. Ele dobrou o salário do casal e em troca fez um estranho pedido: “*O que acontecer aqui, você não conta a ninguém, principalmente ao dono da casa*”. (*Ibidem*).

Na sequência, a narrativa revela quem eram os frequentadores do local: homens de Ribeirão Preto, onde se conheceram durante as duas administrações do Partido dos Trabalhadores, alguns mexiam com máquinas lotéricas, outros ocupavam cargos públicos. De acordo com o depoimento de Francenildo, o “patrão” era o então Ministro da Fazenda, Antonio Palocci. A casa foi desocupada, ele ganhou outro patrão, mas a história não acabou:

A poucos quilômetros da casa, no Congresso, começava a entrar nos eixos a engrenagem que o

¹⁷ Disponível em <http://revistapiauui.estadao.com.br/edicao-25/anais-de-brasilia/o-caseiro>. Acesso em 20 de dezembro de 2010.

moeria. A Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava a atividade dos bingos acabava de chegar ao nome de Vladimir Poletto e Rogério Buratti. No dia 26 de janeiro de 2006, Francenildo acompanhou pela televisão o depoimento de Antonio Palocci à CPI. Num ambiente de cordialidade, o ministro respondeu a todas as perguntas. “Vossa Excelência não esteve nenhuma vez na casa que ele [Poletto] alugou no Lago Sul?”, perguntou o senador Garibaldi Alves, do PMDB. “Não, não estive nenhuma vez”, respondeu Palocci. (*Ibidem*).

Como o Ministro negara a presença no lugar, chamaram o motorista e logo também Francenildo. Desenrola-se a história de como ele chegou à Brasília, aos 15 anos, com dinheiro emprestado para pagar a passagem, e de como foi construído o rumor em torno de sua participação no esquema de propina, a partir do depoimento do motorista.

Segundo a reportagem, nada foi dito sobre malas de dinheiro na CPI, mas, de alguma forma, a falsa notícia chegou ao jornal. Salles descreve nomes e situações de pessoas responsáveis por convencer o caseiro a depor e a dar entrevistas, além de terem prometido dinheiro e fama. O texto narra as contradições de todos os envolvidos e a fragilidade do protagonista:

A oposição não podia desejar presente melhor: um caseiro nordestino e imigrante que desmontava com palavras simples a versão do ministro mais poderoso de um governo presidido igualmente por um imigrante nordestino. “É um Davi capaz de enfrentar vários Golias”, peroraria o opositor Arthur Virgílio, falando, como de hábito, para os autos. (*Ibidem*).

Além do sentido do trecho, há aí também uma palavra não usual: “peroraria”, cujo sentido é “falar a favor de”, “advogar” ou “defender”. Essa permissão a verbetes não coloquiais é uma das características de Salles e também da revista, denotando ainda mais o perfil dos leitores.

Além disso, para esta narrativa foram entrevistados ao menos 30 personagens envolvidos nos episódios. O resultado da apuração, de mais de um ano, mostrou os equívocos cometidos principalmente pela imprensa ao contar aquela história. Ao lermos a matéria, percebemos

um tom de justiça, como se a intenção fosse contar uma versão desconhecida: a do caseiro e das pessoas ligadas diretamente a ele. É como se ele fosse apresentado como o maior prejudicado, e isso fica claro em episódios como o primeiro depoimento à CPI:

Na manhã seguinte, quinta-feira, 16 de março, Wlício [advogado de defesa] chegou à casa de Francenildo às sete e meia da manhã. Deu uma olhada na roupa que ele escolhera para se apresentar à CPI - camisa pólo, jeans e sapato - e recomendou que tirasse o boné porque “não dava credibilidade”. A caminho do escritório, rezaram juntos em voz alta, “porque tudo isso era muito novo para a gente”. (*Ibidem*).

Utilizando declarações irônicas, como se houvesse um descaso com o depoimento, Salles também cita momentos em que os parlamentares esquecem ou erram o nome do caseiro:

Enquanto um cordão de policiais retirava Francenildo da sala, ouviu-se a última manifestação do dia. Era o senador governista Magno Malta, aproveitando as câmeras ainda ligadas: “Quero deixar claro que não fui contra a vinda do senhor... do senhor...” E esticando a cabeça para ler a plaquinha diante da cadeira agora vazia: “... do senhor Francenildo dos Santos Costa.” [...] A sessão terminava como havia começado, com um senador que não se dera ao trabalho de guardar o nome da testemunha interrogada. Francenildo se lembraria do que sentiu naqueles momentos: ninguém sabia quem ele era, e ninguém se importava. (*Ibidem*).

Em seguida a reportagem relata como a Polícia Federal fez com que, ao assinar os papéis, Francenildo passasse a ser tutelado pela PF. Enquanto isso, quebravam ilegalmente seu sigilo bancário, tratado como pedido incomum e insólito:

Era um pedido insólito. Quando há suspeita em relação à movimentação de um correntista, o canal institucional da Caixa a ser acionado é a Superintendência de Controle Interno, que, por

sua vez, se descobrir razão sólida para aprofundar a averiguação, acionará o Conselho de Controle de Atividades Financeiras, Coaf, agência ligada ao Ministério da Fazenda cuja atribuição é exatamente investigar movimentações atípicas de dinheiro. Mattoso confirmou à polícia que pediu a impressão dos extratos do caseiro, e não usou os canais de praxe, “tendo em vista o adiantado da hora”. (*Ibidem*).

Conforme a própria narrativa, o então presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, não quis dar entrevistas para falar sobre o assunto. Ao citar isso no texto, deixando claro que entrou em contato, é como se o autor justificasse a ausência desse depoimento.

O texto obedece a uma ordem cronológica, sendo somados aos episódios passados os depoimentos atuais, coletados pelo autor. O momento crucial ocorre quase no fim da narrativa, escrita num formato aproximado a um conto. É quando ocorrem as consequências da quebra de sigilo: Francenildo precisa contar que recebeu dinheiro do pai em troca de não exigir o reconhecimento da paternidade. Como resultado, não só ficou conhecido, como toda a família. O personagem conta ter pensado em suicídio diante da situação.

Francenildo, aflito, correu para comprar um cartão e ligar para o pai em Teresina. Tentou três vezes. Na quarta, conseguiu. “Alô?” Era a voz surpreendentemente suave do pai. “Eurípedes” - nunca teve liberdade de chamá-lo de pai -, “descobriram o dinheiro na minha conta e vão procurar você”, disse. Sem saber direito quem eram *eles* [grifo do texto], e no que o filho estava envolvido, Eurípedes respondeu: “Deixa eles ligarem.” Foi a última vez que Francenildo conversou com o pai. (*Ibidem*).

Conforme a narrativa avança, a ironia torna-se mais evidente e até mesmo explícita:

Outro momento: Ao tentar sugerir ao país que o homem que comprometera Antonio Palocci corria risco de vida, a oposição, com histrionice e jogo de cena, acabou por jogar Francenildo num

programa que, ironicamente, só servia aos interesses do governo. (*Ibidem*).

A ironia prossegue com a citação do inquérito que inocenta Francenildo de todas as acusações e expõe situações nas quais a própria história é comédia, se não prescindisse de uma tragédia:

“Quero saber em que condição o meu cliente vai ser ouvido aqui hoje”, perguntou-lhe Wlicio: “Na de vítima ou de acusado?” O delegado respondeu: “Nem de vítima, nem de acusado, mas de investigado.” “O que é a mesma coisa que indiciado. Só muda a palavra”, replicou Wlicio. “Qual o crime?” O delegado se ajeitou na cadeira e, meio sem graça, respondeu: “Lavagem de dinheiro.” O advogado desabafou: “Procede. A mãe dele é lavadeira.” [...]

Ainda que Carneiro não demonstrasse nada, Wlicio intuiu que o delegado achava a denúncia absurda. No Código Penal, lavagem de dinheiro pressupõe crimes antecedentes de “tráfico de drogas, contrabando de armas, extorsão mediante seqüestro, crime contra o sistema financeiro ou a administração pública e terrorismo.” E o delegado tinha diante de si um caseiro desempregado, com 25 mil reais na conta. (*Ibidem*).

O conflito continua através do relato do embate entre Francenildo e o banco. Quando o personagem tentou movimentar a conta bancária, bloqueou o cartão. Ao entrar na agência para solucionar o problema, o funcionário lhe indicou uma fila, a qual teve de enfrentar:

Consultou seu saldo - mil e poucos reais - e foi embora, não sem pensar no que acabara de lhe acontecer: “Eu demoro quase três horas pra conseguir ver a minha conta e eles, quando quiseram, conseguiram na mesma hora.” [...] “Eu quero conhecer a justiça”, ele diz. “Depois que ela trabalhar, então eu posso aceitar 35 mil reais. Eu esperei até hoje, espero mais um pouco. Eu quero que a Caixa cometa um crime. Aí, sim.” Com um sorriso nos olhos, acrescenta: “E quando

sair a indenização, nem precisa dar o número da conta, eles já têm.” (*Ibidem*).

Nota-se uma figura de linguagem através da expressão “sorriso nos olhos”, o que ajuda a visualizar a cena. Além disso, o trecho seguinte traz algumas impressões pessoais do autor, as quais também denotam conflitos:

Como é da sorte dos anônimos, os detalhes que dizem respeito a Francenildo foram perdendo suas nuances, até desaparecerem na indistinção. Esta reportagem foi apurada ao longo de um ano. Durante esse tempo, boa parte das pessoas entrevistadas se lembrava apenas vagamente do caso. Sabiam que envolvia Palocci e um caseiro. E se lembravam do dinheiro na conta de Francenildo. Muitas pessoas iniciaram a conversa com a pergunta: “É sobre aquele caseiro que recebeu dinheiro?” (*Ibidem*).

A reportagem finaliza com um depoimento igualmente irônico que sugere indignação e impunidade através da escolha das afirmações:

Francenildo ainda é reconhecido na rua. Há dois meses, ele e Wlicio foram a um restaurante. Na saída, Francenildo passou pelo banheiro e voltou de lá meio sem graça. Tentou sorrir, mas não era bem um sorriso. “O que foi?”, perguntou Wlicio. Ele respondeu: “Um senhor me reconheceu no espelho. Me disse: ‘Você não é o caseiro que derrubou o Palocci?’” Francenildo desviou o olhar e completou: Eu queria que algum dia alguém dissesse assim pra mim: “Você não é o caseiro que quebraram o sigilo, que expuseram a vida e que nunca mais conseguiu falar com o pai?”. (*Ibidem*).

Segundo Salles, o objetivo da revista é oferecer a informação sem o vício do comentário pessoal e, por isso, há o privilégio pelo relato. Por outro lado, reportagens como esta, feita pelo próprio editor, deixam nítidas as escolhas, desde a pauta até os protagonistas da história, além da construção autoral.

Por si só, o conceito de opinião no jornalismo é controverso. Para Charparro (1998), há opinião em todas as decisões e em cada momento de atribuição de valor aos fatos e coisas. Segundo ele, a observação da prática tornou evidente a superação do paradigma cuja origem é atribuída a Samuel Buckley¹⁸, para o qual o jornalismo se divide e organiza os textos em opinativos e informativos. Além disso, existe incompatibilidade entre a rigidez do paradigma e a essencialidade da função valorativa atribuída à ação jornalística pela cultura e a sociedade.

Para Olinto (2008), no decorrer das suas atividades cotidianas o homem sente necessidade de ser combativo e, para tanto, utiliza-se principalmente da palavra. Porém, a opinião não precisa ser colocada em palavras de combate ou defesa, pois isso pode levar a uma inconsciente distorção da realidade. Segundo ele, a opinião já se encontra na fidelidade da obra à realidade humana:

[...] posso dizer que há muito mais força no que eu chamaria de “descrição opinativa”, descrição que mostra, em espírito de verdade, uma série de realidades, do que na opinião imposta à força, aos acontecimentos. Diante de uma descrição assim, o homem que lê pode sentir, nas palavras, o caminho da opinião. Ela existe, está ali. [...] Na fidelidade ao objeto, o jornalista formula a mais poderosa das opiniões. Como o romancista. Como o poeta. (OLINTO, 2008, p. 24).

Como nesta reportagem as reflexões revelaram-se importantes e até indispensáveis para a compreensão do caso, a discussão do uso da opinião no jornalismo não seria um problema e sim um paradigma. Essa perspectiva também atinge a questão dos gêneros, não abordados aqui de forma intensa, mas parte das lacunas teóricas e práticas do jornalismo.

Todorov (1980) menciona gêneros como horizontes de expectativas para os leitores e modelos de escrita para o autor. Para ele, os novos gêneros nascem justamente das transgressões, quase sempre na mistura ou combinação de propriedades. Isso fica mais evidente conforme nos deparamos com formatos ao estilo de *piauí*. Embora tenhamos classificado os textos como reportagens, algumas se

¹⁸ Buckley foi jornalista e se tornou conhecido durante uma crise enfrentada pelo jornal inglês *Daily Courant*, fundado em 1702, do qual era diretor. Foi quando decidiu separar as notícias dos artigos, atitude que, para muitos, inspirou a chamada crença na objetividade, até hoje considerada virtude essencial do jornalismo.

assemelham a crônicas, contos e outros gêneros e essa diversidade poderia motivar novas pesquisas. Por termos escolhido estudar diferentes aspectos, não necessariamente relevando a forma, estes questionamentos serão apenas apontados, pois também trazem alguns conflitos em relação à prática da *piauí* e ao próprio jornalismo.

Já quando analisado o conteúdo, especialmente quando o tema é “poder”, e isso inclui política e economia, os conflitos ficam implícitos e alguns até explícitos nas narrativas. Em “*O aprendiz*”, edição 32, de maio de 2009, escrita por Dorrit Harazim, há outra espécie de poder, mais ingênuo, com ao menos um mote central: a inexperiência (expressa no título) de um personagem cuja função é importante na política.

O papel do político e da política estão presentes nos jogos de linguagem e na história de “Elizeu”. Este, embora seja tratado como “Vossa Excelência”, é chamado pelo primeiro nome. Isso dificilmente aconteceria se o personagem fosse José Serra, Paulo Maluf, Fernando Henrique Cardoso ou tantos outros.

No início, há o relato de que Elizeu ensaiou e tremeu ao falar pela primeira vez ao microfone. Além disso, é tratado como “calouro” e até mesmo a construção – cheia de metáforas – sugere a ideia de “escola”, através da utilização de verbos como “ensinar”:

O pouso de um calouro no ninho parlamentar nunca é fácil. “A primeira impressão que se tem, ao chegar aqui, é que você nem vai saber andar”, constatou o calouro. E andar em linha reta, numa legislatura em que pecados capitais e veniais brotam por todas as frestas, é ainda mais espinhoso. “Aqui você tem a maior concentração de malvadezas por metro quadrado”, ensina o deputado Miro Teixeira (PDT/RJ), que há oito legislaturas esgrima a arte de evitar armadilhas e chutar cascas de banana. (PIAÚÍ, MAIO DE 2009, ARQUIVO ELETRÔNICO)¹⁹.

A própria imagem utilizada para ilustrar a matéria remete a um banco escolar, com o personagem aparentemente concentrado, como se estivesse prestando atenção em algo, uma aula.

¹⁹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-32/carta-de-brasilia/o-aprendiz>. Acesso em 20 de abril de 2011.



Figura 5 - O aprendiz

A história do personagem também serve para ironizar outros aspectos da política. Ele tentou o vestibular, mas não passou e começou a trabalhar na primeira indústria de gelo de Teresina.

“Sabia que era apenas o primeiro degrauzinho. Cada cliente novo que entrava eu ia cumprimentar na esperança de ele vir a ser meu próximo patrão. Esta era a minha visão.” Pena que nenhum dos 181 diretores do Senado descobertos em 2009 tenha passado por estágio semelhante. A filosofia da empresa de seu Palhares era simples: “Quer aprender a mandar? Vai ter de aprender a fazer.” (*Ibidem*).

A indicação de conflito continua na comparação entre os bens de Elizeu e os de “Seu Camilo”, o deputado mais idoso e também o parlamentar mais rico da Câmara dos Deputados:

Hoje, Elizeu Aguiar é dono de um conjunto de três empresas de alimentação e tem 78 funcionários. Seu patrimônio inclui uma caminhonete Mitsubishi, um apartamento financiado de 130 mil reais (ainda em construção), um carro Corolla 2009 com o qual capotou no início de abril, um terreno de 40 x 30 metros em nome da esposa e uma casa própria financiada. A soma dos bens declarados em 2008: 126.226 reais. [...] (*Ibidem*).

“Seu Camilo”, como é chamado o deputado mais idoso (85 anos) da atual legislatura, é dono de 26

empresas, entre as quais a Viação Itapemirim. Pela sua declaração de bens, que lista 114 itens e soma 260 milhões de reais, é também o parlamentar mais rico da Câmara, além de ser o maior reflorestador de Mata Atlântica do país. E, como se não bastasse, é vice-rei da Cachoeiro do Itapemirim de Roberto Carlos. Pois bem, este cidadão que pode tanto e mantém o hábito de trazer uma marmita para o seu gabinete na Câmara também foi conhecer o plenário ainda vazio na véspera de adentrá-lo pela primeira vez como deputado, em fevereiro de 2007. (*Ibidem*).

Os conflitos das relações de poder também estão presentes na afirmação:

Elizeu ainda está a anos-luz de sequer sonhar em impor silêncio no plenário. Na penúltima quinta-feira de abril, sentiu-se um pirilampo só de ter sido chamado a subir à Mesa para presidir uma modorrenta sessão da tarde durante uma hora e trinta minutos. (*Ibidem*).

Além disso, há o relato da experiência do deputado em outra situação aparentemente rotineira naquele ambiente: a corrupção.

Uma estocada mais explícita bateu às portas de um dos onze suplentes empossados, que pediu que se resguardasse o seu anonimato. Foi abordado por outro grupo que também oferecia serviços de intermediação, mas detalhava não só o percentual da comissão que ficaria para o deputado, mas também a que iria para o prefeito da cidade contemplada com uma obra superfaturada. “O equilíbrio está em dizer não sem fazer muito alarde, pois você nunca sabe se está ou não desagradando à liderança do partido.” (*Ibidem*).

A narrativa constrói uma argumentação como se o personagem não fizesse parte disso, induzindo a outro embate: embora inexperiente, com bens materiais muito aquém em relação a outros parlamentares, ele é “honesto”, numa visão romântica frente a tudo o que foi registrado

anteriormente ou sugerindo a corrupção como natural naquele meio, no qual ele é apenas calouro.

Já na edição 20, de maio de 2008, o conflito atinge o campo econômico. A exemplo da reportagem “*A Diferenciada*”, esta discute a relação entre dinheiro e poder e o que é possível comprar e vender por um valor considerado muito alto. O título “*Lindinhos e Privates*” se refere ao que a repórter Daniela Pinheiro chama de “buliçosa tribo de super-ricos” e aos corretores de imóveis de milhões de reais.

Portanto, a matéria discute os exageros, através de sutis ironias, humor e adjetivos como “super-ricos”, “feras” e “potentados”, não usuais no jornalismo diário:

Como vender um apartamento de 5 milhões de reais para a buliçosa tribo de super-ricos à procura de um teto? Os áses do mercado financeiro, os azougues do agrobusiness, os feras da informática, os grandes exportadores de matéria-prima, os publicitários e marqueteiros da moda, as celebridades televisivas e a terceira geração de potentados da indústria. (PIAUI, MAIO DE 2008, ARQUIVO ELETRÔNICO)²⁰.

As escolhas para descrever esse ambiente incomum privilegiam curiosidades consideradas futilidades, se ponderarmos necessidades básicas para uma moradia:

Mais adiante, perto de onde funcionava a antiga Daslu, mostrou um conjunto de duas torres, uma com dezoito e outra com dezesseis andares, no qual a tubulação recebeu isolamento acústico para abafar o barulho da descarga dos banheiros. “Aquela é a cobertura da Athina Onassis, que foi vendida por um amigo do marido dela, o Doda”, disse. (*Ibidem*).

Neste ambiente peculiar, segundo afirmam os corretores, ter vizinhos ricos também é mais importante do que a infraestrutura do prédio. Quanto a esta, os nomes dos itens em imóveis de luxo são colocados entre parênteses e aspas, com sinais de ironia:

20 Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-20/mercado-imobiliario/lindinhos-e-privates>. Acesso 15 de novembro de 2010.

[...] piscina e sauna (“spa”), salão de festas (“espaço gourmet”), sala de ginástica (“fitness center”), parquinho (“espaço kids”), churrasqueira (“lounge com bar de apoio”), sala com isolamento acústico (“garage band”), pista de skate (“half pipe”) e meia dúzia de vagas de garagem. (*Ibidem*).

Os valores também são ressaltados em diversos momentos, como se fossem realmente importantes para justificar o enfoque dado à narrativa:

Um mercado exclusivo que aumenta vertiginosamente. O Brasil é o país onde o número de milionários mais cresce, e está em segundo lugar em fortunas que se multiplicam com maior rapidez, perdendo apenas para a China. Um levantamento do Boston Consulting Group mostra que, entre 2006 e 2007, apareceram 60 mil brasileiros com mais de 1 milhão de dólares aplicados em instituições financeiras. (*Ibidem*).

A ironia ao luxo exagerado e ao poder, como é perceptível, vai e volta nas edições da revista. Além disso, também são abordadas as divergências culturais, algumas geradas pelas diferenças socioeconômicas. Isto ocorre em “*Matem todos os americanos*”, da edição 45, de junho de 2010. O conflito em questão revela uma tensão de poder entre classes, entre patrão e funcionários, e entre americanos e brasileiros. Interessante notar, o episódio se passou oito décadas antes da publicação, mas é apresentado como contemporâneo.

Escrita por Greg Grandin, relata o desejo do empresário Henry Ford, denominado de “a cara do progresso mundial”, de ter o próprio seringal, para suprir a demanda de matéria-prima para a fabricação de pneus. Ele comprou uma área de terra na Amazônia, contratou mão de obra local e construiu uma cidade, batizada de Fordlândia. O desfecho, porém, não foi o esperado: o empreendimento deu errado e as ruínas foram devolvidas ao governo brasileiro. A narrativa traz um dos capítulos dessa história: a revolta dos trabalhadores brasileiros contra os gerentes americanos, em dezembro de 1930.

A contemporaneidade está no episódio e também no perfil do empresário inserido na reportagem, justificado pela abrangência da empresa no setor automobilístico e na economia mundial. Os dados

revelam um homem capaz de ditar leis, como instituir um novo horário à cidade americana de Detroit, sede da Ford, para aproveitar mais horas de sol durante o expediente dos funcionários.

Embora os dados e informações do perfil não sejam apresentados de forma explicitamente negativa, a construção apresenta palavras como “controle” e “obsessão”, formando um juízo de valor:

Todos eles trabalhavam para um homem, Henry Ford, cuja obsessão com o tempo era muito anterior a sua determinação de erradicar “movimentos inúteis” e o “afrouxamento” na linha de montagem, dividindo a atividade necessária à construção do Modelo T em tarefas cada vez menores: 7 882, para ser exato. Quando criança, ele já desmontava e remontava regularmente relógios de pulso e de parede ou de mesa. (PIAÚÍ, JUNHO DE 2010, p. 26).

Sobre o episódio ocorrido no Brasil, a narrativa conta a rotina dos trabalhadores, forçados a se adaptar a horários e regras rígidas, diferentes da vida anterior. As distinções culturais e mudanças na alimentação e nos hábitos teriam motivado o embate:

Para fazer cumprir o regulamento pelo qual os empregados solteiros tinham de fazer as refeições na plantação - tanto para desencorajar a ida a bares e bordéis quanto para incentivar uma dieta saudável -, Rogge decidiu, depois de consultar a sede da empresa, que o custo das refeições seria deduzido automaticamente dos pagamentos quinzenais. [...] Os operários reclamaram da dieta decidida por Henry Ford, que consistia de farinha de aveia e pêssegos enlatados, importados de Michigan, para o café da manhã, e arroz integral e pão de trigo integral para o jantar. Também não gostaram das deduções automáticas do pagamento, pois não poderiam gastar o dinheiro onde quisessem. (*Ibidem*, p. 27).

Para definir a reação dos funcionários diante do descontentamento, há expressões como “a multidão ensandeceu”, “despedaçaram” e “amotinados”, reforçando a agressividade utilizada na ação.

Depois de demolir o refeitório, destruíram “tudo de quebrável que estivesse no caminho, o que os levou ao prédio do escritório, à usina de força, à serraria, à garagem, à estação de rádio e ao prédio da recepção”. Cortaram as luzes da plantação, destruíram janelas, atiraram uma carga de carne no rio e inutilizaram medidores de pressão. Um grupo de homens tentou arrancar os pilares do píer, enquanto outros atearam fogo à oficina, queimaram arquivos da empresa e saquearam o depósito. Os amotinados se voltaram em seguida contra as coisas mais diretamente associadas à Ford, destruindo todos os caminhões, tratores e carros. Pára-brisas e faróis foram espatifados, tanques de gasolina perfurados e pneus cortados. Vários caminhões foram empurrados para dentro de valas e pelo menos um foi jogado no Tapajós. Por fim, se voltaram para os relógios de ponto e os despedaçaram. (*Ibidem*, p. 28).

Logo após, há o relato de que, ao ouvir um grupo de trabalhadores bêbados cantando “*O Brasil para os brasileiros. Matem todos os americanos*”, o responsável pela Fordlândia decidiu partir. A narrativa ainda apresenta o episódio como decorrência secundária da revolução que havia abalado o Brasil meses antes e levado Getúlio Vargas ao poder. E mesmo apresentando os funcionários como rebeldes e amotinados, é finalizada pela reação de Henry Ford e sua oposição à representação coletiva de trabalhadores:

Henry Ford se opunha visceralmente à representação coletiva dos trabalhadores. Chamou os sindicatos de “a pior coisa que já golpeou a terra”. [...] Os homens que enviou ao Brasil sabiam muito bem o modo de pensar do patrão em relação à inquietação operária, e aceitavam como dogma que a empresa “não permitiria que grevistas ditassem como nosso negócio deve ser dirigido”. [...] Com Fordlândia em ruínas e danos estimados em mais de 25 mil dólares, ele aguardou que Detroit lhe dissesse o que fazer. (*Ibidem*, p. 29).

Outra reportagem na qual o conflito está presente é “*Emprego público: como conseguir o seu*”, da edição 51, de dezembro de 2010, escrita por Renato Lemos. O título pressupõe um manual, mas na verdade é um enunciado que carrega o mesmo humor da narrativa: uma apresentação da “indústria dos concursos públicos”, como é nomeada. Contrapõe o desejo coletivo por um cargo público, as dificuldades, as oportunidades e, ao mesmo tempo, os oportunistas e o lado obscuro dessa indústria e dos próprios concursos e cargos.

Na sessão “Quem faz”, com os nomes e um pequeno currículo do autor de cada narrativa, o embate é perceptível e ao mesmo tempo dá um tom humorado à motivação para escrever sobre aquele tema: “*Renato Lemos é jornalista carioca. Já tentou vaga na Petrobras e no BNDES, mas levou bomba*”²¹. A chamada para a reportagem no site assume o mesmo tom: “*Pra quem não é amigo de deputado, ministro ou presidente, o caminho para conseguir um emprego no governo é fazer concursos. Por trás deles, existe um indústria*”.

O texto começa com um episódio em que um professor de português tenta sem sucesso explicar o conteúdo a uma turma de cursinho preparatório. Nesse trecho, Lemos utiliza metáforas e figuras de linguagem que ajudam a visualizar as cenas:

Ele dá aulas andando sobre um tablado de 1 metro por 10 e utiliza um microfone daqueles usados pela cantora Madonna e por atendentes de telemarketing. Moura é um sujeito atarracado e musculoso, com físico semelhante ao do jogador Roberto Carlos. [...] Para cada um deles, a frase “Saiu o edital”, seja lá do que for, tem o poder estimulante de uma droga poderosa. (PIAÚÍ, DEZEMBRO DE 2010, p. 37).

O contrassenso aparece de forma mais explícita quando a narrativa se refere às nomeações e onde é possível ocorrer fraudes e favorecimentos. Embora muitas vezes não sejam ilegais, por causa disso muitos cargos públicos são ocupados por parentes, amigos e pessoas ligadas a políticos. Isto, no entanto, é tratado de forma sutil, com suposições:

21 Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-51/quem-faz>. Acesso em 15 de maio de 2011.

Sem levar em conta as distorções permitidas pela nomeação para postos de direção, os DAS, nos últimos oito anos, apenas no âmbito do Executivo, o governo Lula promoveu 240 concursos e 127 mil novos servidores tomaram posse. (*Ibidem*).

O número parece expressivo, mas o texto também compara o serviço público brasileiro ao de outros países. Isso revela uma apuração além dos dados oficiais e uma intencionalidade de fazer pensar, principalmente porque não há uma análise posterior à revelação dos dados. Ao leitor cabe a interpretação:

Segundo números do Ipea, em 2007 havia 10 168 mil [10.168 milhões] servidores públicos em todo o país – ou 11,3% da população empregada. Está longe de ser o maior percentual do mundo. Na Dinamarca, com uma renda per capita de 56 mil dólares por ano (contra 10 mil do brasileiro), 39,2% dos empregados são servidores públicos. (*Ibidem*).

A “indústria” possui até um local nomeado de “Concursolândia”, com bancas de revistas especializadas, estacionamento, flanelinhas, uma professora que desistiu dos concursos para dar aulas de preparação física, os escritores dos “manuais” e o jornal *Folha Dirigida*, famosa publicação cuja história é contada na narrativa. Entre as histórias dos escritores de manuais está a de William Douglas, juiz federal e primeiro colocado no vestibular de direito da Universidade Federal Fluminense e nas provas de defensor público e delegado de polícia, considerado “o Einstein dos concursos”.

Por outro lado, embora a reportagem tenha trazido dicas de especialistas, de professores e candidatos, além de histórias de sucesso como a de Douglas, o final revela a contradição dessa indústria que promete sucesso, mas cuja realidade é outra:

No final de setembro, Murilo fez a prova objetiva para Fiscal de Renda da Secretaria Municipal de Fazenda. Na noite anterior ao teste, ele se dedicou a decorar as regras para o uso correto do hífen. Murilo diz que as lições de decoreba se fixam melhor na cabeça durante o sono. Era uma prova difícil, com 4 774 candidatos inscritos. Só

200 passaram para a segunda fase. Murilo não estava entre eles. (*Ibidem*, p. 41).

Nos exemplos citados, percebem-se desordens, sobretudo, no campo econômico e político. Isso evidencia a proposta editorial e mesmo com sutileza, como em “*Emprego público: como conseguir o seu*”, há uma crítica social.

Conflitos semelhantes são expostos em “*A Oratória do Poder*”, escrita por Dorrit Harazim também na edição 51, de dezembro de 2010. A palavra “poder”, referindo-se à política, já constrói uma imagem na qual se inserem os personagens, principalmente Marco Aurélio Garcia, responsável por preparar os discursos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Embora a função oficial seja assessor especial de política externa, o enfoque é em sua função como orador, mas para isso várias facetas são expostas, inclusive pessoais.

No primeiro trecho, a autora chama de “pequeno latifúndio” o local de trabalho do assessor e ainda destaca sua ampliação. Esse início dá uma dimensão – simbólica e física – do papel exercido por Garcia no governo. Ao mesmo tempo, em outro trecho chama o personagem pela forma como é identificado na correspondência palaciana e discorre sobre alguém aparentemente inteligente.

Na ocasião, faltavam pouco mais de duas semanas para o primeiro turno da eleição em 3 de outubro e “Mag”, como é identificado na correspondência palaciana, estava fascinado com a leitura de Nixon e Kissinger: *Parceiros no Poder*, do historiador americano Robert Dallek. Crônica definitiva da parceria de Richard Nixon com seu secretário de Estado Henry Kissinger na condução da política externa da Casa Branca entre 1969 e 1974, a obra é um deleite para quem atua nessa área. (PIAUÍ, DEZEMBRO DE 2010, p. 22).

Além disso, a reportagem trata como “linha de montagem” a equipe liderada por Garcia e responsável pelos discursos de política externa para Lula. Isto porque o número desses discursos passava de três mil, além de conter informações curiosas, como a de que todos aprenderam a “lular”, ou seja, escrever um texto como o próprio Lula escreveria, ou, se não escrevesse, gostaria de ter escrito.

Em outro trecho, Harazim introduz a personagem Dilma Rousseff, que junto com Garcia testemunhou “*um momento de oratória do poder ou – para os admiradores de Luiz Inácio Lula da Silva – de poder da oratória*”, um discurso improvisado de Lula, aparentemente feito sem ajuda do assessor:

“De repente”, lembrou Garcia, “vi pessoas se aglomerarem diante das telas de televisão. E ouço a voz do Sérgio Ferreira [o intérprete de Lula há 18 anos] se esmerando na tradução. Levantei, fui ver o que era e na tela estava Lula, já na tribuna do plenário, fazendo seu discurso de improviso. Não tinha à mão qualquer anotação, citava os dados do dossiê de cabeça. Exerceu o que chamamos de lulismo às últimas consequências. Saiu da tribuna sob ovação.” [...] “A capacidade de improvisação de Lula naquela sessão plenária informal a estareceu”. (*Ibidem*, p. 24).

Desta forma, Lula é tratado como um orador audaz, pois a capacidade “naquela” sessão específica surpreendeu, o que significa não ser algo costumeiro. Enquanto isso, Dilma, recém eleita para o cargo de 36ª presidente da República, é construída como alguém com dificuldades na oratória. Isso fica evidente no trecho: “*a oratória como ‘arte de conquistar a alma’ não cai fácil*” e também em “*Não se espera que ela redija o texto de próprio punho, como fez Jânio Quadros em 1961 [...]*”. (*Ibidem*).

Ao mesmo tempo, a autora admite ser cedo para apontar qual será o estilo Dilma, mas analisa o primeiro discurso da presidente eleita com algumas ressalvas:

Os 45 parágrafos deixam à mostra uma autoria múltipla pouco harmoniosa, com frases avulsas, ora na primeira pessoa do singular, ora do plural, entremeadas de anáforas, a repetição de palavras no início de uma frase: *Zelarei pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Zelarei pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. Zelarei pela observação criteriosa e permanente dos direitos humanos [...] Zelarei, enfim, pela nossa Constituição [...]*. (*Ibidem*).

Na sequência, ameniza com características positivas e afirmando ter sido um avanço em relação à campanha eleitoral, quando lia e relia os textos.

Em compensação, foi dela a ênfase no ineditismo do Brasil ter elegido uma mulher para presidente, presente já na saudação inicial (“Minhas amigas e meus amigos”). Na mesma linha está a apropriação intencional do Yes, We Can (“Sim, nós podemos”), que a esta altura já deveria pagar direitos de propriedade à campanha de Barack Obama. Saudando as oportunidades iguais para homens e mulheres como uma conquista essencial da democracia, Dilma comunicava à nação que a elegeu desejar que “os pais e mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas e lhes dissessem: sim, a mulher pode!”. Apesar de não ser um discurso para os anais da história, a oratória de Dilma conseguiu lhe insuflar um sopro de vida: a presidente eleita pareceu dona das palavras que lia. (*Ibidem*).

Num dos trechos finais da reportagem, a autora faz uma análise irônica, após dissertar sobre a oratória do poder em diversos países:

No Brasil ou alhures, a história é um cemitério de presidências falidas por não terem conseguido honrar o que prometeram em seus discursos de posse. Como já dizia Walter Isaacson, o biógrafo de Henry Kissinger, o perigo de divorciar a retórica da política ronda todo presidente. Com ou sem *ghost-writers*. (*Ibidem*, p. 27).

Esse olhar nevrálgico é mais evidente em temas como a série de reportagens sobre o Supremo Tribunal Federal (STF), nas edições 47 e 48, de agosto e setembro de 2010. A abordagem é impulsionada por conflitos atraentes ao leitor desde o subtítulo da primeira reportagem “*Data Vênia, o Supremo*”: “*Picuinhas se imiscuem em decisões importantes, assessores fazem o serviço de magistrados, ministros são condenados em instâncias inferiores, um juiz furta o sapato do outro – como funciona e o que acontece no STF*”. Parte do singular para explicar o universal: abordagem capaz de dar uma noção do próprio jornalismo, como explica Adelmo Genro Filho em “*O segredo da*

pirâmide” (1987). Este autor se ancora em Hegel, através das categorias universal, particular e singular, e assevera:

[...] o critério jornalístico de uma informação está indissolavelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e à universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineados ou insinuados pela subjetividade do jornalista. O singular, então, é a forma do Jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são *negados* em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo. (GENRO FILHO, 1987, p. 163).

Nesta concepção, percebemos a subjetividade do repórter Luiz Maklouf Carvalho como determinante e, ao mesmo tempo, a singularidade explica como o jornalismo é capaz de produzir informações novas. Para Genro Filho, o novo aparece como singularidade, e esta como o aspecto novo do fenômeno. Isto gera uma tensão para captar o singular, sempre abrindo uma perspectiva crítica em relação ao processo. Assim, a “singularidade tende a ser crítica porque ela é a realidade transbordando do conceito, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesma”. (*Ibidem*, p. 212). E os aspectos singulares já estão no início da reportagem:

O primeiro bocejo foi do ministro José Antonio Dias Toffoli. Com as mãos em concha, sobre a boca. Depois foi Gilmar Mendes, com a proteção de uma das mãos, e por três vezes em menos de dez minutos. Marco Aurélio Mello o seguiu, com dois bocejos. Eles escutavam Ellen Gracie ler um relatório. (PIAUL, AGOSTO DE 2010, p. 37).

O registro da cena, embora possa parecer um detalhe insignificante, revela muito sobre a intenção do autor. Os personagens parecem entediados diante de um discurso sobre uma ação contra dois deputados federais denunciados por fraude em licitação que tramitava no Supremo Tribunal Federal desde 2007 e prescreveria exatamente no

dia seguinte. Temos aí, ao mesmo tempo, a importância do órgão e a aparente falta de zelo com as causas. Neste caso, um dos réus foi absolvido e o outro não. Porém, a discussão começou para a absolvição de ambos, com sugestões ilegais:

Quando o presidente Gilmar Mendes ia proclamar o resultado, o advogado do condenado apelou pelo bom-senso: que os dois acusados fossem absolvidos. O ministro Ayres Britto, num mau momento, sugeriu a suspensão do prazo de prescrição, como se fosse possível. [...] Diante do bafafá e da pressão, um constrangido Lewandowski disse: “Eu reajusto o meu voto e absolvo ambos os réus.” (*Ibidem*).

Este trecho antecede uma análise feita pelo repórter, como se estivesse exemplificando e o juízo de valor emitido posteriormente fosse justificável, a partir de situações concretas:

Órgão máximo do Judiciário e sustentáculo da República, o Supremo Tribunal Federal é uma instituição que toma decisões de afogadilho, sem muita lógica – como a mudança de voto de Lewandowski. Mas sempre as recobre de pompa, de um linguajar precioso que faz sobressair as observações maldosas. [...] Há ministros que foram condenados em instâncias inferiores. Um, cujo pedido de impeachment só não foi encaminhado ao Senado porque o corporativismo prevaleceu. Outro, que chamou o colega de chefe de capangas. Até a eleição do seu presidente se dá em terreno incerto. (*Ibidem*).

Quanto à eleição, o autor trata o procedimento adotado como “regra costumeira e singular”, entre aspas, pois elegem o mais velho, embora isso não conste no regimento. Então, há o questionamento: “*Por que simular uma eleição cujo resultado é conhecido?*”.

Mais adiante, o texto discorre sobre o papel da comunicação: “*Sem a TV Justiça, criada nos anos 90, muita coisa ficava entre quatro paredes*”. (*Ibidem*, p. 39). Em seguida, traz depoimentos sobre o meio: de um lado, ajudou o órgão a ser mais transparente. De outro, criou um palanque para ministros se tornarem celebridades. Este é um dos

conflitos apontados, somado a curiosidades sobre a rotina no local e a vida de cada ministro.

Os trechos são apresentados com ideias ambíguas, como em: “*Nas segundas e sextas-feiras não há julgamentos. Cada ministro, nisso como em tudo, faz o que lhe aprouver*”. (*Ibidem*, p. 40). Na frase “nisso como em tudo”, referindo-se a “faz o que lhe aprouver”, fica subentendido que, embora tenham uma função específica e importante, costumam satisfazer a vontade pessoal, contrariando seu propósito no cargo. Essa ideia se torna ainda mais evidente em outro trecho, no qual, mesmo sendo outro dia da semana, a sessão não ocorre por não ter o número mínimo de participantes necessário: “*É o começo de uma noite de quinta-feira. Não houve a costumeira sessão plenária da tarde, por falta de quorum*”. (*Ibidem*, p. 43).

Essas informações são contrastadas com dados de benefícios recebidos – tratados como “mordomias”:

Os ministros dispõem de infraestrutura, remuneração e mordomias excelentes. O orçamento do Supremo para este ano é de 510 milhões de reais. [...] A frota tem 70 veículos, que gastam 35 mil de combustível e rodam cerca de 13 mil quilômetros por mês. Dezenove deles – os Ôegas de luxo – são para os onze ministros. O salário de um ministro é de 26 mil reais. [...] Continuam recebendo depois que se aposentam, e também depois que morrem, por seus dependentes. (*Ibidem*, p. 43).

O repórter vai além dos dados e parece ter pesquisado toda a história particular, mas relacionada de alguma forma ao tema principal, como a ameaça de destituição do ministro Marco Aurélio, por alterar o conteúdo de uma decisão colegiada. O caso era um pedido de *habeas corpus* para um oficial da Aeronáutica flagrado com 33 quilos de cocaína. De acordo com a narrativa, cabia a ele a redação do acórdão, considerando ilegal a prisão preventiva, por excesso de prazo, assegurando ao acusado o direito de aguardar o julgamento em liberdade. Até então, não há nada de errado, mas o conflito aparece no termo acrescentado por Marco Aurélio:

“Torno definitiva a liminar, para que o paciente aguarde em liberdade o julgamento dos citados processos e, na hipótese de condenação, a

imutabilidade do ato processual formalizado.” Em outros termos: ele dizia que o réu deveria ficar em liberdade mesmo em caso de condenação. (*Ibidem*, p. 43).

O oficial foi condenado a 17 anos de prisão e mesmo após muitas discussões o ministro não alterou sua posição. Mais do que isso, a narrativa justifica a importância de contar o caso: “*Pouquíssima gente soube da história fora do Supremo*”. (*Ibidem*).

Os contrastes continuam de forma sutil. Primeiro, os casos julgados pelos ministros, alguns até irrisórios:

Em quase duas horas de sessão, com a presença de apenas três ministros e um público de menos de dez pessoas (incluindo seguranças, bombeiros e jornalistas) foram julgados sete *habeas corpus*. Um deles tratava de um furto de duas canaletas plásticas cujo valor não chegava a 30 reais. (*Ibidem*, p. 45).

Depois, o envolvimento dos próprios ministros, supostos exemplos de justiça, em ações judiciais:

O outro caso, em que os valores são muito maiores, é o do ministro Eros Grau. Ele exerceu grande parte do mandato sob a vigência de uma sentença que o condenou a devolver 2,7 milhões de reais ao erário paulista por contratos ilegais com o Metrô. A sentença foi proferida em 19 de setembro de 2005, quando Grau já estava no Supremo, pela juíza Alexandra Fuchs de Araújo, de São Paulo. A juíza considerou parcialmente procedente uma ação popular do advogado e ex-deputado Samir Achôa contra contratos administrativos firmados entre o Metrô e escritórios de advocacia, entre eles o de Eros Grau. Ele foi contratado, entre 1992 e 1998, pelo critério da notória especialização, que dispensaria o processo licitatório. Os valores pagos pelo Metrô ao escritório de Grau somaram 4,8 milhões de reais. (*Ibidem*, p. 46).

Essas contradições revelam os diversos conflitos e a busca por revelá-los. São situações singulares, dentro de um espaço social particular, que até serem contadas passaram pela busca e apreensão daquela realidade. Além disso, é preciso considerar serem realidades narradas a partir de personagens do mundo real e também construídos de forma única. A fragilidade do caseiro Francenildo dos Santos Costa, as regalias dos Ministros do STF, as implicações dos concursos públicos, os discursos de Lula, entre outros temas, trazem conflitos reais e discussões além da simples informação. Mesmo nesses exemplos também são palpantes as nuances e a forma peculiar de abordar os personagens.

Partindo desse pressuposto, num emaranhado composto por diversos fatores, o capítulo seguinte analisa justamente a construção dos personagens jornalísticos e se propõe a responder: Qual é o papel de cada um na narrativa?

4 O PAPEL DO PROTAGONISTA

4.1 A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS JORNALÍSTICAS

Carlos Eduardo Taddeo cria dois cachorros bravos, para dissuadir quem cogite bisbilhotar a garagem da sua casa. Ele mora com a mulher e as duas filhas, criadas com afeto e severidade. Não podem tomar refrigerante, não frequentam McDonald's e similares e ainda levam palmadas quando falam palavrões... Estas são informações pessoais de um personagem que é um *rapper*, protagonista da reportagem “*O bagulho é doido, tá ligado?*”, escrita por Luiz Maklouf Carvalho.

Dados insignificantes? Sim, ao lançarmos um primeiro olhar sobre o tema principal. Porém, uma constatação apressada se continuarmos a leitura, pois a partir desses dados surgem os primeiros contrastes apontados pelo autor. Se o pai é *rapper*, como, então, as filhas fazem para cantar as músicas escritas por ele, cheias de palavrões? Além disso, demonstram uma construção com especial atenção aos aspectos pessoais desse personagem que, no entanto, está longe de ser o mais conhecido no meio musical. Isto porque é quem escreve as músicas, embora suas composições sejam cantadas pela Fação Central, “*o mais enfezado da cena brasileira do hip hop*”. Mais uma vez, isso demonstra, como apontado no primeiro capítulo, a ligação entre personagens anônimos e a fama.

Neste capítulo, a atenção se volta à construção dos personagens e neste sentido este e muitos outros exemplos refletem inúmeros aspectos já comentados, como a relevância à personalidade humana.

Aristóteles (1996)²² aponta para dois aspectos essenciais deste que é um ator da realidade: O personagem como reflexo da pessoa humana e o personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto. Embora o termo seja mais utilizado para descrever personagens de textos ficcionais, a relação entre jornalismo e literatura é estabelecida por diversos autores e apóia esta definição para o texto jornalístico, no qual essas leis incluem a veracidade dos personagens, inclusive de quem escreveu, pois como afirma Brait (1998, p. 53): “Assim como não há cinema sem uma câmera, não há narrativa sem um narrador”.

²² Do livro “Poética” - Tradução de Eudoro de Souza.

Nesta perspectiva, seja o narrador como câmera, a apresentação do personagem por ele mesmo ou o personagem como testemunha, as possibilidades de configuração são muitas e dependem de cada repórter.

O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista. (BRAIT, 1998, p. 64).

O movimento tratado neste capítulo identifica, além do protagonista, o papel de outros personagens: antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, vilões, mocinhos, bandidos etc. À análise interessa como a narrativa desenhou essa imagem, não uma mera reprodução, mas uma construção que mobiliza a subjetividade, conforme observa Olinto (2008):

Para extrair, no entanto, dos fatos de que toma profissionalmente conhecimento, o mundo inesperado de emoção de que precisa toda obra de arte, jornalística ou não, o repórter tem de manter em si a capacidade de espanto que origina o poema ou artigo, o conto ou o relato. É a virgindade mental de quem contempla o mais conhecido dos espetáculos – como os de sofrer ou amar, sorrir ou lutar – com uma receptividade tão humana que saiba, depois, transformá-los em linguagem, em palavras de uso diário. (OLINTO, 2008, p. 36, 37).

Assim, seja este narrador jornalista ou ficcionista, Brait (1998) também cita diversos autores consagrados que mesmo produzindo literatura surpreendem ao relatar a procedência de seus personagens. Guimarães Rosa percorria o sertão anotando em seus surrados caderninhos as histórias e as vivências dos sertanejos. Já Proust visitava bordéis para entender alguns aspectos da criatura proustiana empenhada em buscar o tempo perdido. Marcos Rey afirma nunca ter inventado nenhum, mas segue-os no cotidiano, enquanto para Moacyr Scliar eles vêm de muitos lugares: da infância, do dia a dia, de um encontro casual na rua, de uma foto ou notícia de jornal, das páginas de história, de um

sonho ou de um pesadelo, de uma associação de ideias, de um desejo de se auto-retratar.

Nesse sentido, até mesmo Flaubert chegou a afirmar: “Madame Bovary sou eu”. Ignácio de Loyola Brandão, João Antonio e Lya Luft também seguem na mesma argumentação. (BRAIT, 1988).

Curioso perceber que até mesmo a ficção está ancorada na realidade do cotidiano, como se a riqueza dos personagens estivesse na busca pelas melhores histórias. Com o acréscimo de o jornalismo ter compromisso com a verdade, ao encararmos a *piauí* e conhecermos seus personagens, sentimos em cada construção discursiva a vivência e a experiência do repórter, imerso naquela nova realidade para registrá-la. Como traz Olinto (2008):

A diferença entre a literatura diária e a literatura de sempre está na capacidade de reação do escritor, tanto à facilidade do imediatismo como à sedução da posteridade. É com humildade que ele deve se aproximar das palavras, dos tênues fios que o ligarão aos outros homens, para dar, aos sons que, desde a infância, são seus companheiros de cada hora, a permanência de uma obra que vença a pressão do tempo e o avanço da morte. (OLINTO, 2008, p. 18).

A revista caminha nessa perspectiva e a atualidade continua ali, nos textos escritos há tantos meses. Inclusive, as edições dos dois primeiros anos são vendidas em forma de coleção, como se fossem realmente livros.

Enquanto isso, nas narrativas, atores e autores se confundem, como também ocorre em livros de literatura. Todos são personagens, às vezes nítidos, outras vezes nem tanto. A construção envolve a autoria e abarca também quem escreve. Por isso, neste capítulo serão abordados os personagens reais e os personagens construídos de ambos os lados: quem escreve e quem é protagonista da história.

Trata-se de uma revista que conta a história de muitos personagens antagônicos: heróis com uma história de sucesso ou anti-heróis com uma história de fracasso. Ambas as realidades são abordadas por vezes de forma inversa, reforçadas através de recursos como o humor e a ironia.

Uma construção interessante é feita na reportagem “*Todos contra Daniel Dantas*”, da edição 9, de junho de 2007. Como personagem real, Dantas é um banqueiro, fundador do *Banco Opportunity* e ligado às

acusações de desvios de dinheiro do governo federal, episódio conhecido como “mensalão”. Na ocasião da reportagem, ele ainda estava sendo investigado pelo envolvimento. O título sugere uma vitimização, afinal todos estão contra ele. Por outro lado, o subtítulo já o coloca na posição de culpado: “*Depois de brigar com sócios, assessores e com o governo, o banqueiro se enroscou na armadilha que ele mesmo construiu*”.

A autora da reportagem, Consuelo Dieguez, nasceu em Nova Friburgo (RJ) e formou-se em jornalismo pela PUC-Rio. Durante nove anos, trabalhou nas sucursais do *Jornal do Brasil* e de *O Globo* em Brasília e especializou-se em jornalismo econômico. De volta ao Rio, atuou nas redações do *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *TV Globo*, *Veja* e *Exame*. Recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo em 1996 e o já citado *Case New Holland* (CNH) de melhor reportagem econômica em 2009.

Nessa narrativa, sua participação é sutil, buscando uma estratégia de distanciamento, embora seja a aproximação a estratégia predominante nas narrativas da revista. Relata as perguntas de forma impessoal, não utilizando a primeira pessoa, costumeiro na *piauí*.

O ocupante da sala, o economista Daniel Dantas, surpreendeu-se com a pergunta sobre o seu apreço por música clássica. “Como?”, reagiu, sem entender. “Ah, a música!”, disse, afinal. Com um sorriso maroto, caminhou em direção à janela, apontou um pequeno vão no teto, entre a janela e a persiana, e informou: “Descobrimos microfones aqui, estavam ouvindo as conversas e antecipando nossos movimentos”. (PIAÚÍ, JUNHO DE 2007, p. 25).

Por sua vez, Dantas é retratado como alguém que, apesar do bom humor, é odiado no mundo corporativo. Segundo a reportagem, as pessoas têm suas razões. Vários personagens são citados de forma secundária, mas determinante, pois os depoimentos são utilizados para construir a imagem do banqueiro. O bom humor demonstrado por ele destoa de sua reputação, pois é visto como negociador ardiloso e desleal:

Os quatro pesos-pesados [referindo-se a grandes empresas] classificam Daniel Dantas como inimigo. Em decorrência dessa briga maior, o banqueiro tem um rol de adversários que se

estendem do mundo político à imprensa, do Judiciário ao Ministério Público, do empresariado à Polícia Federal. [...] “Daniel é incapaz de cumprir um acordo: para ele, um negócio é bom quando só ele ganha”, diz um executivo de uma empresa em litígio com o banqueiro. É difícil encontrar um empresário que se disponha a elogiar o criador do Opportunity. (*Ibidem*).

A autora também cita uma opinião contrária, tratada como “exceção”: Sergio Andrade, dono da *Telemar* e da *Andrade Gutierrez*. E apesar da afirmação positiva, há o relato de um episódio contraditório à afirmação:

“Ele tem uma rapidez de raciocínio prodigiosa”. Andrade contou que, já há alguns anos, tomara a decisão de não brigar com Dantas. “Acho ele simpático”, disse sorrindo. A conversa foi por outros rumos. Dez minutos depois, perguntado se ainda tinha alguma operação na internet, Sergio Andrade respondeu que não. “Bem que eu gostaria, mas o Daniel me tomou o ig”, completou, já sem sorrir. (*Ibidem*).

Apesar das acusações, há uma citação em que Dantas diz ser inocente, mas em seguida o relato de uma cena com características negativas, referindo-se ao tratamento dado às pessoas com quem trabalha: “*Chama as três de Vitória, nome da que ele contratou há mais tempo. Raramente usa ‘por favor’ ou ‘obrigado’. Ligou e ordenou: ‘Chame o Arthur’*” (*Ibidem*).

Ao mesmo tempo, traz a história de sucesso, desde a adolescência, inclusive mostrando sua astúcia: “*Com os mesmos sócios, entrou para o ramo de distribuição de bebidas. ‘Nós estocávamos a cerveja e, quando chegava o verão, esperávamos o produto escassear para vender o nosso estoque com um lucro espetacular’.*” (PIAUÍ, JUNHO DE 2007, p. 25).

Depois disso, a repórter relata a trajetória do personagem: como acadêmico, rapidamente chegou ao pós-doutorado; como empresário, com pouco mais de 30 anos já havia adquirido a reputação de mago das finanças. A narrativa revela um personagem extremamente inteligente, mas que queria mais do que os outros achavam que ele merecia. Não é preciso muito esforço para perceber a “ambição” como o fundo que

permeia a narrativa e a construção do personagem, mas vista de modo exagerado e negativo, como será visto no capítulo específico. Portanto, Dantas é apresentado como um anti-herói, mais vilão do que mocinho, apesar do seu sucesso nos negócios.

Outro exemplo está na edição 13, de outubro de 2007, quando a *piauí* completava um ano. Trata-se da reportagem “*Nas curvas com Maluf*”. O protagonista, Paulo Maluf, não aparece como político, mas piloto. Para isso, o autor, Roberto Kaz, jornalista que já colaborou com a *Folha de São Paulo*, construiu o personagem através de recursos como a ironia e o humor. Uma das interpretações possível é de que o personagem foi construído de uma forma menos séria, um mocinho que se diverte, em oposição à seriedade apresentada na figura de um político. Porém, é possível observar também de outra forma, com indícios já no subtítulo, debochado: “*O primeiro Jaguar a gente nunca esquece*”, como se todos pudessem ter o referido carro – e apenas o primeiro.

Logo no início, percebemos suposições sobre a conduta do então deputado federal:

Era uma quinta-feira, 30 de agosto, no Autódromo Internacional Nelson Piquet, em Brasília. O relógio marcava 3 da tarde, com sol alto e acachapante, céu despido e clima de fomalha. Enquanto os parlamentares discutiam o destino do senador Renan Calheiros, o deputado federal Paulo Maluf, a convite de *piauí*, se dedicava ao segundo esporte que mais lhe apetece depois da política: o automobilismo. (PIAÚ, OUTUBRO DE 2007, p. 33).

Ao relatar que às 3h da tarde, enquanto outros deputados tomavam uma importante decisão, eles estavam ali se divertindo, há ironia. A imagem serve de “flagra”: devidamente equipado, o personagem ainda exhibe um semblante satisfeito.



Figura 6 - Nas curvas com Maluf

Além disso, ao sugerir que a política, assim como o automobilismo, é um “esporte”, Kaz também reduz a seriedade do personagem. A mesma lógica ocorre no trecho:

Quando Maluf atingiu a maioridade, sua mãe, Maria Estefano Maluf, prometeu ao filhote um carro próprio, desde que ele ingressasse na faculdade. Atiçado, o adolescente estudou doze horas por dia, para conquistar uma das 180 vagas em engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. A relação era de dez candidatos por vaga. “Não sei se passei por amor à carreira ou por medo de não ganhar o automóvel”, ele disse. Ao saber do resultado, dona Maria abraçou o caçula, deu-lhe um beijo na testa e, cumprindo o tratado, perguntou: “Paulinho, que carro você quer?” Ele quis um Jaguar. (PIAUI, OUTUBRO DE 2007, p. 33).

Supor que o automóvel pode ter sido mais importante do que a carreira, mesmo num momento específico de sua vida, é desenhar uma imagem de alguém que prioriza algo aparentemente secundário e que para muitos é até desnecessário valorizar. Essa ideia é reforçada posteriormente: “*Depois, alimentando a paixão do filho, dona Maria, que só andava de Rolls Royce, presenteou-o com um carro para cada ano de faculdade*” (Ibidem).

Quanto à participação do autor como personagem onipresente, acontece somente em um momento:

Por volta de 9 e meia, o telefone celular tocou. Era seu assessor-chefe, Adilson Laranjeira, de São Paulo, com boas novas: o patrão acabara de acertar na Mega Sena. Maluf sorriu, desligou o aparelho e anunciou: “Fiz uma quina. São 18 mil reais. Você pode noticiar isso em primeira mão”. (*Ibidem*, p. 34).

Uma construção semelhante, embora sem a utilização da ironia e outras figuras de linguagem, ocorre na reportagem “*A presidência familiar*”, escrita por Tomás Eloy Martínez na edição 14, de novembro de 2007. Martínez é um escritor argentino que atuou como jornalista em diversos veículos de comunicação. Quando colaborou com a *piuí*, estava com mais de 70 anos e faleceu no início de 2010.

Apesar de ser uma reportagem assinada por um colaborador externo, a *piuí* assume a postura do autor através da chamada de capa: “*Quem é Cristina Kirchner*”. Sobretudo no início, o jornalista compara a presença da protagonista na política argentina com a atuação de Hillary Clinton, esposa do ex-presidente americano Bill Clinton. Neste sentido, apresenta algumas características do gênero ensaio.

Por outro lado, considerando o hibridismo de gêneros apresentados na revista e a continuação desta narrativa, não há dúvidas de se tratar de uma reportagem, sobretudo porque é recheada de informações e relatos de episódios justificando o subtítulo, que apresenta juízos de valor: “*Quem é e o que esperar de Cristina Kirchner, uma mulher vaidosa que compartilha com o marido a ambição de acumular um poder excludente, que às vezes beira a paranóia*”.

No próximo capítulo, sobre as estratégias comunicativas, a aproximação de gêneros e a opinião no jornalismo serão abordadas novamente. O entendimento disso perpassa alguns paradigmas. Conforme já exposto, para Chaparro (1998), por exemplo, há opiniões em todas as decisões, e em cada momento há atribuição de valor aos fatos e às coisas.

Para a construção desse personagem, além de relacioná-lo com a política americana, foram utilizados recursos além da ironia. Ao tratá-la como vaidosa, ambiciosa e até mesmo defini-la como parte de um poder excludente e paranóico, parece haver uma crítica de condenação. Porém, ao longo da narrativa percebemos se tratar de uma forma de expor características não tão negativas quanto possam parecer.

Também há a comparação com dois mitos anteriores a ela na política do país: Eva e Isabel Perón. Para começar, o jornalista dá mais crédito à Cristina do que a qualquer outra, inclusive Hillary, pois, apesar das semelhanças, “*Cristina tinha mais chances do que Hillary de concorrer à presidência*”. E enquanto a narrativa releva características negativas das conterrâneas, expõe diferenças positivas para Cristina:

Cristina, em contrapartida, estudou ao mesmo tempo que o marido, superou-o e nunca teve por ele a devoção reverente que marcou a relação de Eva com Perón. Tanto Isabel como Evita faziam o que o marido mandava. Ou, no caso de Eva, declamavam sua obediência em voz tão alta que acabava parecendo suspeito. Cristina descreve a si mesma como o principal apoio de Kirchner, mas sempre deixou claro que divide com ele um projeto de amor e poder. (*Ibidem*).

Além disso, o autor trata a presidente pelas iniciais: CKF, que parece uma alusão à JFK, como era conhecido o ex-presidente americano John Fitzgerald Kennedy. Tratar por uma sigla deixa a impressão de se tratar de um nome tão forte que se compara a uma instituição. A narrativa continua com as comparações, sempre de alguma forma favorecendo os sucessores.

CFK não precisa fingir uma atitude de representante. Ela e Kirchner se apresentam como uma unidade, um casal de ferro cujos membros agem em separado sem que jamais um desautorize o outro. Acham natural alternar-se no poder: um nunca teme ser traído ou deixado à margem pelo outro. Quando adoeceu, em 1951, Eva já tinha ao redor um exército de devotos que formavam quase um partido próprio. Não usaria esse exército para competir com Perón, mas para obrigá-lo a ser menos conciliador e mais audacioso em suas políticas sociais. Cristina também tem sua própria legião: os políticos conhecidos como cristinos. A diferença é que sua função não é mudar Kirchner, e sim fortalecê-lo. (*Ibidem*).

Por outro lado, sutileza talvez seja a característica que defina a construção desta personagem. Assim como existem as qualidades, existem os defeitos relatados em diversos momentos, principalmente os excessos com a aparência:

O que distingue Cristina de suas contemporâneas poderosas é o extremo zelo com que cuida de sua aparência pessoal. Nisso parece Evita, cujos *tailleurs* Dior e casacos de pele compensavam a pobreza extrema de sua juventude. [...] Quando o marido era governador de Santa Cruz e ela era vice-presidente da Câmara provincial, há dois anos, eles foram acordados às duas da madrugada e avisados de que uma centena de policiais amotinados ocupara a sede do governo. Kirchner se vestiu às pressas. Ela demorou quarenta minutos para se aprontar. Sua desculpa na época ficou famosa: “Ainda que venham os marines dos Estados Unidos, não saio na rua sem perfume nem maquiagem”. (*Ibidem*).

A sutileza continua com uma análise ousada sobre estes aspectos da personalidade de Cristina:

Todos esses traços de personalidade parecem pertencer a uma mulher frívola, mais preocupada com o que dizem dela do que com aquilo que é capaz de dizer. Nada mais errado. Cristina Kirchner sempre teve uma idéia clara de onde queria chegar e como chegar. Agora seu principal problema é como impor uma personalidade autônoma do marido, com quem divide um mesmo projeto político há um quarto de século. (*Ibidem*).

Ainda conforme o texto, sua biografia é destituída de aventura, de romantismo e de tragédia. A forma como ela entrou na política teria sido quase coerção:

Ela e Néstor se amavam, mas amavam ainda mais a idéia de, juntos, irem longe. Em 1989, o marido a forçou – ou quase isso – a se apresentar como candidata a deputada provincial, pouco antes que

ele mesmo postulasse o cargo de governador. (*Ibidem*, p. 28).

Ela também é apresentada como possuidora de um instinto maternal aguçado, uma outra face, mais pessoal, além da política:

Cinco anos antes, em 1984, ela sofrera uma dor terrível, talvez a maior de sua vida. Estava grávida de seis meses e perdeu o bebê. Saiu dilacerada de sua curta internação - dois dias -, com uma tristeza que não desejaria nem para o pior inimigo. Seis anos depois, teve um parto feliz. Sua filha Florencia nasceu sem problemas. Agora ela vive com os pais, na residência presidencial de Olivos, enquanto Máximo, depois de abandonar os estudos, de jornalismo primeiro e de direito mais tarde, ficou em Río Gallegos, administrando os negócios familiares. Cristina gostaria de um destino mais ambicioso para ele, mas aprendeu que nem tudo na vida corresponde aos seus desejos. (*Ibidem*).

Algumas contradições também são apontadas: opôs-se às tentativas feitas pelo ex-presidente Carlos Menem de ser eleito para um terceiro mandato por meio de decretos de necessidade e urgência, não vigiados pelo Congresso, mas defendeu que seu marido fosse eleito governador três vezes, depois de modificar a Constituição da província em benefício próprio. “*Se, em 2003, não tivesse sido eleito presidente, é bem provável que Kirchner ainda estivesse no cargo, porque já havia conseguido que se aprovasse uma cláusula de reeleição indefinida*”. (*Ibidem*).

Segue-se o depoimento de que a maioria dos chamados “caudilhos” tem uma antipatia visceral por Cristina. “[...] *CFK os deixa nervosos. Parece que ela não entende as sinuosidades das negociações e que prefere mandar, em vez de negociar*.” (*Ibidem*). Soma-se a isso a descrição de diversos problemas sociais deixados pelo governo do marido, falecido em 2010, no segundo ano de mandato da esposa. A narrativa finaliza com uma especulação feita pelo jornalista, sobre os planos do casal.

“Depois que ela cumprir quatro anos de bom governo”, disse ele, “o presidente voltará para outros quatro, muito mais forte que agora.

Cristina, então, se retiraria. Voltaria ao Senado e entraria na história.” Esse é um cálculo fácil demais, retruquei. E se o governo da esposa fosse tão bom que houvesse consenso para reelegê-la? Quer dizer, então, que Kirchner ficaria desempregado? “Isso é algo em que não se pensa”, respondeu. “Os dois já decidiram como serão as coisas. Nada os fará mudar.” (*Ibidem*, p. 29).

Neste ponto, o autor se insere na cena. Assim, a construção dos personagens, como se percebe, também é autoral. O repórter capta todas as informações possíveis e escolhe o enfoque das narrativas. Este aspecto é exemplificado em “*Serra na hora da decisão*”, da edição 37, de outubro de 2009, escrito por Daniela Pinheiro. Jornalista formada pela Universidade de Brasília, ela trabalhou como *trainee* e repórter da *Folha de S.Paulo*, passou por *Veja*, *Época* e *Jornal do Brasil* e hoje trabalha na *piauí*.

Nessa reportagem, desde o início há uma construção de animosidade entre os personagens. A cena relata Fernando Henrique Cardoso explicando porque Serra desistiu de ser o candidato ao Planalto em 2006. Inicialmente, isso parece revelar insegurança:

Para explicar a desistência em 2006, um amigo de mais de duas décadas do governador paulista lembrou o poema “Se”, no qual Rudyard Kipling indaga Se és capaz de arriscar numa única mão de cartas/ tudo quanto ganhaste em toda tua vida... “Pois bem”, disse o amigo, “o Serra é um homem que não aposta sua carreira numa mão de cartas. Ele é diferente do Fernando Henrique, que pôs todas as suas fichas no Plano Real, e do Lula, que arriscou sua presidência numa política para os pobres.” [...] O amigo contou ainda que “Serra sentiu o golpe de 2002, e não se lançou de novo porque não tinha certeza em qual chão estava pisando”. (PIAUI, OUTUBRO DE 2009, p. 40).

A descrição da personalidade é feita com características que o tornam sensível, como o fato de preferir conversar com mulheres. Além disso, registra uma infância pobre, em uma casa de apenas um quarto, mas ainda assim feliz, quase como um conto de fadas – história contada pela tia:

Na beira de completar 90 anos, Teresa é forte e se veste com apuro. Tem os mesmos olhos do sobrinho político, e fala dele com emoção e orgulho. “A Serafina e o Francesco se casaram numa cerimônia linda, tocaram charamela, dançaram tarantela, ai, me arrepio só de lembrar”, disse, com forte sotaque calabrês. Um ano depois, nasceu José Serra. (*Ibidem*, p. 42).

Os aspectos negativos são citados, como o fato de ser briguento na escola e a relação com o pai ser distante, mas isso fica diluído em muitos depoimentos que o descrevem como bom e inteligente, seja na infância ou adolescência.

“Tudo o que ele queria a gente fazia: uma comida, uma brincadeira, um bolo”, disse a tia Teresa, logo acrescentando: “Mas ele nunca impôs nada”. Quando Bidu tinha 5 anos, o primo Zé tomava-lhe as capitais do mundo. “Ele também me fez decorar o nome científico da Cibalena”, contou. “Até hoje me lembro: dimetilaminofenildimetilpirazolona. E ele nem era hipocondríaco ainda.” Ao que a tia Teresa atalhou: “Bidu, para! Ele não é hipocondríaco. Ele era precoce. Sempre foi um crânio.” [...] “Ele era um pouco precoce. Andava com biografias de Hitler e Mussolini debaixo do braço e, se não me engano, andou lendo O Capital no ônibus para Vila Bertioga. Tinha gente que o achava pernóstico; era uma coisa que ninguém fazia.” (*Ibidem*).

Depois, a autora se coloca na cena, afirmando: “*amigos próximos e distantes, correligionários, conhecidos, jornalistas, todos que entrevistei – exceto seus familiares – consideram Serra, de alguma maneira, implicante*” (*Ibidem*, p. 42).

Narra diversas situações com as quais já o viram implicar, como comida, a maneira como os outros se vestem, o vinho servido num jantar e a redação de um cardápio, mas o trecho é finalizado com um comentário pessoal: “*A diferença é que escancara suas implicâncias, enquanto a maioria dos políticos as silencia*”. Neste trecho há não só

uma análise, quanto uma valoração que deixa transparecer simpatia, principalmente porque há uma generalização através de a “maioria”.

Em certos momentos é mostrada uma face não tão amistosa de Serra. Isso é relatado através de depoimentos discordantes de alguns posicionamentos, como o do economista João Manoel Cardoso de Mello, inclusive com palavrões, que dão o tom ao discurso:

O autor de *O Capitalismo Tardio* considera, porém, que Serra tem uma visão fiscal ortodoxa. “Ele tem mania de não dar aumento para funcionário público, para não desequilibrar as contas públicas”, disse. “Aí, teve greve de delegado querendo 500 ‘merréis’ de aumento. Dá o aumento, porra. Imagina o custo social de uma greve de delegado? Mas ele não dá!”. (*Ibidem*, p. 48).

Em outro trecho, a autora reproduz um diálogo no qual o personagem mostra irritação, expressado por palavras como “ordenou”:

“O elevador está parado no térreo para receber mais gente, e então subir”, disse ela. “Não, não tem isso não, manda subir esse elevador do jeito que está”, ordenou ele, rispidamente. “Já está subindo, governador”, disse a moça. “Não está nada. O elevador está parado, olha aqui o botão de ‘parado’ aceso. Liga esse elevador”, rebateu Serra. (*Ibidem*).

Um caráter autoral nesta construção ocorre através da utilização de figuras de linguagem:

“Aaaaaaiiiiiiii”, gritou, quando o Corinthians quase marcou um gol. “Ai, meu Deus, o medo me fez suar a mão”, disse, e deslizou a mão molhada pelo meu braço direito. Na maioria do tempo, ficava calado, os olhos grudados no gramado. Vez ou outra comentava estar aliviado por um passe errado do adversário ou uma defesa benfeita do Palmeiras. Quando o juiz anulou um gol impedido do Corinthians, abraçou o filho gritando: “Êeeeeee! Que alívio!” (*Ibidem*, p. 50).

A autora também teve cuidado para narrar um episódio importante. Como mostra o trecho a seguir, mesmo o político pedindo para aquilo não ser publicado, ela descreve o diálogo contradizendo o depoimento de outro personagem na história:

“A coisa mais absurda que você me disse foi que eu implicava com uma menina de perna fina chamada Helga. A única Helga que eu conheci na vida foi a Helga Hoffmann, do movimento estudantil, que não tinha perna fina e nunca morou no Chile. E falar que eu implicava com um sujeito porque era feio... Nunca teve isso. Isso não é real. Você não pode escrever isso.” [...] Tentei argumentar e ele quis encerrar o assunto: “Se aconteceu comigo, e eu estou falando que não existiu, logo não é real. Se não é real, não deve ser publicado.” Lembrei um outro caso, que ele também negara ter ocorrido, e depois reconheceu que, de fato, havia acontecido, mas ele esquecer. “É, isso eu não lembrava”, falou. Se ele podia ter esquecido uma coisa, podia também ter se esquecido da Helga e do feio. (*Ibidem*, p. 54).

Porém, prevalecem depoimentos favoráveis, da família e amigos, e em quase duas páginas ocorre a construção de um perfil intelectual do político. Livros preferidos, personagens fictícios que relaciona com a própria história, como Jacobina e o poema “Fragmentos de um Evangelho Apócrifo”, do argentino Jorge Luis Borges. A narração de uma cena na qual conversam sobre o escritor finaliza a reportagem. Nela, o personagem diz que quase tudo tem a ver com ele. Depois de um almoço e um telefonema sobre o assunto, o trecho final é um *e-mail*:

No fim da tarde, chegou um e-mail de Serra: “Se você suprimir os versículos 10 e 17, o Evangelho do jlb é quase perfeito. Alguns deles eu devo ter dado a ideia ao Borges em outra encarnação.” (*Ibidem*).

O perfil de políticos, percebido como serialidade no primeiro capítulo, dá importantes contribuições a este movimento, sobre a construção dos personagens. Além dos exemplos citados, encontramos outros interessantes, como a reportagem “*Obama, o conciliador*”, escrita por Larissa MacFarquhar quando Barack Obama ainda era

candidato à presidência dos Estados Unidos, na edição 18, de março de 2008.

O título já sugere a construção de uma imagem, no caso a de “conciliador”. A narrativa se propõe então a buscar indícios e depoimentos para sustentar o discurso. A partir do texto, tem-se a impressão de que o personagem é diferente de todos os políticos e, mais ainda, possui qualidades diferenciadas até mesmo dos próprios colegas de partido.

Existem três coisas que os políticos democratas tendem a fazer toda vez que entram em contato direto com os eleitores que representam: demonstrar um conhecimento impressionante de cada pormenor dos seus problemas, especialmente os que envolvem dinheiro; despertar a indignação, apontando que esses problemas são provocados pelos grupos poderosos que só pensam em enriquecer à custa das pessoas comuns; e apresentar propostas políticas formuladas com o maior cuidado, pois, caso fossem aprovadas, poderiam solucionar esses problemas e pôr os grupos poderosos no seu devido lugar. [...] Obama raramente faz qualquer dessas três coisas. Sua tendência é demonstrar um conhecimento apenas modesto dos assuntos, parecendo menos informado do que na verdade é. Raramente faz acusações, preferindo falar sobre os problemas na voz passiva, como coisas que estão erradas conosco, e não coisas erradas que fizeram conosco. E as soluções que propõe geralmente parecem modestas e locais, não de alcance profundo e nem sistêmicas. (PIAUI, MARÇO DE 2008, p. 24).

Por vezes, a narrativa parece uma defesa da personalidade. Para a autora, o personagem sempre se apresenta em ambientes pequenos com uma calma “menos professoral do que doutoral”:

[...] ele lembra um médico que, ao escutar a história do paciente sem manifestar nenhuma reação emocional, deixa-o mais tranquilo, porque dá a entender que conhece bem aqueles sintomas. Ele é doutoral também num outro sentido: Obama

vê o corpo político como um organismo vivo, diante do qual a reação indignada não faz sentido - como não faria sentido para um médico mostrar indignação diante do rim de um paciente que lhe provoque dor nas costas. (*Ibidem*).

Até mesmo as críticas em relação à rebeldia são fundamentadas em uma afirmação de Obama, na qual ele diz que a face revoltada existiu dos 15 até mais ou menos os 21 anos. Além disso, segundo ele, era um adolescente, depois de uma infância sabidamente complicada, embora não fosse esse seu temperamento natural.

Em seguida, a repórter retrata o envolvimento do personagem com a Igreja, após passar muito tempo como agnóstico e cético, e ainda descreve o depoimento em que define sua vida como uma celebração do Sonho Americano:

[...] um “garoto magricela com um nome estranho”, produto de uma improvável união idealista entre um africano e uma garota do Kansas, emerge da obscuridade para ingressar na Faculdade de Direito de Harvard e mais adiante - o que àquela altura já ficara claro - torna-se o terceiro senador negro dos Estados Unidos desde os anos que se seguiram à Guerra Civil. Mas, num outro sentido, a vida dele mostra um trajeto oposto ao do Sonho Americano, pois recusa os sonhos dos pais e avós e sai à procura de algo ainda mais ancestral. (*Ibidem*, p. 26).

Mais ousado é o trecho: “*Quando entrou na faculdade de direito, aos 27 anos, Barack se transformara no homem que havia imaginado.*” (*Ibidem*). Além disso, escolhe outro argumento do personagem em que se mostra coerente e inteligente diante dos adversários:

Prefere considerar que seus adversários estão enganados ou sendo ridículos, em vez de encará-los como demônios. “Nunca fui adepto da teoria da conspiração”, diz ele. A tendência de Obama à conciliação vai além dos limites do expediente político - é instintiva, quase uma reação involuntária. (*Ibidem*, p. 28).

Não há dúvidas de se tratar da construção de um mocinho, diante dos eleitores, dos adversários e, no discurso da revista, dos leitores. O único momento em que titubeia sobre essa imagem é o trecho final:

Quando a maioria dos políticos fala a uma platéia, parece que vive para isso; Obama, em encontros locais, mostra-se empenhado mas com menos ardor, como se houvesse várias outras coisas que ele gostaria igualmente de fazer naquele dia. (*Ibidem*, p. 29, 30).

Não obstante, como é possível perceber, nada que o tire da condição de mocinho da história. Estes exemplos também ilustram outra característica já citada: a autoria. Cada autor possui características próprias e algumas se destacam. Roberto Kaz utiliza como recurso principal o humor, enquanto João Moreira Salles é arguto na construção de ideias, com verbetes rebuscados e fontes que revelam uma apuração baseada em muitas pesquisas. Enquanto isso, as narrativas de Daniela Pinheiro se sobressaem por uma captação exaustiva e a valorização dos diversos enfoques de um tema, ou seja, os “lados” da questão. Isto não significa dizer que os autores, em todas as suas reportagens, repitam essas características e excluam as demais. Porém, essas costumam aparecer com maior evidência.

Deste modo, o narrador/autor, mesmo sendo um repórter, atua como quem conta uma história, interferindo em alguns trechos, através da liberdade na construção, da linguagem e das escolhas feitas através da apuração. Para a equipe, isto não é sinônimo de lentidão, mas de apuro. Essa afirmação aventa que a captação é uma corrida em busca de informações novas, interessantes e precisas.

Portanto, em *piauí*, o autor ocupa um lugar privilegiado. E mesmo em uma reportagem que não atinge tamanha liberdade, há marcas pessoais, como destaca Bulhões (2007):

É bom enfatizar que tal atributo essencial de portar a voz de uma “testemunha ocular” dos fatos permitirá a concessão ao desempenho de uma atitude individualizada, centrada na figura do eu que reporta, o que insinua a presença de marcas de personalidade na forma expressiva. (BULHÕES, 2007, p.45).

Bulhões (2007) complementa que a reportagem é o que viabiliza a realização de um estilo, ou seja, é uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. Olinto (2008) também argumenta:

Não existem, no jornalismo concebido em termos mais avançados, o estilo de um jornal. Existe, sim, o estilo de um jornalista. [...] O jornalista, que tem a vocação do jornal, é um escritor, no sentido exato da palavra. Aperfeiçoa sua linguagem e, tendo de fazer uma reportagem, coloca nela o melhor do seu talento e dos seus esforços. (OLINTO, 2008, p. 28, 29).

Outra característica da revista, presente em praticamente todas as reportagens, é a humanização. Isto nos instrui a considerá-la não como uma estratégia, mas como uma decisão, ou seja, o repórter escolhe contar a história através de aspectos mais humanos, privilegiando personagens em detrimento de temas. Diferente de seguir uma recomendação, tal postura parece ser inerente à personalidade e às características pessoais do profissional.

Em cada história encontramos políticos, economistas ou moradores de rua, mas todos têm nome, preferências e características que os distinguem, independente da classe social ou função ocupada por eles. Exemplo disso é que Fernando Henrique Cardoso gosta de comida tailandesa, como mostra a reportagem “*O Andarilho*”, e Cristina Kirchner troca de roupa quatro vezes por dia, conforme a reportagem “*A presidência familiar*”.

A humanização é um termo bastante utilizado em áreas como saúde e se refere à necessidade de aproximação nas relações humanas. No jornalismo, Medina define a humanização como “um processo de seleção de determinados traços do indivíduo ou de uma situação, com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e em geral” (1986, p. 92). Assim, o personagem, geralmente anônimo, não é apenas mais um, dentro da coletividade ou um grupo maior, mas um protagonista.

O atendente de telemarketing Fagner ganha características peculiares, como usar boné e mascar chicletes, além de sobrenome e idade. A conversa também inclui referências ao tempo como “há algumas semanas”, o endereço da escola de formação e dados aparentemente precisos como o momento em que a atendente Estefânia perdeu a voz: 27 de dezembro de 2003, às 10h45, quando falava no

telefone com o Sr. Lauro. A informação é complementada com uma citação do personagem referido, como se assinasse a versão.

Na mesma reportagem, há efeitos poéticos, a começar pelo título: “*Bom-dia, meu nome é Sheila*”²³. Trata-se de um nome inventado e utilizado pelos alunos para treinarem durante as aulas até aprenderem a arte do convencimento.

Uma somatória de fatores poderia explicar os modos de escrever um texto. As situações expostas até aqui corroboram com isso. Existem repórteres como Eliane Brum, já citada neste trabalho, de veículos de comunicação com uma linha editorial mais rígida, que ainda assim escrevem de forma humanizada. Portanto, esta decisão é mais pessoal do que uma estratégia do meio. E esta construção pessoal perpassa todas as vivências do profissional.

De outra perspectiva, Berger e Luckman (2001) tratam o jornalismo como uma construção social da realidade. Para eles, o desenvolvimento humano está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada, ou seja, a uma multiplicidade de determinações socioculturais. Assim, embora haja um ambiente natural particular, há também uma construção, ou seja, o homem produz a si mesmo.

Os pressupostos genéticos do eu são, está claro, dados no nascimento. Mas o eu tal como é experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível, não é. Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o eu em sua forma particular, culturalmente relativa (BERGER e LUCKMANN, 2001, p. 73).

Para os mesmos autores, as ações humanas tornadas habituais adquirem um caráter significativo para o indivíduo. Sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores, ocorre uma institucionalização. Por sua vez, as instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes são um ingrediente essencial ao mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade, pois ao desempenhá-los o indivíduo participa de um mundo social. Além disso, ao interiorizá-los, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.

²³ Reportagem publicada na edição 01, de outubro de 2006.

Como já mencionado, um texto é sempre escrito por alguém, ou seja, há sempre um autor, que viveu ou conheceu determinada realidade. Contudo, ao lermos relatos em primeira pessoa ou percebermos quem escreveu presente nos textos da *piauí*, as considerações de Berger e Luckmann tornam-se ainda mais claras.

Nesse sentido, consideramos “vivência” de uma perspectiva ampla: o sujeito histórico e social, cuja personalidade foi construída a partir de experiências singulares, e capaz de experimentar uma realidade diferente e ter a sensibilidade de captar nuances muitas vezes ignorados. Assim, este sujeito pode escrever sobre a vivência alheia com as mesmas possibilidades de quem escreveria um livro de literatura. Medina também discorre sobre a sensibilidade no momento da apuração:

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária a do repórter), por certo esses fluídos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado. (MEDINA, 1986, p. 30).

Ao chegar à percepção citada por Medina, também há o alcance do humano, com uma história única, mas capaz de causar identificação em nós, leitores. Neste sentido a humanização se distingue de um jornalismo puramente técnico, com regras de codificação compoendo a tessitura. Ao percebemos o autor ali, revelando seus passos durante a apuração e dando pistas para acompanhar seus movimentos, é como se também nós fossemos transportados para o mundo simbólico sugerido pela narrativa. Na capacidade de se relacionar com o leitor reside a força de uma narrativa.

A economia, assim, dá-se através da história do então presidente da *Previ*, Sérgio Rosa, em “*Sérgio Rosa e o Mundo dos Fundos*”, da edição 34, de agosto de 2009. A política é discutida através da trajetória de nomes como Ciro Gomes, Fernando Henrique Cardoso, José Serra e até mesmo o piauiense Elizeu Aguiar, “*O Aprendiz*”, deputado federal que assumiu o cargo pela primeira vez e teve sua história registrada na

edição 32, de junho de 2009. Medina trata como uma “humanização das circunstâncias” e se refere a isso como um dever do mediador social:

A humanização das circunstâncias é um dever do mediador social: a circunstância brasileira não pode ser tratada exclusivamente por gráficos, balanços numéricos, no esquematismo das tendências das elites ou das falas fáceis e por demais aleatórias do povo na rua. [...] O perfil humanizado da circunstância exige o encontro profundo com o tônus cultural. Contribuem para esse encontro a práxis da reportagem e a cosmovisão da arte. Para humanizar seu tempo de ação, o mediador social – situado no jornalismo – tem de exercer as virtualidades de repórter e se contaminar com o desejo dos artistas. Realista pelo que se exige na averiguação dos fatos e mítico no que aspira da compreensão do homem-protagonista desses fatos. (MEDINA, 1996, p. 219).

Esse dever, somado à responsabilidade necessária para desempenhar bem o papel, implica compreensão humana. Isso perpassa os relacionamentos, admite desentendimentos, ri junto, torna a relação passível de sucessos e fracassos. Só então o jornalista pode ser encarado como um humano sensibilizado com o caos. Mais do que isso, suscetível às “dores do mundo”, conforme observou Dines:

Weltanschaaung (concepção de mundo) e *weltschmerz* (dores do mundo), duas expressões do jargão filosófico são pouco usadas na redação de jornal. Mesmo o jornalista que as ignora as tem presentes no seu comportamento diário. O trágico incêndio de um prédio conduz o jornalista a indagações imediatas sobre segurança coletiva, responsabilidade, critérios de construção etc., num encadeamento onde o seu sendo trágico deve desembocar na acuidade e perspicácia. (DINES, 1986. p. 123).

Neste sentido, para o autor, o depoimento pessoal não pretende apenas o lado emocional, nem o aquecimento de um assunto pela linguagem calorosa. Mas pode-se substituir um levantamento maçante

sobre determinado problema pela presença ativa do repórter. Isso sem descuidar do comprometimento com a causa pública, parte tratada como essencial:

A fome na África, os apátridas do Chile, a coragem dos dissidentes soviéticos, os heróis anônimos das obras monumentais são temas da atualidade, resultado dessa sensibilização generalizada para localizar o sofrimento do mundo, parte essencial do Ser jornalista. (*Ibidem*).

Sodré e Ferrari (1986) dão contribuições à mesma direção. Para eles, nas condições de sofrimento de um indivíduo, projetam-se as dificuldades de uma nação em luta pela vida. Assim, a humanização do relato é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador, ou seja, a vivência da realidade, o arrebato dos sentidos, conforme argumentam:

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distancia) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação. (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 15).

Escrever de forma humanizada, portanto, abarca as três esferas: técnica, estética e ética. Precisamos reconhecer estarmos diante de um texto jornalístico. Por outro lado, do ponto de vista estético, o jornalismo humanizado transcende as técnicas e abarca a criatividade, ou seja, através de diversos recursos e estratégias comunicativas, como a autoria, se aproxima do leitor, torna o cotidiano íntimo e cria uma empatia e identificação. Ao mesmo tempo, não se descuidar da ética. Ou seja, preocupa-se em ganhar a confiança e a credibilidade de quem está lendo e consegue, até mesmo, relatar com mais veracidade sua vivência.

Neste sentido, para Morin (1998), a incerteza sobre o real é fundamental porque somos conduzidos a lutar por nossas finalidades. Portanto, o problema consiste em evitar o realismo trivial, ou seja,

adaptar-se ao imediato, e o irrealismo trivial, que seria subtrair-se às constrictões do imediato.

O importante é ser realista no sentido complexo do termo (compreender a incerteza do real, saber que há o possível, mesmo que ainda esteja invisível no real), o que frequentemente pode parecer irrealista. A incerteza do real pode ensinar tanto o idealismo ético (agir de acordo com suas finalidades e ideais) como o realismo estratégico. (MORIN, 1998, p. 69).

A estratégia, segundo Morin, deve ser ora privilegiar a prudência, ora a audácia e, se possível, as duas simultaneamente. Sobretudo, deve efetuar compromissos. Ao mesmo tempo, também relativiza essa responsabilidade do autor ao escrever seu texto:

O problema da responsabilidade deve ser colocado em termos complexos. De um lado, cada um deve reconhecer-se responsável por suas palavras, por seus escritos, por seus atos. De outro, tomando como base a ecologia da ação, ninguém é responsável pelo modo como suas palavras são entendidas, como seus escritos são compreendidos, como seus atos são mal interpretados, distorcidos. Cada um, em suma, é 100% responsável e 100% irresponsável. (*Ibidem*, p.71, 72).

Mais uma vez, a compreensão trata a relação comunicativa como humana, considerando que o sentido do texto não se encerra quando o jornalista escreve o ponto final. É um sujeito, dotado de personalidade, valores, defeitos, escrevendo sobre outro também singular, e direcionado a um terceiro, igualmente único.

Por isso torna-se importante conhecermos a história dos autores, que também revelam o modo peculiar como escrevem. Co-fundadora da *piuí*, Dorrit Harazim é, além de jornalista, roteirista e documentarista, como João Moreira Salles. Mais um exemplo do conhecimento trazido de outros campos e parte do contingente de personagens da revista com tradição no jornalismo. Harazim também foi pioneira da revista *Veja* e trabalhou em *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, além de ter participado da cobertura de episódios importantes da história mundial, como a

Guerra do Vietnã, o golpe militar no Chile, em 1973, o 11 de setembro, em Nova York, e os Jogos Olímpicos de 1980 a 1988. Já perfilou Michael Jackson e os Rolling Stones e, na *piauí*, como alguns exemplos já citados, também costuma perfilar celebridades e anônimos, em construções híbridas, misturando humor, ironia e figuras de linguagem.

Um dos perfis feitos pela autora é “*Zamariola sai do casulo*”, publicado na edição 41, de fevereiro de 2010. O subtítulo explica a matéria: “Quem é o advogado de 28 anos que venceu a mais célebre causa de direito de família dos últimos tempos - o caso Sean - e como ele viveu a maratona que antecedeu o embarque do menino para os Estados Unidos”.

A narrativa descreve o personagem com informações pessoais: a hora que acordou e o tipo de mala utilizada, embora até mesmo este dado, aparentemente insignificante, ajude a compreender quem é ele, em relação a outros advogados:

Zamariola pegou a mala com rodinhas preparada na véspera - um conforto notável, se comparado à de alça que carregava até então, mas ainda aquém das que deslizam com quatro rodinhas, usadas pelos advogados que vivem nos ares entre São Paulo e Brasília - e rumou para o escritório. (PIAÚÍ, FEVEREIRO DE 2010, p. 22).

O personagem secundário nesta reportagem, embora principal em outros veículos de comunicação, é o pai do menino cuja guarda era disputada, David Goldman. Assim, o caso é contado a partir da história de Zamariola, e a valorização de aspectos mais pessoais também aparece na construção de outros personagens da narrativa, como a americana Benita Noel, responsável pela cobertura diária do caso Sean.

Acocorada no chão, a americana Benita Noel era um feixe de nervos expostos. Produtora-sênior da emissora americana NBC, ela era responsável pela operação de cobertura diária do caso Sean e pelo programa especial a respeito do assunto, no qual a rede americana investira algumas centenas de milhares de dólares. [...]. Dessa vez, largara a decoração da árvore de Natal pela metade, mas prometera à filha de 6 anos que voltaria a tempo de terminá-la. Mas dependia, também ela, de Gilmar Mendes. (*Ibidem*, p. 22, 24).

Embora alguém pudesse ter contado a história posteriormente, as informações minuciosas demonstram a presença da repórter no local: “Alguém bateu à porta. Era o serviço de quarto, trazendo club sandwiches, água de coco, sucos, pacotes de amendoim e refrigerantes”. (*Ibidem*, p. 24).

Após narrar uma conversa entre o advogado e Goldman, a autora volta à personalidade de Zamariola, através de curiosidades:

Procurava a rolha da garrafa de champagne que ele e os dois sócios abriram, em 2004, quando o escritório se mudou para o novo endereço, encostado na avenida Paulista. “Acho que o Marcão e o Paulinho nem sabem que eu a guardei.” Ao dar uma última passada de dedos pelo interior da gaveta, tocou em algo que não reconheceu de imediato pelo tato. Às gargalhadas, extraiu um pé de meia branca amarfanhada e disse: “Caramba, essa está aí há meses, desde a vez em que tive de me vestir e sair de casa voando. Quando cheguei aqui, a secretária me deu um toque e foi até a Paulista comprar um par preto.” (*Ibidem*).

A autora justifica a escolha desse episódio afirmando que a rolha e o pé de meia explicam um pouco quem é Ricardo Zamariola Jr. Em seguida, conta sua entrada no escritório de advocacia, seus primeiros trabalhos com causas do direito da família, sua entrada na faculdade e como aprendeu inglês, através de cursos em fita cassete.

A ordem dessa narrativa não é cronológica, mas vai intercalando a história com o presente, conforme os dados são expostos. O pai e os demais personagens frequentemente aparecem, mas na maioria das vezes Zamariola também.

Harazim lista diversos nomes de advogados importantes, destacando principalmente a proximidade com nomes e órgãos de justiça, defensores da família brasileira. Na análise, Zamariola estava praticamente sozinho na causa. Apesar disso, destaca seu esforço e como surpreendeu a todos, pela pouca idade e experiência. Portanto, a construção de um herói. Isso se dá através de informações, metáforas e depoimentos:

Na quarta-feira, dia 10 de junho de 2009,

Zamariola fez a sua quarta sustentação oral na vida. Só que, em vez de enfrentar um tribunal de 1ª instância, como é o corriqueiro, falou no Supremo Tribunal Federal em Brasília, e com transmissão ao vivo. Ele rabiscou suas anotações na noite de véspera, num quarto de hotel. Ao subir à tribuna, parecia um colegial submetido a julgamento por um ateneu de sábios. Seu topete teimava em se rebelar e a beca, obrigatória naquele cenário, parecia feita para um homem de porte maior. [...] Foi quando Zamariola saiu do casulo. Não demorou cinco minutos para arrebanhar a atenção de juízes e plateia. [...] “Enquanto acompanhava com agonia”, contou Paulo Andrade, “eu pensava: caramba, como esse cara é brilhante, como ele é melhor que eu!” (*Ibidem*, p. 27).

Já no final, a reportagem torna-se menos séria, com mais trechos pessoais, inclusive da namorada de Zamariola, relatando como se conheceram. Há também a descrição da partida do menino e a ação do advogado, construindo um significado para a narrativa através do seu protagonismo.

É nesse sentido que Restrepo (2000), Medina (1988, 2006, 2008) e Olinto (2008) denominam o jornalismo como arte, atentando para a múltipla capacidade de construir significados, o resgate do protagonismo, a expansão da contextualização sociocultural, a pesquisa às raízes históricas, entre outras características, remetidas principalmente ao processo e refletidas na narrativa

Nos Estados Unidos, essa aproximação, em voga sobretudo a partir da década de 50, ficou conhecida como *New Journalism*. Já no Brasil alguns profissionais e pesquisadores como Edvaldo Pereira Lima definiram a aproximação com a literatura como jornalismo literário. Pena (2005) ainda traz definições diferenciadas, como jornalismo narrativo, literatura não-ficcional, literatura da realidade, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional, reportagem-ensaio ou jornalismo de autor.

Porém, cada uma dessas manifestações é alvo das mais variadas críticas e o depoimento de profissionais da *piáuí*, como já visto, demonstra que a identidade da revista perpassa algumas definições conceituais e, assim, mais importante do que buscar um enquadramento em conceitos é compreender cada repórter ou colaborador como

proprietário de uma abordagem particular, conforme observa Olinto (2008):

Mas, na verdade, o movimento criador é absolutamente imprevisível. Não se sujeita às leis externas da organização. Surge do lastro da humanidade que o artista tenha acumulado em si, em anos de alegria e angústia. Surge de sua necessidade de transmitir alguma coisa aos seus semelhantes. Precisa de organização, sim, mas não se preparar para a luta de expressão, no ter sabido dominar a linguagem, para que esta fosse um veículo fiel de pensamentos, um ponto intermediário entre o criador e os que da criação tomassem conhecimento, um ponto intermediário que, na realidade, se isola e passa a formar um ser à parte, com significação fechada sobre si mesma e capaz de ter os seus sentidos ampliados pelo tempo. (OLINTO, 2008, p. 17).

Outro autor que se destaca por uma abordagem singular é Luiz Maklouf Carvalho. Ele nasceu em Belém (PA) e é jornalista e bacharel em Direito. Além de reportagens sobre temas diversos, que culminaram em Prêmios como o Esso Regional Norte e o Jabuti de livro-reportagem, é conhecido pelos trabalhos de jornalismo investigativo. Especialmente entre 1984 e 2005, produziu dezenas de reportagens sobre Lula e/ou o PT para o *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. As histórias das reportagens resultaram no livro *Já vi esse filme*, lançado pela Geração Editorial, cujo enfoque principal é em furos, como o que revelou a existência de uma filha de Lula, Lurian.

Na *piauí*, os principais trabalhos de Maklouf são reportagens que seguem o jornalismo investigativo e de cunho político, inclusive sobre assuntos ligados ao PT e ao governo de Lula. É o caso de “*Pão e Glória*”, na edição 39, cujo subtítulo introduz o enfoque: “*Márcio Thomaz Bastos defende acusados de tráfico, corrupção e deixa para Deus os julgamentos morais*”.

A narrativa desenha a trajetória do homem que iniciou a carreira como vereador de província, tornou-se ministro da Justiça e defendeu nomes importantes do cenário econômico e político como Antonio Carlos Magalhães, Lula, Chico Mendes, Edir Macedo, Roger Abdelmassih, Camargo Corrêa e Eike Batista.

O texto assume um caráter pessoal, algumas vezes com a inclusão do repórter na cena.

Perguntei ao ex-ministro, em uma das quatro entrevistas no seu escritório, o que o fizera se aproximar, vagarosamente, da centro-esquerda. Ele me disse que o processo começou antes, pois tivera um “deslumbramento adolescente” com Marx – “Contribuição à Crítica da Economia Política me encantou” - e porque leu o Freud de O Mal-estar na Civilização. “Fiz cinco anos de terapia freudiana”, revelou. Mauro Nacif contou: “O Márcio me disse uma vez, feliz da vida, que seria a primeira pessoa a fazer análise por estar muito bem, e não o contrário.” (PIAUI, DEZEMBRO DE 2009, p. 28).

Na maioria das vezes, porém, ele está presente implicitamente através de juízos de valor como “*Elegância é outra palavra que serve para defini-lo*”, embora estes sejam baseados em constatações:

Ela começa nos sapatos - manda engraxar todos os dias, no escritório, o par que está usando, enquanto fica de meias - e prossegue nos ternos Armani, ou de alfaiates portugueses. O toque final está nas gravatas que coleciona - elas são 200, pouco mais que os imóveis que possui. É raro que repita alguma, mas não gosta de se desfazer delas. (*Ibidem*).

Também notamos sua presença através dos diálogos, em que é referenciado, pois se supõe que está ali:

“Mostra o seu!”, provocou ele novamente, da sala de leitura. Maria Leonor mostrou: o closet dela, de fato, é bem maior do que o dele. Os armários, com incontáveis divisórias, vão do chão ao teto, com escadas corrediças para alcançar os que

ficam em cima. “Parece uma boutique, não é?”, perguntou ela, já entrando no quarto do casal. (*Ibidem*).

Esses diálogos vão assim constituindo um personagem preocupado com a aparência, mas também cuidadoso com o trabalho. É importante ressaltar aqui a investigação do autor até mesmo nos documentos da Câmara de Vereadores em que Thomaz Bastos atuou, demonstrando uma apuração além das quatro entrevistas ou do que é possível encontrar agora. Embora o início seja o presente, a narrativa alcança o tempo histórico, descrevendo a trajetória, o casamento e os principais momentos da carreira.

O envolvimento entre autor e protagonista, sendo ambos personagens, vai ainda mais além, no relato uma brincadeira feita pelo repórter:

O advogado respondeu que aceitava o caso e não cobraria nada. Brinquei com Thomaz Bastos dizendo que ele deve ter prescindido da remuneração com lágrimas nos olhos, e ele deu uma das suas raras gargalhadas. (*Ibidem*, p. 33).

Apesar do comentário denotar uma pessoa séria, cujas gargalhadas são raras, a imagem escolhida para ilustrar essa reportagem traz o personagem brincando na piscina de casa com os netos, de forma descontraída, como se esta fosse outra face, fora do trabalho.



Figura 7 - Pão e glória

Enquanto isso, os casos defendidos por ele, como o anteriormente citado, incluem acusações de corrupção, estupro e crimes considerados

graves. A narrativa cita episódios nos quais as apelações vão além da justiça oficial:

Em setembro de 1976, no caso em que defendeu o policial Massaro Honda, acusado de pertencer ao Esquadrão da Morte, e de torturar e matar três acusados de roubo, fez um apelo dramático aos jurados. Apontando a cruz, na parede, disse: “Em nome de Deus, não condenem um inocente. O processo tem 1 080 folhas e 1 080 falhas.” Honda foi absolvido por sete a zero. (*Ibidem*, p. 31).

Apesar disso, a reportagem traz uma justificativa, através de um depoimento, que de certa forma ameniza esta defesa questionável sob o ponto de vista moral, pois algumas vezes o réu havia confessado sua participação no crime julgado.

“Eu defendo os meus clientes da culpa legal. Julgamentos morais eu deixo para a majestosa vingança de Deus.” A frase, em tradução livre de Márcio Thomaz Bastos, é de Edward Bennett Williams. Está na biografia do advogado americano, *The Man to See*, de Evan Thomas. Williams defendia de mafiosos a presidentes. “*I defend my clients against legal guilt. Moral judgments I leave to the majestic vengeance of God*”, repetiu o criminalista, baixinho, se lembrando do original. Estufou o peito quando perguntei se ele é “o nosso” Williams. “Não sei se chego a tanto”, respondeu. (*Ibidem*, p. 33).

A construção é de um personagem que, apesar de defender réus confessos, tem uma boa reputação, reforçada em seguida através de um depoimento e na resposta dada a Lula quando foi convidado para ser Ministro da Justiça:

“É impossível ter encrenca com o Márcio: ele é um conciliador, um político, uma pessoa de coração enorme”, disse Fernando Menezes, outro integrante da confraria, em seu apartamento, mostrando algumas fotos dos confrades na casa de Iporanga. [...] “No primeiro prato o Lula já falou: ‘Você vai ser o meu ministro da Justiça. Mas

ainda não quero que você comente com ninguém.’ Eu falei: ‘Está bom, presidente’”, disse o advogado. “Expliquei que não queria interferência política nas indicações, e ele disse: ‘Você tem toda a liberdade.’” (*Ibidem*, p. 34).

Logo após esta afirmação, algumas contradições são levantadas. Uma delas envolve seu nome na notícia de que o banqueiro Daniel Dantas teria uma lista de contas bancárias em paraísos fiscais, de nomes como Lula e outros integrantes da cúpula do governo. De acordo com a narrativa, todos desmentiram, inclusive Thomaz Bastos, mas a apuração revelou um episódio que coloca em dúvida a inocência:

Dias depois da publicação da reportagem, o ministro teve um jantar com Daniel Dantas, na casa do senador Heráclito Fortes, aliado do banqueiro, para o qual levou os advogados e deputados petistas Sigmaringa Seixas e José Eduardo Cardozo. O ministro disse que foi Daniel Dantas quem organizou o jantar. Já o banqueiro falou que foi Thomaz Bastos quem tomou a iniciativa de marcar o encontro. (*Ibidem*).

Tudo isso revela uma tentativa de construir um personagem o mais próximo possível da realidade, através de relatos com características positivas e negativas, algumas mais evidentes. Quais as características mais importantes? O que é relevante?

É importante ressaltar que o relevante para a *piauí* nem sempre é o que é manchete de outros jornais e revistas. Como a narrativa “*Artur tem um problema*”, escrita pelo editor João Moreira Salles, na edição 40, de janeiro de 2010. Ela conta a história de um matemático que aos 19 anos cursava o doutorado na área e aos 30 vivia entre a França e o Brasil, resolvendo problemas, literalmente.

Salles como personagem é peculiar. De acordo com entrevistas concedidas a veículos de comunicação²⁴, passou a maior parte da juventude lendo, não vai a festas, tem poucos amigos e horror a multidões, isto por uma opção pessoal. Uma interessante noção de si mesmo foi através de uma relação em que se compara ao time preferido:

24 Disponível em http://veja.abril.com.br/080300/p_028a.html. Acesso em 12 de junho de 2010.

O Botafogo tem pouquíssimos torcedores, todos melancólicos, meio desalentados, uma gente que vai para ver o time perder, não para vê-lo ganhar. É um time que nunca dá muito certo, está sempre na contramão... É a minha cara. Não tem nada mais igual a mim que o Botafogo²⁵.

Assim, suas narrativas são carregadas de sensibilidade e um olhar diferenciado, retirado da realidade encontrada nos livros, da experiência de um ano na África, trabalhando como voluntário num campo de refugiados, das aulas de arte na favela Santa Marta ou dos filmes que gravou e que o aproximaram da realidade cotidiana, sobretudo de lugares pobres, embora seja herdeiro de uma instituição bancária. Enfim, não há como explicar a sensibilidade e o estilo de suas narrativas. Os textos se aproximam de contos, com um ritmo narrativo que inclui suspense, muitas figuras de linguagem e fontes que vão além de depoimentos, mas alcançam a literatura, seja científica ou cultural.

Para escrever “*Artur tem um problema*”, Salles complementou a história do personagem com dados, informações, definições de outros matemáticos, o que demonstra erudição e pesquisa acurada.

Um teorema não pode ser desfeito, escreveu o grande matemático inglês G. H. Hardy. A matemática é a única ciência que lida com a verdade, o que se comprova em qualquer biblioteca: a literatura matemática é perene, enquanto a das outras ciências se torna rapidamente obsoleta. Dois mil anos de história não acrescentaram uma ruga ao teorema de Pitágoras. Salvo por interesse histórico, ninguém mais estuda o sistema solar de Ptolomeu. Já Euclides continua de pé. A matemática funciona por acúmulo, e não por substituição. (PIAÚÍ, JANEIRO DE 2010, p. 34).

Desde o início, percebemos o enfoque na personalidade prodigiosa do protagonista: fez seu mestrado simultaneamente ao ensino médio, concluiu o doutorado aos 19 anos e acumula no currículo inúmeros prêmios e muitos problemas resolvidos. Essa constatação se dá

25 Ibidem.

através de informações e também de depoimentos, como se fossem uma comprovação:

Um jovem que acaba de chegar pode falar de igual para igual com gente já estabelecida. Ou mais que isso: “Volta e meia, assombrado, eu percebia que o Lyubich e eu estávamos um pouco atrás do Artur”, lembra Melo. “Ele era tão jovem... Eu me esquecia disso e tomava um susto.” (*Ibidem*).

O depoimento do próprio Artur, aliado à análise, dá uma dimensão da complexidade do trabalho e a singularidade do personagem, o que justifica estar ali, protagonizando uma reportagem da *piáuí*.

Quando um não-iniciado pede que ele explique o que faz, Artur coça os olhos, gesto que costuma ser acompanhado de um longo silêncio. “O meu trabalho é um pouco difícil de explicar. Eu estudo a estrutura de operadores. Faz sentido, *operadores*? Operador é uma matriz infinita e simétrica. Esse operador tem um espectro...” E assim vai, mas ninguém precisa se sentir constrangido. É comum os matemáticos não compreenderem o que um colega faz. (*Ibidem*).

Uma das estratégias, percebidas nos exemplos anteriores, é utilização da linguagem poética com figuras de linguagem e reflexões com marcas de autoria. Além disso, o autor conversa com o leitor, incluindo a si mesmo e o outro na dinâmica da linguagem, numa relação de cumplicidade:

Na prática, a diferença entre a matemática da escola e a dos centros de pesquisa se mede não em graus de complexidade, mas em saltos de qualidade, como se a matéria dos bancos escolares fosse a lagarta e a alta matemática, a borboleta. Imagine-se alguém que jamais tivesse visto a segunda. Para essa pessoa, seria impossível, da lagarta, intuir a borboleta. Essa pessoa somos todos nós, os não-matemáticos. O trabalho de Artur é pensar borboletas. (*Ibidem*, p.36).

Salles também demonstra em diversos momentos que a apuração não se restringiu a entrevistas. Cita livros técnicos, definidos como clássicos, que respondem diversas perguntas sobre a matemática, e os relaciona com Artur. O perfil do matemático também é utilizado para contar brevemente a história do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada - Impa, que pela tradição atraiu os maiores matemáticos da história. Através de uma comparação, ele dá uma dimensão do Instituto: “*O Impa está para a matemática assim como a Jamaica para o atletismo: não compete em tudo para ser excelente em alguma categoria*”. (*Ibidem*).

A própria área, tabu para muitos, também é discutida. Neste ponto, o autor relaciona a matemática aplicada ao que profissionais como Artur fazem e reforça a singularidade do tema:

Para a maioria das pessoas, a utilidade da matemática parece óbvia: pontes, projeções econômicas, algoritmos de computador. Boa parte dos matemáticos acha essas aplicações desinteressantes. “O que serve para a vida é banal e chato”, disse Hardy, num livrinho clássico de 1940 intitulado *Em Defesa de um Matemático*. “A matemática que pode ser usada para tarefas comuns pelo homem comum é desprezível, e aquela que serve aos economistas e sociólogos não serviria nem como critério para conceder uma bolsa de estudos a um estudante de matemática”, escreveu. “A verdadeira matemática dos verdadeiros matemáticos, a matemática de Fermat, Euler, Gauss, Abel e Riemann, é quase toda ela *inútil*.” [grifo do autor]. (*Ibidem*, p. 39).

Outro ponto chama a atenção: o enfoque dado à inteligência do personagem, sobretudo ao saber que, apesar de prodígio, ele só leu um livro desde 2000:

Ao ouvir que eu estava lendo a autobiografia de Laurent Schwartz, um catatau de 528 páginas, sugeri, sem ironia: “Por que você não pega do meio, como eu faço?” Certa vez, usou a frase “O livro que eu li.” *O livro? Só um? “O último foi em 2000, num avião. Comprei no aeroporto. Era aquele do Oscar Wilde...” O Retrato de Dorian*

Gray? “É. Peguei no meio, li um pouco, ficou meio misterioso, aí voltei pro início.” Não terminou. Não lê nem textos técnicos. Diz que seu método preferencial de estudo é a conversa. (*Ibidem*).

Ao finalizar o perfil, Salles escolhe um episódio em que Artur inicia um novo problema. Não é uma solução, como poderíamos esperar e, assim como o personagem, a reportagem também parece estar apenas começando:

Até setembro, já havia feito o principal das partes I e II de sua teoria global. Um problema incontornável o impedia de chegar à parte III, a última. “Um dia eu espero resolver isso”, dissera lá atrás. Agora, com dor de cabeça, protegendo os olhos do sol, ele sorri: “Apareceu uma ideia essa semana. Acordei de madrugada e tive uma certa mágica.” (*Ibidem*, p. 40).

Através de exemplos como esse, é possível concordar com Bulhões (2007): a reportagem é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa. Porém, isso não isenta o compromisso com a verdade, como enfatiza Traquina (2005):

[...] os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas. [...]. A transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merece a violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira de jornalista. (TRAQUINA, 2005, p. 20).

No caso da *piauí*, embora os textos revelem uma linguagem com uma estética refinada, há até mesmo uma central de apuração, responsável por checar os dados a serem publicados. É um privilégio que faz com que as comparações com outros veículos necessitem de cautela. Por isso, optamos por verificar somente as reportagens da *piauí*, considerando o tempo e o investimento como uma vantagem que contribui para a qualidade das narrativas, embora não seja o único fator.

Em muitos dos casos, percebe-se distinções nas estratégias comunicativas utilizadas por cada autor. Algumas se repetem, outras são

peculiares, mas a diversidade enriquece a concepção da revista e a realidade construída em cada reportagem. Algumas seguem um formato, outras o superam. Mas, afinal, quais são essas estratégias?

5 SUPERAR A FORMA

5.1 ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

Como acreditar que Fagner, o atendente de telemarketing, realmente existe? Como confiar que Simara Sukarno, *socialite*, não estudou em Harvard? Como saber se não é invenção o fato de Paulo Maluf ter como esporte o automobilismo?

Para evitar dúvidas e conquistar nossa confiança diante de todas as histórias contadas de forma extraordinária, cada autor se vale de diversas estratégias comunicativas. Conforme a proposta de Motta (2007), o movimento descrito neste capítulo se ocupa especialmente dos dispositivos retóricos capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos de real, através de estratégias de objetivação, ou efeitos poéticos, a partir de estratégias de subjetivação.

Segundo Motta (*Ibidem*), quem narra tem sempre algum propósito: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a jornalística. Portanto, estes recursos estão até mesmo em textos aparentemente “mais duros”, embora em *piauí* sejam mais evidentes. A narratividade vai ser revelada quando o leitor recompõe a tessitura da intriga. Nos colocamos, então, na posição de um leitor cujo objetivo é entender os jogos de linguagem, estratégias de significação e intenções da narrativa.

Para Berger (1998), o que estabelece essa relação é uma espécie de contrato de leitura entre jornalistas e leitores, cuja base é a noção do jornalismo como um discurso comprometido com a verdade e cujo capital essencial é a credibilidade. Na concepção de Bakhtin (1979), o jornalismo é um lugar de circulação e produção de sentidos, ordenado segundo regras e rotinas particulares. Sobretudo através de estratégias de comunicação, o jornalismo também se apresenta como objetivo e neutro e, por isso, seria uma instituição autorizada a registrar a realidade. Porém, embora o discurso só aconteça com a relação eu/tu, há uma intencionalidade ao escolher determinadas estratégias. Mesmo quando o objetivo é o distanciamento do narrador em relação ao fato, um texto sempre é escrito por alguém, ou seja, há um sujeito.

Contudo, retomando Medina (2006), ao longo do tempo estabeleceu-se uma superioridade construída pela especialização técnica e tecnológica. As ciências se entrincheiraram em um conhecimento cifrado e o jornalismo se gramaticalizou numa disciplina científica.

Estabeleceu-se então um paradigma cientificista-tecnicista e as configurações demonstram a visibilidade de algumas competências técnicas e a criação de mecanismos com o objetivo de facilitar o dia a dia das redações. Além disso, técnicas como o *lead* e a pirâmide invertida também se apresentam como estratégias para aumentar o suposto distanciamento entre o autor e o texto.

Como explica a Semiótica da Comunicação, na construção jornalística é comum uma busca consciente por um distanciamento, através de estratégias, a fim de ocultar as marcas de enunciação:

Com o apagamento das marcas da enunciação no enunciado (por exemplo, com o uso das formas impessoais de narrar), cria-se um efeito de sentido de objetividade e de distanciamento. Com o apagamento da enunciação, é como se as notícias se enunciassem a si mesmas [...]. (DINIZ e PORTELA, 2008, p. 85).

Relevando tais argumentações, torna-se redundante falar em estratégias de comunicação como a autoria. No entanto, há diferenciações claras entre o sujeito oculto, proposto pelo jornalismo cientificista-tecnicista, e o jornalista como personagem, autor, ele próprio escolhendo as estratégias para dispor as informações e dar um toque pessoal à narrativa. O uso de fontes para complementar informações e a escolha de personagens como protagonistas também são estratégias distintas.

Não é objetivo desta pesquisa fazer uma crítica às técnicas como o *lead* e a pirâmide invertida. Afinal, elas servem com precisão principalmente ao jornalismo diário. Porém, reconhecemos outras possibilidades igualmente significativas, e estas necessitam de reflexão.

Ao escrever “História e Verdade”, Paul Ricoeur (1968) ressaltou dois aspectos dessa discussão: a objetividade da história e a subjetividade do historiador. Embora se refira à história, podemos adaptar esta noção ao jornalismo, pois ambos se ancoram na realidade. Para o autor, os fatos são objetivos, mas quando são recontados há o emprego da subjetividade de quem escreve através das escolhas e pontos de vista refletidos, mesmo quando as marcas de enunciação são apagadas.

Para Medina (2008), há uma crise da hegemonia cientificista-tecnicista e isso impeliu a uma reconfiguração de cenários. Essa nova configuração propõe o resgate da autoria como elemento chave da

prática profissional. O jornalista é considerado mediador-autor de uma comunicação dialógica, dialética e responsável. No processo jornalístico da revista *piauí*, além dos repórteres terem o tempo – luxo citado por Kovach e Rosenstiel – é possível perceber características como a presença do autor, do “eu” que reporta. Sendo assim, considerando as possibilidades de estudar a revista, algumas estratégias se destacam, como já comentado em outros capítulos: a liberdade, a autoria, a ironia, o humor e o uso de figuras de linguagem.

Talvez a principal estratégia seja a liberdade, pois permeia todas as outras, permitindo coexistirem nas narrativas. Só há um caráter autoral, humor, ironia, porque a proposta editorial permite. Assim, o elo entre as reportagens e a verossimilhança entre os próprios textos fazem notar a liberdade como uma estratégia comunicativa. Não parece haver um limite, ao menos claro, para o trabalho do repórter. Ele pode escrever sobre o que achar interessante, pois valem todos os temas, desde que tratados com inteligência, como definem os editores.

Em si, essa já é uma proposta com alguns espectros estabelecidos, mas estes parecem velados. Enquanto isso, são constantes as narrativas aproximadas a contos, crônicas ou ainda com detalhes de uma cena de filme. Desta forma, embora o objetivo da revista, conforme os editores, seja levar a informação sem o vício do comentário pessoal, há impressões em diversos momentos.

Com base em Prigogine e Stengers, Medina (2006, p. 69) acredita que no fundo essa é a marca de autor que se aspira: contar sua história ou a história coletiva de forma sutil e complexa, afetuosamente comunicativa e iluminando no caos alguma esperança do ato emancipatório. Como percebemos, essa alforria é permitida e instigada aos repórteres e colaboradores da *piauí*, e a emancipação também contempla o leitor, pois se refere a uma relação dialógica. É como afirma Walter Benjamin (1994, p. 201): “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

No caso da autoria, muitos exemplos já foram citados, como o perfil de José Serra, escrito por Daniela Pinheiro, no qual a jornalista escolhe fatos e formas inusitadas para descrever a personalidade; ou a história do matemático, escrita por João Moreira Salles. Todas revelam um pouco de seu autor e neste movimento procuramos outros exemplos que também evidenciam essa presença.

É o caso de “*O índio contra o império*”, da edição 13, de outubro de 2007, escrita por Consuelo Dieguez, sobre a posição do presidente da Bolívia, Evo Morales, em relação à Petrobras. A narrativa é

interessante, pois utiliza, ao mesmo tempo, estratégias de aproximação e afastamento.

Um vento glacial e cortante fazia a temperatura parecer ainda mais baixa. No portão de entrada, soldados tentavam se proteger com ponchos e gorros. Um deles, soltando fumaça pela boca, se aproximou para saudar os visitantes. (PIAÚÍ, OUTUBRO DE 2007, p. 40).

Há percepções pessoais, como o vento frio, mas com uma riqueza de detalhes que nos fazem imaginar o clima: ponchos, gorros e a fumaça. Ao mesmo tempo, utiliza apenas “visitantes”, não revelando claramente sua participação na cena. Provavelmente estava entre o grupo, mas poderia ter narrado uma cena contada por outra pessoa. Contudo, em outro momento percebemos ser esse “afastamento” uma forma de contar a história, pois quando considerou importante revelou-se:

Em seguida, elogiou [Evo Morales] meu vestido, listrado em preto-e-branco: “Que rica estampa de zebritã!” exclamou, tocando a manga do vestido. (*Ibidem*, p. 50).

Na mesma edição, os efeitos poéticos se sobressaem em “*Desaparecido no deserto*”, sobre o sumiço do engenheiro da Odebrecht João Vasconcellos Júnior no Iraque. Escrita por Silvio Ferraz, o título já sugere um drama, instigado pelo subtítulo que traz a palavra “*mistério*”, além de expressões como “*carga de esperança*” e “*incerteza quanto ao destino*”.

Quanto à construção, inclui suspense, mistura fatos do passado e do presente, além de especular o futuro. A matéria termina com um relato que mexe com a emoção do leitor, sobre o último *reveillon* em liberdade do personagem principal:

[...] Vasconcellos pediu aos filhos que apontassem a webcam em direção aos fogos, no Rio. Enquanto os rojões explodiam, iluminando o céu e a multidão em Copacabana, o engenheiro nada falou. Depois do show, com a voz comovida, disse: “Esta noite estou pra lá de Bagdá”. (PIAUI, OUTUBRO DE 2007, p. 24).

Outra estratégia comunicativa presente em diversas narrativas é a ironia, como já exemplificado. Ela é produzida basicamente no conflito entre dois pólos: o do sentido literal e o do sentido figurado.

Para Benetti (2007), é preciso considerar que a formação dos sentidos depende do que constitui os sujeitos em termos de imaginário, ideologia, posicionamento e inscrição histórica, cultural e social. Assim, o sentido considerado literal é apenas aquele que, em uma construção histórica, foi conquistando um lugar hegemônico na cultura e no grupo em que vivemos, apagando – de forma mais ou menos contundente – os outros sentidos possíveis. Esta seria uma ilusão de literalidade, sendo o jornalismo, convencionalmente, um dos campos em que a linguagem mais exerce essa ilusão. Como afirma a autora, a produção do texto jornalístico exige o posicionamento de dois parceiros, cuja relação foi construída historicamente, a partir do contrato de leitura: o jornalista, autorizado a relatar a realidade, e o leitor, capacitado a compreender esse relato – observação semelhante a de Bakhtin (1979).

No caso do uso de estratégias como a ironia, vista na reportagem “*A Diferenciada*”, esse contrato pode falhar, sobretudo se os dois sujeitos não têm as mesmas referências. Dines (1986) sugere a necessidade de uma sintonia entre emissor e receptor:

A identidade e a associação necessárias à comunicação só ocorrem quando emissor e receptor estão sintonizados na mesma faixa ou na mesma onda. Ocorre aí o processo de motivação, a circunstância unificadora que irá reunir numa mesma intenção as partes comunicantes. (DINES, 1986, p. 61).

Como nessa reportagem, esse jogo de palavras torna-se um risco, pois não existe uma sinalização indicando ser aquela uma ironia, e isto porque está subentendido que os interlocutores são esclarecidos o bastante para localizá-la. Vários exemplos já foram dados em outros momentos desta pesquisa. Em algumas reportagens, porém, este recurso é mais evidente e a escolha dos exemplos se baseou essencialmente nisso.

Por vezes atrelado à ironia, outro recurso utilizado com frequência é o humor. Ao lermos o título “*A força de 60 Ivete Sangalos*”, da edição 5, de fevereiro de 2007, não é possível saber o tema da reportagem. Não é sobre música, sobre a Bahia ou sobre a

cantora de mesmo nome, mas sobre o investimento da Petrobras feito na cidade de Itaboraí (RJ).

Ao nos debruçarmos sobre as páginas de um jornal ou revista, o título tem uma função primordial: atrair o leitor suficientemente para concretizar a leitura. Por isso, precisa ter criatividade e originalidade, como os demais elementos, mas também deve informar algo relevante. O mesmo vale para o subtítulo – disposto logo abaixo do título –, que serve geralmente para complementá-lo. Para Erbolato (1991), tanto o título quanto o subtítulo devem ser curtos, explícitos e suficientemente misteriosos para não dizerem tudo ao leitor. Ele também defende a necessidade de um verbo, implícito ou explícito, como trazem a maioria dos manuais de redação. Para completar, explica aos jornalistas: “O título reflete o tom da matéria. Lembre-se se que muita gente julga um jornal pelos títulos” (ERBOLATO, 1991, p.130).

Em *piauí* essas considerações são dissolvidas nos subtítulos, mas os títulos não seguem uma lógica senão a de instigar a curiosidade e “*A força de 60 Ivetes Sangalos*” não é diferente. O primeiro personagem da matéria, escrita por Renato Lemos, é dono de uma fábrica de anões de jardim e vizinho das futuras instalações do complexo petroquímico.

O tom do texto é bem humorado, com aspectos inusitados já no início, além de metáforas e outras figuras de linguagem:

Mais ou menos como os meteorologistas e as meninas que buscam namorados escondidos entre as linhas do horóscopo, Paulo Valentim presta atenção nos sinais. Acredita em sinais quase tanto quanto crê em santo Expedito, o santo das causas impossíveis. (PIAÚÍ, FEVEREIRO DE 2007, p. 26).

Em *A era do vazio*, Lipovetsky (1994) observa que vivemos em uma sociedade humorística, que quer ser *cool* e *fun*, amavelmente malandra, onde os meios de comunicação difundem modelos descontraídos, heróis cheios de humor e valores nos quais levar a vida a sério é falta de correção.

Propp (1992) se refere ao humor como a disposição de espírito que em nossas relações com os outros, pela manifestação exterior de pequenos defeitos, nos deixa entrever uma natureza internamente positiva. Ele constata que um dos tipos mais comuns é a sátira ou riso de zombaria.

Justamente este e, conforme foi visto, apenas este aspecto do riso está permanentemente ligado à esfera do cômico. Basta notar, por exemplo, que todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida. (PROPP, 1992, p.28).

Além disso, Freud (1977) também se ocupou do caráter cômico das narrativas e propôs, entre outras, uma estratégia bastante utilizada em *piauí*: o duplo sentido. Também corresponde ao que denomina de “jogo de palavras” ou ambiguidade. Segundo o autor:

Nenhuma violência é feita às palavras: não se as segmenta em sílabas separadas, não é preciso sujeitá-las a modificações [...] Exatamente como figuram na sentença, é possível, graças certas circunstâncias favoráveis, fazê-las expressar dois significados diferentes. (FREUD, 1977, p. 52).

Como complementa Acselrad (2003), a associação entre humor e *non-sense*, ou seja, não sentido ou ambiguidade, não é gratuita, mas serve para nos mostrar o sentido não apenas como algo já dado previamente, mas como uma experiência dinâmica de transformação em que o absurdo e o inusitado podem, de súbito, ganhar um sentido novo.

Historicamente, a presença do humor na imprensa brasileira é antiga. De acordo com Saliba (2002), durante a Monarquia os rodapés dos jornais semanais traziam histórias cômicas. Sobretudo no fim deste período, marcado por conflitos políticos, as sátiras direcionadas a personagens específicos do tumultuado cenário tornaram-se mais frequentes. Porém, só durante a República as manifestações de humor se multiplicaram. Posteriormente, um dos personagens que se destacou no gênero foi Aparício Torelly, mais conhecido como Barão Itararé. Ele criou o jornal *A Manhã*, publicado de 1926 a 1964, e os *Almanaques* (1949 e 1955). Nascido no Rio Grande do Sul, ele se sobressaiu pelas frases curtas e carregadas de ironia. A intenção era gerar um conflito cuja finalidade era a crítica social e política.

Por si só, o humor costuma carregar um conflito implícito ou explícito e mesmo na *piauí* usualmente aparece aliado à alguma espécie de crítica. Para Acselrad (2003), o humor é um elemento importante do imaginário cultural. Ele o analisa como parceiro da razão esclarecida tal como pensada pelo projeto iluminista. É visto, pois, como forma de libertação, como facilitador na tarefa de se atingir a maioria humana

e ao mesmo tempo se revela um paradoxo dessa relação: o riso, coisa de criança, que mais nos aproxima da meninice, em oposição à seriedade da vida cotidiana. Seria assim uma forma de lidar com as questões mais graves e profundas através do riso, da anedota, da graça de si mesmo e dos outros.

Como assinala Sodré (1996), o humor funciona dentro de uma lógica de cultura crítica e, por sua vez, assume abertamente a ilusão como via para a experiência do real em oposição à seriedade da razão institucionalizada. Seriam, portanto, duas lógicas: a da ilusão, dentro da qual está o humor, e a da seriedade, pois só é possível existir o cômico se há – no outro extremo – o sério.

Esses significados novos e essa lógica dualista são perceptíveis no decorrer de “*A força de 60 ivetes sangalos*” e de outras reportagens. Depois de momentos de humor, a narrativa assume um tom mais sério, explica porque o personagem espera os sinais e aproxima aos poucos essas informações de dados históricos, pois a cerâmica é a principal atividade econômica do município de 220 mil habitantes. Somam-se curiosidades, como a de que o orgulho da cidade é ser terra natal do ator e dramaturgo João Caetano e do autor de *A moreninha*, Joaquim Manoel de Macedo. Também que em 26 de janeiro de 1968 a imagem do Cristo Crucificado da Igreja Nossa Senhora da Conceição sangrou.

Além disso, há números que explicam inclusive a metáfora do título. De recursos próprios, Itaboraí teve, ao longo de 2006, apenas 40 milhões para desembolsar. Após o início das operações no Complexo, a previsão é de que, só em taxas (IPTU, ICMS, royalties etc.), a cidade vá arrecadar cerca de 18 milhões de reais por mês. O equivalente a 60 *ivete sangalos*. No vocabulário dos especialistas do setor, este é o nome dado à moeda de circulação entre os municípios beneficiados pelo dinheiro do petróleo. Um *ivete sangalo* está valendo, em média, 300 mil reais, preço de um show da cantora baiana.

Mesmo quando há humor ou ironia, percebemos também uma estratégia clara, ligada aos efeitos do real: a precisão. Na década de 70, Philip Meyer (1973) propôs a noção de “Jornalismo de Precisão”. Segundo ele, trata-se da aplicação de métodos científicos de investigação social e comportamental à prática do jornalismo. Posteriormente, na década de 80 grandes jornais americanos como *The Washington Post*, *USA Today*, *Los Angeles Times* e *The New York Times* começaram a fundamentar suas notícias e reportagens em pesquisas próprias, constituindo até mesmo bases de dados, especialmente por desconfiarem das pesquisas solicitadas por políticos.

Assim, as primeiras experiências mostraram que os métodos de investigação social são aplicáveis ao jornalismo. De acordo com Meyer (1973), como foi concebido, o Jornalismo de Precisão também ampliava o equipamento instrumental para o repórter converter em material de indagação minuciosa os assuntos até então inacessíveis ou somente acessíveis de maneira muito vaga.

Como resultado, aplicando ferramentas do Jornalismo de Precisão alguns veículos tiveram reportagens premiadas com o *Pulitzer*, considerado um dos maiores prêmios de jornalismo do mundo. Em 1985, o *Dallas Morning News* foi condecorado por denunciar em uma reportagem a segregação racial em habitações públicas do Texas. Três anos depois, o *Atlanta Constitution* recebeu o prêmio ao demonstrar haver discriminação entre raças nos empréstimos hipotecários feitos pelo governo federal.

Embora nem todas as reportagens exijam técnicas científicas para apresentarem dados precisos, muitas vezes isso é feito de forma intuitiva e em *piauí* há um esforço claro para expor informações que necessitam de apuração minuciosa. Deste modo, o método também fica mais claro, ou seja, no decorrer do próprio texto identificamos os passos do repórter até chegar àquela informação.

Quanto à precisão de dados, há exemplos em praticamente todos os textos, com mais destaque em alguns, como “*O Andarilho*”, escrito por João Moreira Salles para a edição 11, de setembro de 2007. A começar pelo subtítulo: “*Em 10 dias, 19 compromissos, duas palestras, quatro cidades, sete aeroportos, dois continentes e dez mil quilômetros: a vida do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso longe do poder*”.

Esta narrativa é rica em estratégias de objetivação e subjetivação. A primeira palavra é uma figura de linguagem: “*Plim!*”, imitando o barulho do computador ao receber uma mensagem. A precisão, acrescida destas figuras, continua nos trechos seguintes, com metáforas e até mesmo impressões pessoais:

Era um tedioso dia de inverno, com largos intervalos de inatividade. Ainda assim, sua agenda indicava quatro compromissos: entrevista a um jornal da Flórida, duas conversas com alunos e jantar com o embaixador chinês nos Estados Unidos. FHC e os EUA não formam uma parceria ideal. A América, para ele, é como a madrinha excêntrica, que provê - convive-se com ela mais por necessidade que por gosto. (PIAÚ, SETEMBRO DE 2007, p. 27).

O personagem não é construído como político, mas como um professor que está sempre viajando. A aproximação com a política é registrada, mas não é o fio condutor da narrativa. Mesmo quando comenta o assunto, os trechos escolhidos revelam mais a opinião de um sociólogo:

Ainda segue – e não abdicou de influenciar – a política no Brasil, mas longe do país suas preocupações são outras. América Latina, poder do sistema financeiro internacional e destino da democracia estão entre elas. Quando a jornalista chegou ao tema Hugo Chávez, FHC reagiu: “Vocês perguntam sobre a democracia na América Latina, mas a questão maior é o que acontecerá com a democracia americana. Marx e Tocqueville eram fascinados pela democracia de vocês, pela participação das pessoas na vida pública. Hoje estranhariam muito”. (*Ibidem*).

Ainda assim, em alguns momentos FHC é tratado como “o ex-presidente” e as opiniões escolhidas sobre o Brasil são enfáticas e até mesmo polêmicas:

Meses antes, o ex-presidente já abordara o tema: “Em que momento nos sentimos uma coisa só, uma nação? Talvez só no futebol. O Carnaval é uma celebração. A parada de 7 de Setembro é uma palhaçada. Quem se sente irmanado no Brasil? O Exército, e talvez só ele. Os americanos têm os seus founding fathers. Pode ser uma bobagem, mas organiza a sociedade. A França tem os ideais da Revolução. O Brasil não tem nada. Eu disse para os homens de imaginação, para o Nizan Guanaes: olha, a imaginação do povo é igual à estrutura do mito do Lévi-Strauss, ou seja, é binária: existem o bem e o mal. Eu fui eleito presidente da República porque fiz o bem - no caso, o real. O real já está aí, eu disse. Chega uma hora em que a força dele acaba. O que vamos oferecer no lugar? Ninguém soube me dar essa resposta. Eu também não soube encontrá-la”. E, oscilando entre Lévi-Strauss e Nizan Guanaes,

Fernando Henrique encerrou o assunto. (*Ibidem*, p. 28).

O termo “andarilho”, utilizado no título, permeia toda a apuração. Percebemos então o método, pois a captação parece ter ocorrido entre palestras, entrevistas e aeroportos. O autor pouco se inclui na história, mas as descrições sugerem sua presença:

Ao desembarcar no terminal A, Fernando Henrique é informado de que a conexão para Little Rock partirá do terminal C, dali a dezoito minutos. Para ir de um a outro, cruza-se por salões e corredores abarrotados. Tomam-se passagens subterrâneas. Escadas rolantes. Esteiras. Alças de conexão. Há gente por todo lado - dormindo, comendo, comprando, correndo, bocejando, gritando, espirrando, digitando. “Que venha a depressão”, murmura Fernando Henrique, olhando o relógio e apertando o passo. A placa indica que é por ali. Depois, que é por ali. Logo adiante, aparecem duas setas - em desacordo. Entra-se por um corredor, volta-se atrás. Às 11 horas e 27 minutos, o ex-presidente alcança enfim o portão C-18. (*Ibidem*, p. 29).

Até mesmo os comentários são restritos a expressões aparentemente impessoais como “*Não podia estar mais feliz*”, e comparações como “*A agenda de FHC lembra as excursões que fazem doze países em sete dias. Cada hora é minuciosamente ocupada*”. Em diversos momentos a narração dos episódios, sobretudo palestras e apresentações públicas, terminam com colocações como: “*É aplaudido de pé*” e “*desiste de arrumar o cabelo, que a essa altura adquiriu vida própria*”. Portanto, esse “afastamento” aparece como escolha, pois encontramos outras reportagens do mesmo autor com a presença do “eu” e a narração em primeira pessoa.

O único momento em que FHC é questionado ocorre quando faz uma afirmação sobre um determinado político, que é desmentida pelo próprio:

Se há um político brasileiro de quem Fernando Henrique não gosta é Delfim Netto. [...] A questão era cassar ou não o Covas. O ministro da Marinha, Rademaker, era um duro, defendia a

cassação. Costa e Silva, que no fundo era um bonachão, contemporizava: “Por que não cassamos sem tirar os direitos políticos?” Rademaker argumentava que não ia adiantar, ele se reelegeria. Havia um impasse. Foi quando se manifestou o ministro da Fazenda, o Delfim: “Esse eu conheço, é de Santos, um comunista”. Aí acabou: cassaram. Delfim mentiu. Covas nunca foi comunista, não era sequer ligado à esquerda. Era um janista, um conservador. Tenho horror ao Delfim.” Delfim Netto nega a história com veemência. Afirma que não se faziam atas de processos de cassação e que chegou a ajudar Covas a arrumar emprego depois da cassação. “Que o Fernando apareça com a ata”, desafia, “ou vai passar por mentiroso.” (*Ibidem*, p. 31).

Há ainda um episódio em que o personagem se encontrou com a rainha Elisabeth. Pelos questionamentos, o trecho deixa claro se tratar de uma curiosidade do próprio autor. A relevância, portanto, perpassa mais o inusitado e o raro do que propriamente o interesse público.

Ia respondendo a perguntas: como comem os supremos mandatários? Banquetes de Estado são suculentos? Como é a comida em Buckingham, por exemplo? “Péssima!”, garante. “Agora, é de uma formalidade extraordinária. Primeiro, a rainha vem te receber em Victoria Station. Aí nós entramos numa carruagem para o trajeto até o palácio. Como estava frio, eles estenderam uma manta. Eu do lado da Elisabeth, a manta por cima da gente. Pensei: Ai, meu Deus, agora é que minha perna encosta na da rainha.” (*Ibidem*, p. 32).

Posteriormente, a narrativa discorre sobre os privilégios da aproximação na cena anterior:

Fernando Henrique é Cavaleiro da Ordem de Bath: “Minhas filhas podem se casar na catedral de Westminster, eu posso ser enterrado lá e tenho direito a tomar banho com a rainha”. Não pretende exercer o terceiro privilégio e tentou em vão convencer a filha Bia a fazer uso do primeiro.

Quanto ao segundo, “já disse à Ruth: junto o meu dinheirinho e quando morrer vou pra lá de avião, direto pra Westminster”. (*Ibidem*).

Como é perceptível, a ideia de mocinho diante do contexto – de um ex-presidente, político, sociólogo e personalidade – está nas estratégias utilizadas, que inspiram simpatia. Não há defeitos, mas a construção de um personagem cuja inteligência é evidente. Isto desde o início até o final, com a narração de uma cena ocorrida após um pronunciamento. Somente a última frase sugere outra interpretação:

Foi o quanto bastou para inspirar pasmo e aplausos de admiração. [...] Ao saber quem é o cliente, dono e funcionários do restaurante pedem fotos. FHC volta à minúscula cozinha e, junto do forno, posa com quatro empregados, todos com cara de mexicano. “Pronto, agora consolidei o voto”, comemora. Alguém comenta: “Consolidou. No México”. (*Ibidem*).

Como já tratado, para Kovach e Rosenstiel (2003) a tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante, relevante e envolvente. Medina (2008), por exemplo, constrói uma argumentação não circunscrita a conceitos preestabelecidos, mas enlaçada à necessidade de uma reinvenção do jornalismo através do uso dos sentidos e o trânsito em outras áreas do conhecimento. Isto inclui a sociologia, a filosofia, a literatura. Na *piuí*, os profissionais passeiam por outras áreas. Dorrit Harazim e João Moreira Salles pelo cinema, Maklouf de Carvalho pelo direito, Daniela Pinheiro, Vanessa Barbara e outros pela literatura.

Voltamos à discussão do jornalismo por muitos entendido como literário, diversional, de não ficção ou *New Journalism*. Para Dines, há ressalvas a serem feitas diante destas denominações:

E, quando além da designação de uma tendência, escola, estilo ou modismo, se acrescenta o rótulo “novo” ou “neo”, deve-se desconfiar mesmo da validade do seu conteúdo. [...] O novo jornalismo preconizado é um velho estilo de escrever, adaptado ao que produzem aqueles intelectuais e seus companheiros, entre a crônica, a reportagem e o depoimento (DINES, 1986, p. 89).

Portanto, mais importante do que buscar um enquadramento em conceitos é perceber a abordagem particular de cada repórter ou colaborador, resultando em um veículo heterogêneo e multidimensional, com diversas especificidades.

A narração como dispositivo argumentativo é evidente, como ocorre em algumas reportagens, embora seja própria da literatura. Isto revela a importância do processo, principalmente considerando as argumentações de Benjamin (1994), para o qual a arte de narrar está em vias de extinção. Ao constatar os caminhos da imprensa na primeira metade do século XX, constatou que as ações da experiência foram gradativamente desvalorizadas e as pessoas foram privadas de uma capacidade que parecia universal e inerente ao homem, ou seja, de trocar experiências.

Para Culler, há um impulso humano básico de ouvir e narrar histórias. “Muito cedo, as crianças desenvolvem o que se poderia chamar de uma competência narrativa básica: exigindo histórias, elas sabem quando você está tentando enganar, parando antes de chegar ao final” (1999, p. 85).

Nessa perspectiva, desde crianças estamos inclinados a ouvir histórias. Da mesma forma, quem conta precisa fazê-lo de forma interessante, atraindo a ponto de o interlocutor exigir a narrativa até o final. Assim, quando encontramos veículos de comunicação como a *piauí* podemos reconhecer uma mentalidade contemporânea, conforme a definição de Medina, e também um epílogo das narrativas propostas por Benjamin.

Mais uma vez, reiteramos que isso não significa escrever ficção e, assim, a transgressão da fronteira do real e do imaginário é evitada pela utilização de estratégias como a precisão. É possível inventar nomes, datas, lugares, horários, mas isso colocaria em jogo uma das maiores riquezas de um veículo de comunicação: sua credibilidade.

A mesma preocupação é estendida aos personagens, sejam personalidades ou não. Todos recebem tratamento semelhante, mesmo anônimos, como em “*Morar na rua em Ipanema*”, escrito por Paula Scarpin, na edição 44, de maio de 2010:

“Eram quase duas horas da tarde quando Gustavo Villas-Boas contou as moedas no bolso e resolveu comer alguma coisa antes de voltar para a porta do banco. A lanchonete mais próxima era o KFC, mas ele torceu o nariz: detesta frango. Andou

mais uma quadra e chegou ao McDonald's...". (PIAÚÍ, MAIO DE 2010, p. 26).

Gustavo é um personagem privilegiado. Buscar referências na realidade, dar nome, citar gostos, descrever atitudes são comuns no jornalismo. Por outro lado, ele não é um personagem qualquer. Ou melhor, é. Está incluído no grupo que a jornalista Eliane Brum (2006) cita como o da invisibilidade social. É um mendigo, ao qual a repórter não só dá nome, como forma física, cheiro e até mesmo endereço, embora este seja as ruas de Ipanema, no Rio de Janeiro.

A fonte de informação dá lugar ao personagem. Mais do que isso, o personagem deixa de ser mendigo para se transformar em Gustavo, Patrícia, José Augusto, Antonio, Fátima e Nilo, representando outras centenas de pessoas. Ao mesmo tempo, a imagem utilizada, bem como o subtítulo e alguns trechos, apresentam a realidade como é. A pessoa aparece sem rosto, escondida sob um saco, possivelmente retirado do lixo, como se fosse uma “coisa”, ao contrário da humanização proposta pela abordagem.



Figura 8 - Morar na rua em Ipanema

Já sobre a abordagem da revista, assim como parece redundância falar que um mendigo é um ser humano, poderia parecer desnecessário falar em humanização. Porém, ao encontrarmos enfoques como esse, nos encontramos com o cômico e o trágico através de histórias de vida. São formas diferentes de contar a mesma história, com detalhes e nuances muitas vezes ignorados.

Outro aspecto importante, um elo que perpassa algumas reportagens sobre esses personagens “anônimos”, é a aproximação com a fama. Não são famosos, mas têm alguma ligação com ela. Essa

também parece ser uma estratégia para deixar as reportagens ainda mais atraentes aos leitores.

É o caso de Marinete Campos, protagonista da reportagem “*Trilha desmatada com mel*”, da edição 37, de outubro de 2009. Ela é depiladora, mas de celebridades ou pessoas com poder aquisitivo alto. O texto traz inclusive nomes de clientes ilustres como as cantoras Preta Gil e Marina Lima e as atrizes Glória Pires e Carolina Ferraz, além de famílias como a Marinho.

Outro exemplo é a reportagem “*Retrato de um homem livre*”, da edição 7, de abril de 2007, escrita por Roberto Kaz, cujo subtítulo já traz aspectos de humor: “*Como fruir de um chá na Academia Brasileira de Letras e um encontro de Alcoólatras Anônimos*”.

O personagem só ganha nome no terceiro parágrafo. Antes disso, é um senhor trajando um casaco velho, uma gravata de marca, mas desfiada, calça manchada, indo para o chá dos membros da *Academia Brasileira de Letras*. Essa opção reforça o que parece ser a intenção da reportagem: construir um personagem que não é parte daquele meio, mas que faz questão de se dizer conhecido ali. Um anônimo que se diz famoso:

À boca pequena, o homem comenta:

- Alberto da Costa e Silva, cadeira nove. Grande amigo meu.
- Evanir Bechara, cadeira 33. Uma doçura humana.
- Ariano Suassuna, cadeira 32. Imortal superstar.
- Paulo Coelho, cadeira 21. Quase não vem. Quando o ex-secretário estadual de Educação, Arnaldo Niskier, passa a dois metros de distância, ele não se contém: “Professor Arnaldo, cadeira 18, muito prazer!”. (PIAÚÍ, ABRIL DE 2007, p.19).

Apesar disso, contradizendo essa personalidade, o autor narra a reação do “grande amigo”: “*O imortal estanca, o encara com um quê de assombro – e segue viagem*”. O personagem principal se chama Heber Trinta Filho, citado como “*o maior especialista em programação cultural gratuita da cidade*”. Isto porque há três décadas tem costumes considerados estranhos: frequência assídua na *Academia Brasileira de Letras* e no *Museu Nacional de Belas-Artes*, onde olha os mesmos quadros milhares de vezes; além disso, foi o primeiro usuário a entrar na

Biblioteca Nacional, onde foi presenteado com o crachá comemorativo de leitor número um.

A estratégia, em toda a narrativa, é mostrar as curiosidades sobre a vida daquele homem, constituindo um texto bem humorado, com palavras de sentido figurado, como “trucidar”. O sentido literal é “matar com crueldade, degolar”. Porém, a reportagem deu outro sentido, coloquial e metafórico:

Impressionado com as vitórias do Santos, Trinta comprou um caderno de 400 páginas (é o único tamanho que usa) e catalogou todas - enfatize-se - todas as partidas do time, entre 1956 e 1974, o período no qual Pelé jogou no time da Vila Belmiro. As anotações vinham em ordem cronológica, com data, local, placar e escalação das equipes. Assim, ele sabia que no dia 7 de maio de 1967, o Santos vencera o time de Ilhéus por 3 x 1, na casa dos adversários. Que, em 11 de dezembro de 1970, a equipe de Coutinho trucidara por 4 x 0 a seleção de Hong Kong, que contava com os atacantes Wong Man Wai e Chi Wai. (*Ibidem*).

Segundo a narrativa, o personagem também escreve muitas cartas. Porém, para deixar claro sua aproximação com a fama – ou o desejo de estar perto dela – o autor registra algumas correspondências:

Ao escrever uma carta, Heber Trinta faz questão de copiá-la. Se lhe respondem, grampeia tudo junto. Na maioria das vezes, a réplica é protocolar. Talvez porque nunca tenha se endereçado a alguém que não fosse, pelo menos, nacionalmente conhecido. Diz que só fala com quem lhe entende: “Entre Deus e a platéia, escolho Deus. Não vou perder meu tempo jogando pérolas aos porcos”. (*Ibidem*, p. 20).

As contradições se transformam em relatos bem humorados, aparentemente escolhidos pela característica do inusitado, mesmo pouco relacionados ao enfoque inicial. Um exemplo é o destaque dado a uma suposta musa do personagem. Ele afirma ter dado a ela aulas de português, mas uma gafe é registrada pelo autor:

Sempre que pode, leva três bombons Sonho de Valsa para sua musa. Diz que ela é “uma tremenda gata, dona de um corpo escultural, academicamente falando”. E declara, com um erro de português que tanto condena: “Nós se amamos”. (*Ibidem*).

Já o autor Marcos Sá Corrêa também utiliza figuras de linguagem em abundância na reportagem “*O estouro da boiada metálica*”, na edição 36, de setembro de 2009, sobre a quantidade de ônibus urbanos no Rio de Janeiro: “*No túnel escuro, o ‘Bom-dia!’ luminoso do ônibus 25 510 é quase insolente, como um enfeite de Natal fora de hora e lugar*” (*Ibidem*). A linguagem é poética no trecho seguinte, sendo essa uma das características de Sá Corrêa:

Às dez para as seis da manhã, o Mergulhão está escuro como sempre, borrifado dia e noite pela fumaça de escapamento que filtra na fuligem cinzenta até as lâmpadas do teto. Na penumbra, recém-saído da lavagem matinal, chamativo como um caminhão de bombeiro, o ônibus verde da empresa Âncora Matias atraca no ponto final da linha 232 como se viesse de outro mundo. (PIAUI, SETEMBRO DE 2009, p. 40).

Com a mesma função poética da linguagem, ele descreve o local, utilizando palavras coloquiais como “apear”: “*O motorista do 25 510 sequer apeia*”. Humaniza os relatos, se preocupando com a vida pessoal de cada personagem e demonstrando ter vivido aquela realidade: “*Viajar com ele comporta várias surpresas. Marcelo Catarino cumprimenta, um a um, todos os passageiros. Num turno de oito horas, são mais ou menos 450 bons-dias*”. (*Ibidem*).

Também são registradas curiosidades. O motor ganhou materiais de isolamento e isso aboliu uma das mais tradicionais características da profissão: a perna direita depilada pelo excesso de calor. Além disso, há números e comparações para dar uma dimensão do sistema:

No TransÔnibus, o sindicato patronal de Nova Iguaçu que lida com 38 empresas, 15 mil empregados, 2 893 veículos, 359 linhas e 2,5 milhões de passageiros por dia, o diretor Mario de Oliveira Neto explicaria mais tarde que essa é a cortesia típica dos subúrbios. “O motorista que

leva sempre as mesmas pessoas nos mesmos horários acaba tendo festas de aniversário, com bolo e tudo, promovidas a bordo pelos passageiros”, disse ele. Oliveira Neto afirma isso do alto de uma frota que dá cinquenta voltas à Terra por dia, queimando 185 mil litros de óleo diesel. (*Ibidem*).

A precisão também é encontrada em outros momentos, através de dados da Companhia de Engenharia de Tráfego da prefeitura sobre acidentes, flagrantes, avanços de sinal, ultrapassagens dos limites de velocidade, além do montante levantado em cada mês pelas empresas:

[...] só no semestre passado, 350 ônibus envolvidos em um total de 1 279 acidentes de trânsito. Anunciou que o número de multas cresceu 21% este ano entre os motoristas de ônibus e micro-ônibus. E houve mais de 75 mil flagrantes, feitos automaticamente por sensores remotos nos cruzamentos, à razão de onze por minuto. Entre eles, 11 mil avanços de sinal e 10 900 ultrapassagens dos limites de velocidade nas barreiras eletrônicas. [...] De fato: a engenharia para dar conta de 65 milhões de passageiros por mês, a 2,20 reais por cabeça, gerou um banco de dados tão vasto que, até para saber por onde andam os alunos da rede pública em hora de aula, o governo se baseia nos cartões de gratuidade, que registram sua passagem pelos ônibus. (*Ibidem*, p. 41).

Nesta reportagem, Sá Corrêa enfoca as empresas e os motoristas, não os passageiros. Embora estes sejam citados, a força da narrativa reside na rotina, nos dados e principalmente nas curiosidades. O fechamento, inclusive, revela um “segredo” sobre o dia a dia e os desafios de trabalhar na profissão:

Seu segredo é o mesmo que o motorista Marcelo e o trocador Othelo resolveram há muitos anos. Um ônibus só presta quando vai no menor tempo possível de um lugar a outro, com gente dentro. É por isso que eles preferem trabalhar às quatro da manhã. O que, em seus casos, requer o mínimo de planejamento. Othelo cumpre esse turno

dormindo às sete da noite. Levanta às duas. Às três e meia está na Matias, aguardando a saída do 25 510. Marcelo e Othelo creditam em parte seu bom humor ao turno da madrugada. O diploma de Motorista Cidadão, para Marcelo Catarino, serve mesmo “é para o currículo”. O que importa é “trabalhar nesse sistema”. Eles aprenderam a ganhar a vida com ônibus no horário em que a cidade só tem os ônibus indispensáveis. É isso que faz toda a diferença. (*Ibidem*, p. 42).

Na edição 30, de março de 2009, Vanessa Barbara também constrói uma reportagem cuja principal estratégia é o inusitado. O título já instiga: “*Sem xixi na galocha*” e o subtítulo introduz o assunto principal, mas através de uma construção bem humorada: “*O bandeirantismo completa cem anos com rãs, pelúcia e banho de cano, mas sem o entusiasmo de uma invasão do Palácio de Cristal*”. O que ela quer dizer? Inevitável ao leitor curioso perguntar e, então, procurar no texto as respostas.

A abertura da reportagem narra um episódio ocorrido em 1909, em Londres, na Inglaterra. Vinte e quatro garotas se infiltraram em uma reunião da qual participavam 11 mil meninos de várias partes do mundo. O objetivo do evento era encontrar pela primeira vez o criador do escotismo, lord Robert Stephenson Smyth, o barão Baden-Powell. Percebemos então o rumo da narrativa: um aspecto do escotismo não muito abordado por outros veículos de comunicação, portanto singular. A autora conta a história como se tivesse vivido a cena, reproduz com detalhes os supostos diálogos e expressões:

Dentro do palácio, filas de rapazes, com seus totens e chapéus, desfilavam e saudavam Baden-Powell, que, satisfeitíssimo, inspecionava as tropas. Seu humor azedou quando vislumbrou o grupinho de fedelhas num dos cantos da arena. Elas ainda tentaram se esconder, mas ele se aproximou a passos largos e inquiriu: “Que diabos vocês estão fazendo aqui?” A líder das meninas respondeu: “Queremos fazer a mesma coisa que os rapazes, queremos ser escoteiras.” Baden-Powell respondeu que era impossível, mas, mais tarde, disse que ia pensar no caso. (PIAUI,

Esse arsenal de pormenores nos faz visualizar o episódio, como se estivéssemos vivendo-o também. Isto é possível graças às referências mentais de situações ou lugares semelhantes ou, ainda, tudo o que já ouvimos sobre o assunto. De acordo com Dines (1986), as palavras contêm sugestões para compor nosso repertório de imagens e delas depende a permanência da informação:

As figuras que o leitor mentalmente produz com as sugestões contidas nas palavras vão compor seu repertório de imagens, sua iconoteca, em outras palavras, sua imaginação. A transposição de uma cena fotográfica para a mente poderá ser bem fixada pela memória como um todo, mas a composição mental de uma imagem com os elementos próprios é mais duradoura. (DINES, 1986, p. 94).

Neste sentido, Lippmann (2008) dá importantes contribuições. Para ele, o que acreditamos ser uma imagem verdadeira nós a tratamos como se fosse o próprio ambiente, chamado de pseudo-ambiente. O autor ainda registra a importância dessas imagens: “O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento” (LIPPMANN, 2008, p. 29). Além disso, embora haja um risco de equívocos, as imagens são a forma mais segura de transmitir ideias:

Imagens têm sido a maneira mais segura de transmitir uma idéia, e o próximo na ordem de importância, palavras que acionam as imagens da memória. Mas as idéias transmitidas não são plenamente nossas até que tenhamos identificado a nós mesmos com algum aspecto da imagem. (*Ibidem*, p.152).

De acordo com o autor, de um modo geral as imagens – não a realidade em si – determinam a forma como percebemos o mundo e, portanto, a opinião acerca dele: “A imagem na cabeça destes seres

26 Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-30/o-mundo-encantado-do-terceiro-setor/sem-xixi-na-galocha>. Acesso em 25 de outubro de 2010.

humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas”. (*Ibidem*, p. 40).

Em colocações como essas, feitas por Dines (1986) e Lippman (2008), reside a força das histórias bem contadas, dos detalhes aparentemente desnecessários e, sobretudo, a necessidade de uma fidelidade à realidade experimentada. Os sentidos do repórter não são meros transmissores, são formadores de opinião pública. Lippman também discorre sobre os estereótipos cunhados a partir dessas imagens criadas por nossas experiências e muitas vezes reforçadas através do discurso midiático. Embora, como dito, precisemos nos identificar com algum aspecto da imagem. Este tema será melhor abordado nos próximos capítulos.

Quando não possuímos muitas referências, a credibilidade nos faz confiar na narrativa. No texto de Vanessa Barbara, a estratégia comunicativa utilizada foi narrar através da história do próprio bandeirantismo. De acordo com ela, por causa da ousadia das meninas, no ano seguinte o fundador determinou que fosse criada a vertente feminina do escotismo, no Brasil chamada de Movimento Bandeirante. Portanto, a cena inicial fica então justificada. Como cada acampamento possui um tema diferente, ela conduziu os parágrafos como se fossem brincadeiras.

Os fatos são contados como quem viveu aquela realidade e é possível, como ocorreu na abertura, recontar com qualidade uma história. Porém, toda a narrativa envolve inúmeros personagens, cenas, lugares, nomes, detalhes e dificilmente alguém contaria com tanta precisão se não tivesse vivido ao menos situações semelhantes. Ao mesmo tempo, a repórter demonstra conhecimento de documentos como o manual “Escotismo para rapazes”, utilizado desde os primórdios do movimento. Na narrativa, ela trata algumas considerações como ultrapassadas, embora vigorem até hoje, e escolhe “trechos memoráveis” para apresentar os escritos:

Há outros trechos memoráveis, como uma seção dedicada à continência ou abstenção de prazeres sexuais, na qual o autor diz que o desejo pode ser despertado por se ter comido demais, pela constipação ou por se dormir em cama macia, muito quente, com muitas cobertas. O livro ensina como tocar em mas, como ficar de cócoras e como afiar bons cotocos. (*Ibidem*).

A estratégia principal parece ter sido intercalar informações consideradas mais “chatas”, mas importantes, com fatos engraçados, mas corriqueiros, num equilíbrio entre seriedade e humor.

O final da reportagem faz uma retrospectiva de acontecimentos curiosos em anos distintos e depois enfatiza que no acampamento de São Bernardo, o qual alinhavava a narrativa, não ocorreu nenhum dos episódios inusitados narrados anteriormente. O humor aparece ao lamentar isso:

No acampamento de São Bernardo não houve nada parecido. Ao contrário, houve dispersão e desatenção. Em meio a um jogo de bases, duas fadinhas fugiram para ir ao banheiro e não voltaram mais para suas equipes. Uma B2 impaciente pediu para uma coordenadora ler mais rápido as tarefas da base. Um bumerangue clandestino foi apreendido. Para tristeza dos coordenadores, ninguém chegou a fazer xixi nas galochas. (*Ibidem*).

Como é perceptível, cada narrador escolhe contar a história de uma forma distinta. Silvio Ferraz utilizou termos que suscitam angústia, apreensão, diante do desaparecimento do engenheiro da Odebrecht. Já João Moreira Salles optou pela precisão dos dados e o relato minucioso das cenas e do trajeto percorrido por FHC durante sua apuração. Paula Scarpin deu inúmeras características físicas e psicológicas de moradores de rua, enquanto Roberto Kaz deixou em uma situação constrangedora aquele que se dizia conhecido por todos na *Academia Brasileira de Letras*. Marcos Sá Corrêa abunda figuras de linguagem, enquanto Vanessa Barbara instiga a imaginação do leitor para dar o tom a suas reportagens. São escolhas, também dependentes de cada personagem, da troca de experiência, da empatia e da disposição de ambas as partes.

Compõe-se então uma espécie de contrato cognitivo, assinado pelos envolvidos na narrativa. Surgem expectativas compartilhadas. Diante das estratégias disponíveis, a matéria é construída, mas a partir de outro aspecto importante: o enquadramento. Ao fitarmos o foco narrativo, percebemos circunstâncias implícitas e explícitas e os diversos contextos envolvidos no ato de enunciação. Quais são estas circunstâncias?

6 AJUSTAR O FOCO

6.1 A RELAÇÃO COMUNICATIVA E O CONTRATO COGNITIVO

Francisca Edna dos Santos Feitosa mora em um casebre, na Vila Irmã Dulce, em Teresina, no Piauí, e se tornou protagonista da *piauí* na edição 39, de dezembro de 2009, na reportagem “*Do Piauí ao Planalto*”. Através do seu exemplo, a narrativa discorreu sobre os pedidos dos brasileiros ao Presidente da República e, ao mesmo tempo, sobre os problemas sociais enfrentados por pessoas como ela. O enquadramento dado a esta reportagem é especialmente interessante, pois parte de uma realidade específica para tratar de um tema maior, ou seja, do singular para o particular e o universal. Além disso, a edição foi veiculada no ano que antecedeu as eleições presidenciais no Brasil, ou seja, em um contexto também determinado.

Este capítulo estuda justamente o foco narrativo ou enquadramento dado à narrativa. O objetivo é compreender as circunstâncias do ato de enunciação, refletindo sobre os contextos físico – do veículo de comunicação –, empírico, natural, histórico e cultural.

Torquato do Rego sugere o termo “angulação”, ou seja, selecionar, escolher um ângulo, uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores: “angular é saber onde e como colocar determinado componente no texto, de maneira que a idéia apresentada seja a mais próxima daquilo que se pretendeu”. (1984, p. 117). Nesse contexto, o autor já admite uma intenção, observada em alguns trechos dessa matéria, mas melhor explorada no próximo capítulo.

Já Medina encara o jornalista como mediador social, cujos horizontes necessitam de um alargamento: “Para além da estreiteza de repertório, a relação com o mundo, a relação com o outro – específicas da profissão – carecem também de profundidade”. (1996, p. 11). Na abordagem do texto citado, logo no início percebemos um aprofundamento, conseguido através de um enquadramento também amplo.

Segundo argumenta a repórter Carol Pires, a Vila Irmã Dulce é a segunda maior favela da América Latina cuja origem é uma invasão. Em seguida, reproduz a carta enviada pela protagonista ao presidente, com os erros gramaticais e a forma coloquial, justificando se tratar de uma pessoa que frequentou apenas até a 5ª série:

Senhor presidente Luiz Inacio Lula da Silva eu estou lhe escrevendo esta carta para conta a minha real situação eu estou passando, [...] senhor presidente eu estou passando fome eu tenho um butijão já esta com 6 meses que eu não troco ele por que não posso eu estou cosinhando na lenha catando ponta de pau para bota no fogo o meu filho quase more no inicio por que não tinha costume, senhor presidente eu lhe pesso que você tenha pena da minha situação e da minha familia [...] e gostaria de trabalha para sustenta os meus filhos e gostaria de um emprego para minha irmãs eu lhe pesso um trabalho que eu possa trabalha com dignidade eu amo a responsabilidade. Senhor presidente eu lhe ploro não deixe mengem toma o pouco que eu a minha familia temos estes terrenos muito obrigado ass: sua fã numero 1. Fca Edna dos Santos Feitosa te amo meu presidente de coração. [grifo da revista] (PIAUÍ, DEZEMBRO DE 2009, p. 58).

A narrativa conta a trajetória da carta, entregue durante um evento da “Caravana da Fome”, uma das promessas de campanha de Lula, que se propunha a percorrer cidades pobres do Piauí, Pernambuco e Minas Gerais. O Departamento de Documentação Histórica recebeu a carta no dia 13 de janeiro de 2003. A partir disso, a autora introduz o tema principal: as correspondências – e pedidos da população - de modo geral. Isto através de dados precisos: “*Da posse de Lula até outubro passado, o Departamento recebeu 550 mil mensagens postais e eletrônicas, além de 12 742 presentes*”. (Ibidem, p. 59).

Conforme Torquato do Rego (1984), é comum verificarmos uma homogeneidade de angulações, mas uma abordagem mais dinâmica deve ser planejada a partir da captação e de dados, com o repórter exercitando sua criatividade, procurando ver algo além ou extra nos personagens ou nos fatos.

Sob esse aspecto, angular bem significa a necessidade de o repórter saber preparar-se para sentir o ambiente, a fim de poder transmitir com alma e emoção e evitar a padronização, tão comum no jornalismo. (TORQUATO DO REGO, 1984, p. 117).

Nessa narrativa, não é necessário muito esforço para perceber, além de uma angulação singular, um propósito de demonstrar o quanto as pessoas confiam nas promessas e, mais ainda, no atendimento de seus pedidos. O contrato cognitivo é estabelecido a partir da vivência e do relato do profissional, mas também das expectativas dos personagens e dos leitores, cada qual partindo das próprias referências e necessidades. Além disso, ao considerarmos os conflitos já apresentados em outros movimentos, o ângulo, as intenções e os propósitos são aclarados.

Chaparro (1994) traz algumas considerações interessantes sobre as intenções e propósitos que um autor pode ter ao escrever uma narrativa. Para ele, na etimologia, intenção e propósito são coisas distintas. Enquanto este último significa visualização ideal ou imaginativa de um plano ou fim de uma ação, intenção significa tender, desenvolver-se, dirigir-se para algo. O autor cita Teun van Dijk para distinguir que uma intenção se refere unicamente à execução de um fazer, enquanto um propósito se refere à função que este fazer ou esta ação podem ter.

Por esta lógica, o propósito pode gerar uma intenção, mas o inverso não ocorre, porque a intenção é o elemento de consciência que controla o fazer. Esgota-se na ação, enquanto o propósito procura os efeitos. (CHAPARRO, 1994, p. 20).

No caso dessa reportagem, os efeitos são conduzidos ao longo do texto. A resposta é praticamente automática, como as outras recebidas e respondidas por um setor específico, contratado para isso. Ainda assim, a reação, registrada pela repórter, demonstra ingenuidade, balizada pela expressão “endereço mágico”:

A notícia logo se espalhou, e nas semanas seguintes Edna passou a receber vizinhos interessados na carta do presidente. Todos queriam anotar o endereço mágico de Brasília para também mandar cartas com pedidos. Não

sabiam que basta escrever no envelope “presidente” ou, no caso do atual mandatário, “Lula”, e os Correios se encarregam de fazê-lo chegar ao Palácio do Planalto. (PIAÚÍ, DEZEMBRO DE 2009, p. 59).

A seguir, a narrativa traz estatísticas, com especial atenção às curiosidades: das 5 718 cartas escritas por crianças, onze convidavam Lula para festas de aniversário. Além disso, há a informação de que cores designam a urgência dos pedidos. Em um deles, verde, dois garotos alertavam que a mãe se mataria se perdesse a casa por falta de pagamento à Caixa Econômica.

Possivelmente através da apuração, a repórter constatou a perda da casa, mas a dona não se suicidou. Sutilmente, o exemplo alude que nem todos os anseios são atendidos, como acreditam personagens como Edna. A abordagem muda nas linhas seguintes, com o registro de uma correspondência respondida pelo próprio presidente:

Os pleitos marcados em cor-de-rosa são especialíssimos: podem ser levados ao conhecimento do presidente. Não há um critério claro. Foi o que ocorreu com uma carta postada em Recife, que chegou pouco depois de Lula ter sido eleito. A signatária não dizia o nome verdadeiro e avisava estar escrevendo como se fosse dona Lindu, a mãe do presidente, morta em 1980. Ela dizia que Lula deveria poder dividir com uma mãe - mesmo não sendo a sua - a alegria de tomar posse. Lula respondeu à mensagem de próprio punho. Ninguém no Planalto sabe o que ele escreveu. (*Ibidem*).

Outra carta, remetida de Aracaju, é ainda mais curiosa:

Toda vez que eu te vejo acho que posso contribuir com o crescimento do Brasil. Eu farei tudo o que senhor quiser, é só ligar no meu celular. Se não se importar, eu te chamarei de pai. Xau, pai Lula. Do seu filho, Lula Júnior. (*Ibidem*, p. 60).

Mesmo enveredando-se por outras informações, a narrativa vai e volta à Edna, intercalando dados do tema com a história cronológica do ocorrido com a protagonista. Essas são algumas das recomendações

dadas por Dines (1986), originalmente escritas há várias décadas, mas ainda atuais e importantes à construção da narrativa:

O leitor de hoje não quer apenas saber o que acontece à sua volta, mas assegurar-se da sua situação dentro dos acontecimentos. Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela só contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro. Enriquecidos com essa nova angulação e estas intenções, chegamos bem mais perto do jornalismo interpretativo e do jornalismo investigativo. (DINES, 1986, p. 90).

O texto deixa transparecer investigação, além do depoimento de Edna, embora sua história embase e costure a narrativa. Ela recebeu outra resposta, desta vez do Ministério das Cidades, que afirmava não haver nenhum programa para atender pessoas físicas ou casos isolados, pois os projetos do governo eram voltados às coletividades. *“E os governos estaduais e distrital, bem como as prefeituras, são responsáveis por identificar comunidades que necessitam de apoio, elaborar projetos e formalizar solicitações de recursos, para análise”* (PIAUI, DEZEMBRO DE 2009, p. 60). Não podiam resolver seu problema. Orientada pela carta, foi à Companhia de Habitação do Piauí, onde foi informada da inexistência de um programa disponível.

De acordo com o texto, somente anos depois, quando uma enchente atingiu a Vila, os governos federal e estadual firmaram um convênio para fazer casas populares. Uma das beneficiadas foi ela, que se mudou com seus oito familiares e uma vizinha para uma casa de 52 metros quadrados com dois quartos, sala, banheiro e cozinha.

Não foi através da carta, embora o cadastro num possível programa de habitação – na época inexistente – tenha sido feito por sugestão da resposta. Além disso, o problema foi resolvido diante de uma situação de emergência. A narrativa ainda conta que ela receberia a visita de Lula: *“Desempregada à época, Edna arrumou 12 reais para preparar a casa para o grande dia: comprou um abacaxi, uma garrafa plástica e gelo. Queria ter pelo menos água gelada para oferecer ao presidente.”* (Ibidem, p. 58).

Nesses e em outros trechos citados ao longo da análise, percebemos a existência de algumas técnicas de descrição que Luiz Beltrão (2006) sugere para valorizar determinados ângulos:

1.º) **Descrição pictórica** é assim chamada porque não só o objeto como o sujeito se acham imóveis, em posição semelhante a do pintor diante do seu modelo, como porque os elementos a que o escritor deve atender e há de manejar correspondem aos que há de atender e manejar um pintor. [...]

2.º) **Descrição topográfica**, o objeto está imóvel e o sujeito que o descreve em movimento. Temos em jogo os mesmos elementos: a sua ordem de citação é que difere. [...]

3.º) **Descrição cinematográfica**, o objeto descrito está em movimento e o sujeito que o descreve permanece imóvel. A situação é muito semelhante à do espectador de uma cinta cinematográfica, que se acha sentado enquanto a película se desenrola ante os seus olhos. (BELTRÃO, 2006, p. 69).

Para o autor, ninguém pode escrever objetivamente aquilo que não vê: “a observação direta é, pois, uma exigência primordial da descrição em geral e da descrição jornalística em particular”. (*Ibidem*, p. 68). Analisando os exemplos, percebemos a descrição como algo determinante nas narrativas. Nesta, em especial, a autora conta com detalhes que a visita de Lula não ocorreu, mas ela poderia encontrar-se com ele no palanque e, mesmo com o desapontamento, expressa a esperança da personagem na figura do presidente e nas cartas endereçadas a ele:

Ela entregou ao presidente um envelope contendo mensagens de quase todos os vizinhos, inclusive dela. Saiu de lá com um autógrafo do presidente que dizia “Abraço do Lul”, assim, sem o “a”. “Ele era cheiroso demais”, lembrou Edna, enlevada. [...] Edna contou que escreverá mais uma carta ao presidente. Disse que será a última e não fará pedidos. Apenas agradecerá. (PIAÚÍ, DEZEMBRO DE 2009, p. 60).

A ausência do “a” denota falta de atenção, pressa, e, ainda assim, apregoa o contentamento da personagem. Este exemplo reforça o método de dar voz a indivíduos, como já conceituado, da camada “invisível” da população. De acordo com Escosteguy (2009)²⁷, esse procedimento de dar espaço às vidas miúdas é cada vez mais corrente na mídia. Através de um estudo, ela recupera o sentido de outro termo que pode ser utilizado para definir esta prática: o ordinário, retomando a contribuição do autor Richard Hoggart (1973). Em *As utilizações da cultura*, ele se deteve na apresentação das atitudes, valores e modos de vida para definir esse homem “ordinário”:

[...] maioria que encara a própria vida tal como ela é e sempre foi, no que não difere das maiorias das outras classes; aquelas pessoas a quem alguns dirigentes sindicais, quando lamentam a falta de interesse manifestada por essa maioria em relação ao movimento sindical, chamam ‘a vasta massa apática’; a que os autores de canções dão o nome elogioso de ‘o povo simples’; que as próprias classes trabalhadoras descrevem, mais sobriamente, como ‘as pessoas vulgares’ (HOGGART, 1973, p. 27).

Principalmente através da sessão *Diário*, mas também nas reportagens, de acordo com Escosteguy exacerba-se a exposição do homem simples no transcurso habitual da vida através de relatos que não são pura descrição da realidade. “Trata-se de uma prática documental, identificada em uma modalidade de registro do cotidiano do homem comum, viabilizada por um determinado processo de produção que se apresenta numa narrativa criativa, isto é, numa história bem contada”. (2009, p. 2).

Além de citar exemplos do cinema, cujo relato é centrado em “histórias humanas”, a autora traz uma análise de Hoggart, feita na década de 50, para demonstrar que o termo não é novo. Ele destacava a estratégia de “personalização” da imprensa popular e observa-se que desde então essa prática se alastrou e se intensificou no cenário cultural, principalmente no âmbito do midiático.

²⁷ Trabalho apresentado ao GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

Por outro lado, uma esfera do “ordinário” pressupõe uma do “extraordinário”. A primeira se dá a partir de acontecimentos que facilmente reconhecemos como triviais, comuns a todos, e a segunda explora a singularidade e é escolhida justamente porque o cotidiano se destaca de alguma forma, se sobressai entre os demais.

No entanto, nos exemplos citados no transcurso da análise percebemos que convivem na mesma história o ordinário e o extraordinário, como se todas as histórias, inclusive a minha e a sua, merecessem ser contadas com a premissa de simbolizarem uma fonte para o entendimento da conexão entre o indivíduo e a sociedade. Nesta perspectiva, torna-se difusa a fronteira entre as duas esferas e dispensável separá-las, pois parece ser justamente esta confluência a intenção de quem conta a história.

Como expressado em “*Bom dia, meu nome é Sheila*”, o personagem com nome, endereço e características únicas é corrente nas narrativas da *piauí* e isso contraria situações da imprensa nas quais os sujeitos aparecem em circunstâncias que generalizam a função social.

Na proposta de Martins, a cotidianidade, expressada na rotina, é: “a consciência do lugar das contradições na era do cotidiano. Ela é o momento da história que parece dominado pelo repetitivo e pelo que não tem sentido”. (2008. p. 94).

Quando lemos informações comuns, como se veste, o que come e faz, entre outros dados expressados em diversas narrativas, conhecemos o prosaico, mas também informações fundamentais, pois isso presentifica uma vida singular, parte de uma identidade pessoal e intransferível.

Conforme Escosteguy (2009), há pertinência e atualidade no termo ordinário para referir-se a uma experiência geral que apaga certas hierarquias. Há, então, uma centralidade na experiência do sujeito, da pessoa humana, cujo cotidiano poderia parecer banal, mas por outro lado constitui também uma fonte importante de informação sobre a realidade social.

Em *piauí*, as abordagens nitidamente valorizam tanto a fama quanto o anonimato, se forem importantes para compreender a realidade apresentada. Para Olinto (2008), o jornalista sai ao encontro do acontecimento e vê pessoas e lugares às vezes familiares, mas sob um outro aspecto:

A rua, que ele conhece tão bem, pode estar alvoroçada por uma tragédia ou pode estar rindo, inteira, diante de um fato curioso. Nesse contato

direto com as pessoas envolvidas em acontecimentos, nesse penetrar nos dramas de uma cidade, nesse ouvir pessoas dos mais diferentes tipos falarem de seus desejos, de suas culpas, de seus sonhos desfeitos ou reerguidos, o repórter de rua atinge um plano de vida que o homem comum desconhece. (OLINTO, 2008, p. 36).

Por isso, muitas vezes, ao lermos uma reportagem sobre temas e personagens que julgávamos conhecer, nos deparamos com um cotidiano novo. Para o mesmo autor, a descrição tem um tom de alheamento, uma espécie de neutralidade para responder à expectativa do público de obter esse conhecimento e de ver no repórter o seu interlocutor.

Na reportagem “*Xilindró alla Volterrana*”, da edição 14, de novembro de 2007, a descrição de lugares, personagens e pormenores da realidade é nítida. Isto através de uma linguagem que mescla o cômico e o trágico. A escolha pela palavra “xilindró” como sinônimo de prisão já dá o tom à narrativa: humor, mesmo tratando de um assunto sério, pois se propõe a contar, como traz o subtítulo, “*A vida e a obra de um condenado à prisão perpétua numa cidade medieval do século XXI*”.

Marcos Sá Corrêa percorreu a cidade italiana de Volterra e escolheu registrar o local através de um enfoque inusitado, ou seja, a história de um preso. O início traz informações sobre o *maître* Gianni Tatti. Descobrimos, através de dados observados e outros possivelmente obtidos em entrevista, como é a rotina dele e do restaurante onde trabalha. Seu dia começa às nove e meia, hora do café da manhã no Hotel Nazionale, onde o repórter está hospedado, e quando o personagem abre a Enoteca Del Duca. O término é à 1h da madrugada, quando ele volta a pé para casa, atravessando de um lado a outro a cidade vazia.

Como explicitado no capítulo anterior, esse registro cheio de detalhes aumenta nossa aproximação com a cena, pois, como propôs Olinto (2008), torna possível a visualização, o transporte de nosso imaginário para o ocorrido, embora o tempo cronológico seja outro. Percebemos a presença do repórter lá, emprestando seus sentidos à construção da realidade, com detalhes possíveis através de uma experiência vivida, na qual confiamos. É como sugere Beltrão: “O jornalista, para bem descrever, deverá sem dúvida **saber ver**. Embora isso lhe possa ser um bom dote pessoal, dada a dinâmica da profissão, o

jornalista precisa **saber ver mais coisas em menos tempo**” (2006, p. 68 [grifo do autor]).

Particularmente nessa narrativa, o dia a dia é utilizado como pano de fundo para introduzir informações sobre o local, através de descrições pictóricas, cinematográficas e topográficas, numa teia de significados e significações.

Passa da uma da madrugada quando Tatti volta a pé para casa, atravessando de um lado a outro a cidade vazia. A Enoteca Del Duca está na rua do Castelo, número 2. Ele mora na outra ponta, pelo caminho que costeia a metrópole etrusca, no parque onde as fundações de Volterra afundam em 2 300 anos de história, e marcam presença as muralhas da Fortezza Medicea, obra de Lorenzo, o Magnífico, que em 1472 pôs os volterranos, de uma vez por todas, à sombra de Florença. (PIAÚÍ, NOVEMBRO DE 2007, p. 54).

Mas, afinal, qual é a relação entre esse *maître*, até então um personagem aparentemente aleatório, embora ocupe toda a primeira página, e o presidiário? No parágrafo seguinte, encontramos a reposta:

No fim da rua, Gianni atravessa a cinta murada, que conserva a cidade de 12 mil habitantes no molde de um burgo medieval, toca a campainha de um portão de ferro indevassável e retoma, cerimoniosamente, sua rotina de presidiário. Quinze anos atrás, ele foi condenado, em Milão, à prisão perpétua, acusado de cinco homicídios, tráfico de drogas e contrabando de automóveis roubados. (*Ibidem*, p. 54, 55).

O *maître* é o próprio presidiário e logo desvendamos a escolha do personagem e o enfoque da narrativa. O autor faz, inclusive, uma comparação entre o prédio da prisão e o que abriga um órgão público no Brasil:

Prisão perpétua, em italiano, soa pelo sotaque etimológico à masmorra e a trabalhos forçados. Chama-se *ergastolo* (ergástulo, em português). Na prática, significa no mínimo 26 anos de reclusão, antes da liberdade condicional. Em compensação,

o lugar onde estão os *ergastoli* de Volterra consta dos guias turísticos com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, que a Unesco deu à cidade. A Fortezza Medicea está em melhor estado do que o prédio do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, de Le Corbusier, o francês que inaugurou, em 1936, o modernismo arquitetônico brasileiro. (*Ibidem*, p. 55).

Nesse ponto da narrativa, a história do personagem é substituída pelas informações do local, a motivação para a pauta. O primeiro indício de que se trata de um lugar peculiar é a comparação com uma catedral:

De longe, espremidos numa crista com 550 metros de altura sobre as mansas colinas da Toscana, Volterra e a sua fortaleza-cárcere parecem uma coisa só, misturando os baluartes militares com o campanário da catedral de Santa Maria Assunta e as torres civis da praça dos Piores, cujo conselho municipal se reúne na mesma sala há mais de 700 anos. (*Ibidem*, p. 55).

Nos trechos seguintes iniciam os relatos dos jantares beneficentes ocorridos ali, conhecidos como *Cene Galeotte*. Os presos, ou “galés”, preparam um banquete cujos comensais precisam reservar os lugares com antecedência mínima de dez dias. Além disso, entregam ao Ministério da Justiça – na Itália chamado Ministério da Graça e Justiça – uma cópia de seus passaportes ou carteiras de identidade, passam por detectores de metais, deixam os telefones celulares na portaria e comem entre guardas armados, com talheres de plástico e pratos descartáveis. A imagem ilustra esse ambiente dividido entre as grades de uma prisão e a liberdade proporcionada pelos momentos de lazer.



Figura 9 - Xilindró alla Volterrana

Pelas informações, a construção carrega o risco de expor juízos de valor, no sentido de concordar ou condenar a iniciativa, principalmente considerando os investimentos em programas de treinamento, como registrado:

Antes que ela abrisse as grades para os jantares, seus cozinheiros e garçons tiveram de aprender o bê-á-bá do ofício. Tomaram aulas de “gastronomia e degustação”. Napolitanos, sardos e calabreses conheceram, durante o curso, sabores tradicionais de Nápoles, da Sardenha ou da Calábria que ignoravam ou tinham esquecido. Enólogos da Federação dos Sommeliers ensinaram-lhes a provar vinhos, antes de entender os truques de combiná-los com os pratos. (*Ibidem*, p. 56).

Contudo, essa ameaça é amenizada ao enfatizar a iniciativa como uma aposta na ressocialização, recomendada pelo Ordenamento Carcerário, através de uma lei de 1975, a qual define o trabalho como instrumento fundamental de recuperação dos detentos. Os 91 artigos estabelecem mais direitos do que normas disciplinares, algumas curiosas. Inclusive, isso faz o autor presumir que não seriam muito diferentes caso fossem escritas por presidiários:

Obriga os carcereiros a tratá-los “pelos próprios nomes”. Seus cabelos só podem ser cortados compulsoriamente “por motivos excepcionais”, de higiene ou saúde. Garante o acesso dos detentos a “atividades culturais”. Reserva-lhes três quintos

do que ganharem com trabalhos voluntários. Assegura-lhes o diploma de ensino médio. Torna o lazer obrigatório nas penitenciárias. E, a partir dos dez anos de reclusão, faculta o “trabalho externo” aos condenados. (*Ibidem*).

Neste trecho o autor se insere na reportagem, justificando suas observações e dando um indício da construção em ordem cronológica:

“Ainda tem tempo? Se tiver, vou convidá-lo a um passeio belíssimo”, ela [diretora da prisão] propõe, no fim da conversa. Serve então de guia a um passeio pelo caminho de ronda, no alto das muralhas. Das seteiras, em dias claros, avista-se desde os terraços com gerânios, colados nos paredões externos da fortaleza, até a Córsega, no mar Tirreno. Ela refaz os 800 metros de percurso panorâmico, no palanque de pedra, sempre que lhe aparece um pretexto. “É que ainda não me cansei desta paisagem”, admite. [...] Tirando o carabiniere que escolta a caminhada com a metralhadora a tiracolo, nada no passeio lembra uma prisão. (*Ibidem*, p. 57).

Como no início, no qual não é possível identificar o personagem como um presidiário, o final também enfoca a liberdade, conduzindo para uma visão positiva do sistema ali adotado. Gianni Tatti é um dos exemplos disso. Arrola então a história de como foi parar na prisão e como, aos poucos (supostamente), mudou de vida. Da mesma forma, no depoimento do personagem há comparativos entre esta e outras prisões do país:

Para chegar à fortaleza, ele gramou mais de dez anos “no inferno” da penitenciária de San Vittore, um depósito de dois mil presidiários, onde os guardas não trocavam uma palavra com os internos e os magistrados não davam conta dos 450 internos que, pelo artigo 21 do Ordenamento Carcerário, tinham passado do tempo para obter o regime semi-aberto. [...] Passou um mês no presídio da ilha de Elba, “um verdadeiro hospício”. Aguentou um mês na penitenciária de Massa Marítima, “outro manicômio”. De Volterra não tem queixas. Em seu primeiro Natal na

Fortezza Medicea, descobriu que a diretora visitava as celas antes da ceia. Os agentes carcerários “dão bom-dia e boa-noite”. Os carabinieri não bebem. E “Maria Grazia é uma santa, que pune e perdoa”. Em suma, ele diz, “o cárcere nem parece cárcere”. (*Ibidem*, p. 59).

Essa mesma lógica não se aplica apenas à construção de personagens, mas a situações e temas. É o caso de “*A Copa do Cabo ao Rio*”, da edição 44, de maio de 2010. Esta utiliza o ordinário e o extraordinário enfocando os extremos: a pobreza de ambos os países – África do Sul e Brasil – e a riqueza necessária para sediar uma Copa do Mundo, em troca de uma bela imagem do país nos meios de comunicação. A fotografia escolhida também expressa essa antítese: a felicidade da população por sediar tal evento, em contradição aos problemas sociais e aos investimentos necessários para preparar o evento.



Figura 10 - A Copa do Cabo ao Rio

A repórter Daniela Pinheiro aponta as incongruências logo no início, sugerindo uma preocupação maior com a imagem do que com as melhorias nas condições de vida das pessoas:

Na Cidade do Cabo, ela foi informada da importância da escolha de Athlone para o incremento da área e a melhoria da vida de milhares de pessoas que moram ali. Ao visitar o estádio, no entanto, a comitiva estava mais interessada no público global da Copa do que na particularidade nacional. “Os bilhões de espectadores não querem ver favelas e pobreza

pela televisão”, disse um dos inspetores da Fifa ao jornal Mail & Guardian. (PIAUI, MAIO DE 2010, p. 43).

Essa apreensão se confirma quando, com o argumento oficial de que a semifinal precisava de um estádio maior, Athlone foi dispensada e anunciou-se a construção de um novo estádio, com 68 mil lugares, num dos bairros mais ricos da Cidade do Cabo. Além disso, a autora cita a origem do dinheiro e o valor empregado na construção:

Financiada com dinheiro público, a obra custou 1,1 bilhão de reais, quase quatro vezes mais do que o previsto. “Ou era isso ou não tinha Copa”, argumentou o vice-prefeito Ian Nielson, quando o estádio foi licitado. (*Ibidem*, p. 44).

Mais adiante, utiliza a expressão “ainda assim” para afrontar: embora seja utilizado dinheiro público na construção dos estádios, não por acaso a FIFA é uma das instituições internacionais mais ricas e poderosas:

Ela é responsável pela comercialização de qualquer produto ligado ao futebol profissional, patrocínios e direitos televisivos. Está no centro de um mercado que movimenta 250 bilhões de dólares anualmente. No ano passado, faturou 1 bilhão de dólares com um lucro líquido de quase 200 milhões de dólares. Só com a Copa da África do Sul, ganhou 3,8 bilhões de dólares. (*Ibidem*).

Os contrastes nas linhas seguintes deliberam críticas às práticas, sobretudo porque o país sede da copa precisa aceitar todas as exigências:

Os 24 membros do comitê executivo da entidade gastam seu tempo viajando pelo mundo, inspecionando estádios e times, negociando com Estados e multinacionais, articulando alianças com lideranças locais e nacionais. Além de hotéis cinco estrelas, passagens de primeira classe, Mercedes pretas com motoristas, eles têm despesas autorizadas de até 500 euros diários. Avalia-se que recebam honorários próximos de 50

mil dólares, enquanto o salário do secretário-geral chegaria ao dobro. Os ganhos e despesas do presidente da Fifa nunca foram divulgados. A renovação no comitê é baixíssima. A maioria dos cartolas está no cargo há pelo menos quinze anos. Um país que queira sediar a Copa do Mundo tem que aceitar todas as exigências listadas no chamado “Cadernos de Encargos” da Fifa. Se necessário, a legislação nacional é modificada. (*Ibidem*).

Essa crítica torna-se ainda mais evidente conforme a narrativa avança, ao explicitar que, apesar do montante gerado, a Fifa se considera, ironicamente, uma fundação sem fins lucrativos, além de nunca perder dinheiro. Alguns exemplos são dados de como as somas milionárias são arrecadadas. Uma sutil ironia aparece no trecho: “*Na África do Sul, pela mesma lei, um camelô que mencione a expressão ‘Copa do Mundo’ ou até ‘2010’ na hora de vender seus cacarecos corre o risco de ser preso pela polícia*” (*Ibidem*). A ideia de tudo isso ser um exagero é construída por um depoimento de uma deputada africana:

“São demandas infundáveis e, algumas, inconstitucionais”, disse-me a deputada Patricia de Lille, do partido Democratas Independentes, em seu gabinete parlamentar na Cidade do Cabo. Em um país com índice de desemprego beirando os 40%, onde metade da população vive com menos de 1 dólar por dia, De Lille acredita que os sul-africanos deveriam ter sido informados e consultados sobre o uso de verbas públicas nas obras para o mundial de futebol. (*Ibidem*).

Segue-se um relato que reforça esse depoimento: no Parque Kruger, a maior reserva natural da África, foi construído um estádio. Porém, entre as exigências, engenheiros e trabalhadores especializados deveriam ser instalados em locais onde a luz e os aparelhos de ar-condicionado estivessem garantidos. O desfecho foi questionável, principalmente considerando a relutância do governo em apurar as denúncias feitas posteriormente:

A única edificação em condições era uma escola primária de uma favela perto da obra. O governo da província não teve dúvida: há três anos a

escola abriga o alojamento dos trabalhadores. As crianças foram transferidas para salas de aula provisórias, em contêineres de alumínio sem ventilação ou janelas. [...] A contragosto, o governo formou uma comissão de inquérito para apurar as denúncias. Uma semana antes de ser convocado a prestar depoimento, o porta-voz de uma comunidade pobre da região, Jimmy Mohala, foi assassinado em frente à sua casa por homens encapuzados. (*Ibidem*).

A autora explora ainda mais o enfoque, constituindo uma análise sobre os impactos após a Copa do Mundo. Evidentemente, construir a reportagem exigiu uma pesquisa intensa, pois há dados de eventos esportivos anteriores e a comparação dos efeitos causados por cada um.

Durante cinco anos, baseado nas experiências de países que sediaram campeonatos esportivos internacionais, um grupo de pesquisadores estudou os possíveis impactos da Copa na economia, na sociedade e na configuração urbana da África do Sul. O resultado da pesquisa está no livro *Desenvolvimento e Sonhos: o Legado Urbano da Copa do Mundo de 2010*, publicado no ano passado. A conclusão geral é que os benefícios materiais da Copa são decepcionantes. [...] Para o economista Stefan Szymanski e o jornalista Simon Kuper, autores de *Soccernomics*, escrito depois da Copa da Alemanha, a resposta é sim. Eles defendem que, mesmo que haja um adicional econômico ao Produto Interno Bruto, ele não é comparável ao gasto com as obras de infraestrutura. Ou seja: sai mais barato construir as obras de que o país precisa do que gastar bilhões em um evento cujo objetivo é beneficiar patrocinadores e organizadores. (*Ibidem*, p. 45).

Toda narrativa constitui, assim, um novelo de revelações, sobre diversos aspectos da organização e das partes envolvidas, sempre destacando o papel da população, ou seja, a parte mais frágil.

O propósito da narrativa parece ser o de assumir um papel de mudança. Na venda de ingressos, por exemplo, a repórter relatou o que aconteceu, fazendo reflexões e inclusive experimentando a realidade.

Segundo ela, a Fifa anunciou a venda via cartão de crédito, pela internet ou por meio de “um complicado procedimento bancário”. Para a autora, isso evidenciou o objetivo de deixar de fora grande parte da torcida local, fato confirmado por ela, quando tentou comprar um ingresso:

Em Joanesburgo, tentei comprar um ingresso para assistir a um jogo do mundial. Fui informada que só haveria lugares disponíveis para partidas entre times de pouca expressão, como Paraguai e Eslováquia. Para a semifinal e a final, disseram-me, era impossível. Um mês depois, em março, a Fifa anunciou que ainda havia perto 1 milhão de entradas disponíveis. Os preços foram reduzidos em até 40%, o que fez com que os torcedores que já haviam garantido seus lugares se sentissem ludibriados. Em seguida, o Comitê Organizador lançou mais uma campanha de promoção do mundial para venda de ingressos. (*Ibidem*, p. 46).

Com a narrativa encaminhando-se para o fim, ela volta a relacionar futebol e televisão, o motivo do enfoque principal. As impressões pessoais são justificadas através de dados e depoimentos:

A televisão mudou o futebol. Com o desenvolvimento tecnológico, o aumento dos investimentos nas transmissões esportivas e a generalização dos jogos ao vivo, o futebol virou um espetáculo global. A própria bola sofreu alterações, com os gomos pretos, para aparecer melhor na tela. [...] Para Alvíto, a Copa do Mundo funciona como se fosse um superfilme que reunisse os mais bem pagos atores de Hollywood. [...] Quando a Fifa alardeia que os estádios devem estar lotados, portanto, é mais uma questão de estética de show do que financeira. (*Ibidem*, p. 47).

Nessa perspectiva, a repórter ainda equaciona que esporte e televisão viraram uma coisa só, com a emissora marcando os horários de audiência e até mesmo criando competições: “*Campeonatos são inventados para fechar a grade das emissoras, como é o caso da Copa Libertadores da América*” (*Ibidem*).

Esse mesmo tom de denúncia, revelando metanarrativas, tema do próximo capítulo, também ocorre na edição 50, de novembro de 2010. A reportagem de Luiz Maklouf Carvalho foi lançada enquanto o Brasil ainda comemorava que seria pioneiro na exploração do chamado pré-sal e a imprensa noticiava o quanto o país ganharia com a descoberta. Neste enquadramento, porém, o título é um alerta: “*Multiplicação do perigo*”, e o subtítulo serve de base: “*Com o registro de três vazamentos no mar todos os meses, o Brasil se prepara para explorar o pré-sal*”.

Essa abordagem vai na contramão do otimismo do governo, da sociedade e da imprensa e enrijece a ideia de outra reportagem já feita pela revista, na edição 28, de janeiro de 2009. Esta, escrita por Consuelo Dieguez, refaz a trajetória da Petrobras até anunciar a possibilidade de explorar a camada do pré-sal. O enfoque principal é o investimento e o risco, exposto pela construção do título: “*Petróleo encalacrado no pré-sal*” e do subtítulo: “*Achar petróleo a 5 mil metros de profundidade exigiu centenas de milhões de dólares e uma operação de guerra. Será preciso muito mais para tirá-lo de lá*”.

No texto, encontramos dados e análises, com comparações em relação a outros investimentos no setor. Também há palavras como “absurdo” e “exagero”:

Em meados de 2005, os parceiros no projeto - a Petrobras, a Chevron e a British Gas - haviam desembolsado mais de 100 milhões de dólares. E estavam longe de alcançar o pré-sal. Era um gasto inédito, quase absurdo. O poço mais caro do mundo tinha sido furado pela Pemex e custara 100 milhões de dólares, o que já havia sido considerado um exagero. (PIAUI, JANEIRO DE 2009, ARQUIVO ELETRÔNICO)²⁸.

Posteriormente, ela comenta que o esforço foi para tornar o projeto economicamente viável e finaliza a reportagem com um depoimento otimista, mas com ressalvas:

O governo terá que dar respostas rápidas a todas essas questões. As descobertas no pré-sal, ainda que espetaculares, podem ter acontecido no que talvez seja o último sopro da civilização do petróleo. É provável que, já no próximo meio

28 Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-28/questoes-energeticas/petroleo-encalacrado-no-pre-sal>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

século, novas fontes de energia estejam a ponto de substituí-lo. “Daqui a 50 anos, o petróleo ficará cada vez menos importante, como ocorreu com o carvão no final do século XIX”, disse Adilson Oliveira. “O pré-sal é uma grande janela de oportunidade para o Brasil dar um salto tecnológico. Temos 20, 30 anos para isso. É uma oportunidade fantástica, mas não virá naturalmente.” (*Ibidem*).

Já a reportagem de Maklouf Carvalho, escrita quase dois anos depois, tem o mesmo tom de alerta, mas aborda outro aspecto: os riscos ambientais. Segundo a narrativa, para fazer funcionar uma plataforma de retirada de petróleo no mar, a Petrobras é obrigada por lei a obter uma licença de operação concedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama. Porém, a licença só seria outorgada se um documento técnico fosse apresentado, descrevendo as ações em caso de vazamento de óleo no mar. Isto diante dos riscos:

Na indústria do petróleo, que lida diariamente com quantidades enormes de uma matéria-prima suja, os vazamentos são frequentes no mundo inteiro. Na maioria dos casos, são pequenos e médios – o que não quer dizer que não sejam graves – e, de vez em quando, ocorrem catástrofes. A mais recente foi o acidente na plataforma de perfuração Deepwater Horizon, operada pela British Petroleum, a BP, no Golfo do México, no sul dos Estados Unidos. Em 20 de abril, uma explosão matou onze pessoas e provocou, por 87 dias contínuos, o derramamento de 800 milhões de litros de óleo no mar, formando uma mancha de 2 500 quilômetros quadrados que atingiu o litoral de quatro estados. (PIAÚ, NOVEMBRO DE 2010, p. 21).

Pela construção da narrativa é possível perceber uma simpatia à necessidade da licença, pois os números do prejuízo de tais vazamentos são ressaltados: só a limpeza, além de se estender durante anos, pode custar oito bilhões de dólares, mais indenizações.

O autor da narrativa ouviu os envolvidos com a liberação, trazendo informações sobre o Conselho Nacional do Meio Ambiente, o

Conama, responsável pelo Plano de Emergência Individual (PEI), necessário à licença.

De acordo com os dados, há hoje no Brasil 140 plataformas marítimas de produção em atividade nas bacias de Campos, Santos e Espírito Santo, sendo a maioria da Petrobras. Além disso, desde 2004 os Planos são fiscalizados. A narrativa, embora séria, inclui brincadeiras, relatadas com a inclusão do repórter na cena:

“Vocês estão com toda essa moral em cima da Petrobras, que tem fama de mandar e desmandar?”, perguntei. “É a lei”, respondeu o geólogo do Ibama. “E eu digo, com muito orgulho, que nós temos sido independentes da Petrobras, o que é bom também para ela.” (PIAÚÍ, NOVENBRO DE 2010, p. 23).

Adiante, a narrativa inclui um miniperfil de Maturana, o engenheiro responsável pela fiscalização, e uma declaração orgulhosa do personagem, que funciona como uma forma de confiarmos ainda mais no seu trabalho e na sua equipe:

“Nunca tive um caso de corrupção aqui”, afirmou, olhando com gravidade pelos óculos que não lhe saíram do nariz afilado. Magro, mal chegando a 1,60 metro de altura, tem cabelo rente, e barba e bigode bem desenhados. Ri pouco, sempre presta atenção no que está dizendo e costuma enveredar pelo palavreado técnico. Sua diversão, com a mulher e os dois filhos, é uma casa no interior de Minas. Sua chateaçãozinha é ter como homônimo um ex-prefeito, Edmilson Maturana, acusadíssimo de corrupção. “Ainda bem que eu tenho o Comparini no meio”, disse, bem-humorado. (PIAÚÍ, NOVENBRO DE 2010, p. 23).

Por outro lado, a narrativa revela que Maturana não autorizou analistas de sua equipe a darem entrevistas. Não questiona o porquê, mas pesquisou um *blog* no qual o analista Cristiano Vilar do expôs sua opinião:

Ele se pergunta o que ocorreria se o acidente do Golfo do México tivesse sido no Brasil. E responde: “A situação seria de fato preocupante.

Os Estados Unidos têm mais recursos físicos, tecnológicos, humanos e financeiros para o combate a derramamentos. E lá as agências reguladoras são muito mais estruturadas, experientes e coordenadas – até em função de acidentes anteriores. E nós por aqui ainda estamos patinando para aprovar um Plano Nacional de Contingência.” (*Ibidem*, p. 24).

Além das fontes já citadas, Maklouf Carvalho conversou também com a então ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira. O autor faz uma construção subjetiva, afirmando: “*Estava encantada com a tecnologia norueguesa que permite a monitoração por satélite, em tempo real, de vazamentos de óleo em plataformas e navios*” (*Ibidem*). Por isso, desejava trazê-la para o Brasil. É uma escolha otimista para introduzir dados não tão animadores, sobre o registro de incidentes ambientais. O autor também relatou o silêncio da ministra diante de uma pergunta a qual foi dada uma atenção importante:

Houve uma pergunta à qual a ministra não respondeu – e nem autorizou o Ibama a responder: Quantas multas por vazamentos e outros danos ambientais a Petrobras sofreu nos últimos três anos, qual o seu valor, quanto foi pago e quanto está sub judice? “No momento, o Ibama não se manifestará em relação a multas, pois há processos na Justiça ou em fase de julgamento pela Administração”, foi a resposta oficial. Pela legislação, as multas podem ir de 7 mil a 50 milhões de reais. (*Ibidem*, p. 25).

O silêncio também é utilizado para engajar o aspecto político da questão. Após este depoimento, há outro, no qual o personagem aponta alguns problemas:

Isso significa, na opinião dele, que “aumentar a receita está ficando incompatível com investir em segurança e manutenção. A Petrobras está abrindo mão desses investimentos e está jogando dado. Vai ter uma hora em que o dado vai dar seis e seis, como deu lá no Golfo do México”. Para Pires, o problema tem origem política: “A Petrobras fiscaliza a si própria. A Agência

Nacional de Petróleo, que deveria fazê-lo, está inteiramente capturada pela Petrobras. O governo a entregou para um deputado do PCdoB, Haroldo Lima. A ANP hoje é um aparelhão do PCdoB e, em menor grau, do esquema do ex-ministro Edison Lobão, do PMDB do Maranhão.”A ANP não quis dar entrevista sobre o assunto. (*Ibidem*).

O final é mais otimista, com a notícia de que a Petrobras terá uma “nova chance”. Porém, soa mais como um aviso:

“Estamos fazendo a nossa parte, e acredito que a Petrobras e as outras empresas também estão se esforçando para melhorar”, disse Maturana. A Petrobras terá uma nova chance agora no começo de dezembro. Será organizado, nas águas do Amazonas, um evento internacional em resposta a vazamentos de óleos e derivados. É a Mobex, sigla para International Mobilization, Preparedness & Response Exercise. Entre as atividades, está previsto um exercício simulado de grandes proporções, o primeiro do gênero na América do Sul. Técnicos da Petrobras estarão lá. Analistas da equipe de Maturana, também. (*Ibidem*, p. 26).

Para Olinto (2008), no jornalismo há situações em que um acontecimento, uma pessoa, uma circunstância exigem combate ou defesa, pois a vida diária está cheia de necessidades: ruas mal calçadas, corrupções, subornos ou gestos de heroísmo, de desprendimento, de simplicidade. Na mesma direção vão muitas outras reportagens, cujo objetivo é dar um outro olhar, por vezes negligenciado pela imprensa diária.

Na edição 46, de julho de 2010, Dorrit Harazim escreveu a reportagem “*Profissão: ex-presidente*” e esse olhar diferenciado aparece em evidência. Partindo do singular, isto é, o fim do mandato de Lula, ela discute sobre a vida de outros ex-presidentes. O subtítulo introduz humor à narrativa: “*Aproxima-se a data em que o presidente Lula começará a medir a sua estatura fora do poder. Encontrará concorrência*”.

Mais uma vez, a revista utiliza a palavra “poder”, referindo-se aos cargos políticos, um enfoque que denota um ponto de vista. De certo modo, a repórter optou por personagens ainda em atividades ligadas ao

“poder”, embora alguns com mais sucesso. O primeiro exemplo é Jimmy Carter, eleito 39º presidente dos Estados Unidos em 1976. De acordo com a narrativa, ele assumiu a Casa Branca com 52 anos de idade e uma visão da história à frente de seu tempo. Essa construção subjetiva, sob a forma de análise, continua nos trechos seguintes:

Com tenacidade quase insana, transformou em profissão a condição de ex-presidente e conseguiu fazer, fora do poder, o que pretendeu realizar como chefe de Estado. Ao longo dessa reinvenção de si mesmo, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2002 e a admiração ilimitada da confraria mundial dos aposentados do poder. Só que o modelo Jimmy Carter de ser ex-presidente não é para qualquer um. Exige dedicação integral, modéstia, capacidade intelectual e persistência, infinita persistência. (PIAUÍ, JULHO DE 2010, p. 18).

Quando se refere a Bill Clinton, o 42º ocupante da Casa Branca, utiliza palavras com sentido figurado, além de uma análise pessoal:

Pôs lustre e purpurina na profissão de ex-presidente, consequência natural de seus atributos pessoais. Quem, senão ele, seria capaz de arrebatar 40 milhões de dólares em honorários de palestras, entre 2001 e 2007. No ano de 2006, por exemplo, foram 352 - quase uma palestra por dia. [...] Carisma pessoal à parte, sua estatura como estadista sem mandato não se sustentaria se ele não tivesse uma atuação global concreta como cidadão privado. Clinton seguiu a rota aberta por Jimmy Carter, e optou por fazer história como o ex-presidente que adaptou a filantropia para os tempos modernos. (*Ibidem*).

O resultado desse trabalho é a *Clinton Global Initiative* (CGI). Além disso, trata como “*quantia estratosférica*” os 57 bilhões de dólares em promessas de doação conseguidas pela CGI para os próximos dez anos, e afirma: “*Tudo, com Bill Clinton, parece assumir escala planetária*”.

Após fazer essa exposição, de dois exemplos de “sucesso”, a autora introduz os brasileiros à narrativa. O tom otimista vai se tornando mais pesaroso, com aspectos negativos e exemplos não tão felizes:

Passa a fazer parte de uma confraria à qual ninguém se junta por vontade própria: a dos ex-presidentes da República vivos. A recepção não promete grandes alegrias. “O único que não falou mal de seu antecessor foi Tomé de Souza e, mesmo assim, só por ter sido o primeiro”, brinca José Sarney, o decano do grupo - está há vinte anos fora do Planalto. Sentado em seu vasto gabinete de senador e percorrendo com os olhos a eclética coleção de fotos em que aparece ao lado de potentados do mundo, conclui com melancolia: “O terrível é que a gente nunca pode deixar de ser ex-presidente. Podemos renunciar a tudo, mas continuamos sendo ex-presidentes. A gente passa a ser um grande e profundo encalhe.” (*Ibidem*, p. 18, 19).

Esse trecho discorre sobre as 2 511 ocupações nominadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego e entre as quais “*o futuro cidadão privado Lula*” deverá se situar, pois, como cita, não há “ex-presidente”. Um texto bem diferente daquele feito ao ex-presidente Bill Clinton, por exemplo.

Ao mesmo tempo, registra que a legislação brasileira oferecia uma pensão às viúvas dos mandatários da República, mas “*virou bagunça*”. Depois, em 1969, um artigo garantia a quem tivesse exercido o cargo uma pensão vitalícia equivalente aos vencimentos de ministro do Supremo Tribunal Federal. Porém, com a mudança da Constituição em 1988, percebeu-se a necessidade de uma lei específica e, presidente após presidente, esta não foi criada. Ainda assim, algumas regalias foram estabelecidas:

[...] de acordo com o decreto presidencial 6.381 de dois anos atrás, que o presidente que tiver cumprido o mandato como titular do cargo tem direito aos serviços de quatro servidores para sua segurança e apoio pessoal; dois carros oficiais com motorista (um dos quais é de escolta); dois assessores, do quadro de funcionários comissionados. E, se for solicitado, a emissão de um passaporte diplomático. (*Ibidem*, p. 20).

A ideia de que no Brasil a situação não é tão favorável continua nos parágrafos seguintes. Enquanto os americanos comemoram o sucesso, para Sarney os anos como presidente foram um “pesadelo”:

Para o maranhense José Sarney, apegado à liturgia de um cargo que venera mas ao qual chegou por puro acidente em 1985 - sem faixa e sem voto, como figurante circunstancial de Tancredo Neves - os cinco anos no poder foram um pesadelo. Moratória, denúncias de corrupção, fracasso de dois Planos Cruzados, inflação que chegou a 2 751%. “Melhor do que ser é já ter sido”, constatou ao final. Passados vinte anos desde que entregou a faixa de seda verde e amarela a seu maior algoz, o jovem governador Fernando Collor, Sarney diz sentir saudade somente da coleção de passarinhos que criou no Palácio da Alvorada. (*Ibidem*).

Já quando se refere a Fernando Henrique Cardoso, a abordagem é amenizada. Ao invés da história dele, sua opinião se torna relevante:

[...] nisso reside, em parte, a dificuldade de todo presidente brasileiro em convocar um ou mais antecessores para desempenhar qualquer missão de caráter nacional. Nos Estados Unidos ninguém se choca ao ver Barack Obama ladeado pelo republicano George W. Bush e o democrata Bill Clinton, pouco antes de despachá-los para um Haiti destroçado, na qualidade de observadores do governo americano. “É que lá existe esse conceito de conselho-presidencial, o que é ótimo. Aqui, poucos assumem a função de ex-presidente e continuam militando em condições diferentes e de status inferior”, diz ele. (*Ibidem*, p. 21).

Outro aspecto abordado é a chegada ao poder de líderes cada vez mais jovens. Pela forma como foi construído, o trecho pode sugerir uma crítica à falta de experiência. Fernando Henrique Cardoso conta a história de um encontro entre Fernando Collor, já presidente eleito, mas ainda não empossado, e o ex-presidente Jânio Quadros. A autora reproduz então um diálogo, o qual possui características de humor:

- Presidente, o senhor tão moço para essa função... Collor não reage, o que leva Jânio a voltar com mais insistência à questão da mocidade de Collor. No terceiro ou quarto “o senhor tão moço...”, Collor responde:
- Desculpe, mas estou chegando à Presidência com a mesma idade que o senhor chegou. E Jânio, sempre certo:
- E deu no que deu! (*Ibidem*, p. 22).

Ambos foram eleitos com 40 anos e no diálogo Jânio Quadros referia-se a sua renúncia. Logo após essa informação, a autora traz o número exato de dias que Collor governou o país, antes do processo de *impeachment*: 932 dias.

Neste ponto ela agrega outro tema: para onde ir depois de transmitir o poder, para não correr o risco de ser vaiado – e mesmo ovacionado. Cita Getúlio Vargas, que se deslocava até sua estância em São Borja (RS), e José Sarney, que se refugiava na ilha de Curupu, perto de São Luís do Maranhão. Quando cita Fernando Collor, porém, o discurso muda. Não é a localização geográfica que se sobressai, mas outra, simbólica:

Coube a Fernando Collor, contudo, encontrar o refúgio mais impenetrável para purgar seus demônios interiores sem ter de sair do lugar: ele mesmo. (*Ibidem*, p. 23).

Ao registrar a primeira viagem de Fernando Henrique, após a posse de Lula, há o depoimento de um diplomata, sobre a reação diante da nova realidade. O que chama atenção é o diplomata ser tratado como “arguto”, com uma atenção considerável ao seu relato:

Foi na ocasião daquela primeira viagem do casal como cidadãos privados que o arguto diplomata diz ter feito uma descoberta: os dois não tinham dinheiro. E o alardeado pão-durismo de Fernando Henrique decorria muito mais da falta de dinheiro do que de avareza. “Ele terminou o mandato com zero de enriquecimento. E depois que ele começou a dar conferências e palestras, passou até a me convidar para jantar fora algumas vezes.” (*Ibidem*, p. 24).

A partir do depoimento, a autora utiliza ao menos três parágrafos que corroboram a declaração anterior. Segundo a narrativa, ao sair do cargo o ex-presidente tinha perto de 20 mil dólares nos Estados Unidos, mas fruto de conferências e atividades “anteriores ao poder”. Em nenhum momento é questionado o destino do salário recebido durante os anos como presidente, por exemplo.

Vendeu o apartamento antigo da rua Maranhão, em São Paulo, e outro em que guardava os livros, antes ocupado pela filha Luciana, para comprar o atual, de 400 metros quadrados. “Só que o produto da venda não dava. Ficou faltando. Foi então que fiz um contrato com a editora Record, que me adiantou perto de 150 mil reais para escrever um livro. Fiquei feliz da vida”, diz. (*Ibidem*).

Além disso, os aspectos positivos da personalidade de FHC continuam sendo registrados. Ao contrário do texto que sugere imaturidade, registrada no diálogo entre Collor e Jânio Quadros, Fernando Henrique Cardoso é considerado experiente:

Experiência é o que não lhe falta. Às vésperas da troca de governo em Santiago, foi dar uns conselhos ao colega. [...] O “professor” FHC também ensina que é preciso manter certo equilíbrio entre trabalho pelas causas gerais e trabalho remunerado. Membro de uma penca de conselhos consultivos - World Resources, Universidade Brown, Fundação Rockefeller, Instituto de Estudos Avançados de Princeton, alguns dos quais não pagam sequer a passagem - decidiu ter chegado a hora de diminuir sua presença nos conselhos. (*Ibidem*, p. 25).

Quando se refere a Lula, a relevância é na visibilidade internacional conquistada. A repórter utiliza expressões como “ironicamente” e escolhe um depoimento em que o coloca entre as três personalidades brasileiras mais reconhecidas no exterior:

Ironicamente, é no embate em estatura internacional, calculada em termos de qualidade e utilidade pública do acervo presidencial, que

Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva se medirão de janeiro em diante. O embaixador Azambuja, sempre ele, arrisca uma previsão. “Tenho a impressão de que Fernando Henrique não imaginou que Lula fosse ter o sucesso internacional que está tendo”. [...] “Eu diria sem medo de errar que são apenas três as caras brasileiras iconograficamente reconhecidas, cada uma à sua época, é claro: Carmem Miranda, Pelé e Lula. Hoje, você não pode ter uma reunião internacional de mais de dez, doze líderes mundiais, sem a cara do Lula na primeira fila. Ele já faz parte do álbum de família. É um iluminado”. (*Ibidem*, p. 26).

Para finalizar a reportagem, há um depoimento que concorda com a declaração do personagem anterior:

Carvalho também acredita que Lula vai sentir muita falta de ser presidente. “Vendo a desenvoltura dele no cenário mundial, até parece que o cara nasceu para isso.” Só que agora chegou a hora de nascer de novo - como ex-presidente. (*Ibidem*).

O mesmo olhar diferenciado, somado ao enfoque em curiosidades, ocorre em “*Polícia, câmera, ação*”, da edição 47, de agosto de 2010. A reportagem disserta sobre as Unidades Pacificadoras do Rio – UPPs, mas sob o viés da visibilidade destas na mídia, sobretudo na televisão – a exemplo de “*A Copa do Cabo ao Rio*”. Cristina Tardáguila parte de um programa de *media training*, cujo objetivo é ensinar aos policiais como devem agir diante da imprensa.

De acordo com a própria narrativa, as UPPs conquistaram a simpatia da população e essa imagem positiva teria sido gerada pelo relacionamento com os meios de comunicação. Essa ideia é reforçada através de depoimentos:

“Façam o trabalho policial como ele tem que ser feito e fiquem atentos. A UPP é uma vitrine construída com dificuldade. Se chegamos até aqui, é porque cativamos o povo. E agora que as pessoas começaram a acreditar que é possível retomar o Rio, o cuidado tem que ser redobrado”,

ênfatiçou Viana. Para sublinhar a gravidade da lição, arregalou os olhos e engrossou a voz: “Não guardem panfletos nas viaturas, não xeroquem nada, não permitam que o logotipo do projeto apareça em nenhum cartaz, não emprestem o telefone da UPP...” Em resumo: “Usem luvas de pelica.” (*Ibidem*, p. 56).

Além disso, a definição de UPP dada pela repórter é amistosa:

Criadas em 2008, as Unidades de Polícia Pacificadora são a parte mais vistosa do modelo de segurança pública adotado no Rio. Elas substituíram a velha escola do confronto armado pela cartilha do policiamento comunitário, que dá mais resultados concretos com menos estragos explícitos. Inspiram-se nos preceitos da convivência pacífica e ordeira. Pretendem retomar o controle dos territórios dominados pelo tráfico ou pelas milícias, para permitir que neles voltem a funcionar os serviços públicos e a assistência social privada. [...] E, assim, com passos cautelosos, vêm derrubando de mês a mês os índices de violência no Rio de Janeiro. (*Ibidem*, p. 57).

Os números da aproximação entre as UPPs e a mídia são precisos. Dão conta que, a partir da estratégia, o secretário de Segurança José Mariano Beltrame teve 138 almoços com “formadores de opinião” e jornalistas, e 223 entrevistas, entre elas 39 para repórteres de órgãos internacionais como o jornal *The New York Times*, a revista *National Geographic* ou a rede de TV *Al Jazeera*. Além disso, os dados revelam o alcance da comunicação a outros meios, como a internet:

Viana é pós-graduado em marketing. Acha que o sucesso de qualquer projeto passa por um plano de comunicação robusto. Além das sessões de media training, criou um site sobre as UPPs em português e inglês, e abriu uma conta no Twitter para divulgar os êxitos do programa. Contratou uma publicitária especializada em mídias sociais para cuidar dessas páginas. E segue o noticiário com lupa. (*Ibidem*).

Com esse trecho, é possível perceber que só após discorrer sobre a relação entre a imprensa e as UPPs a narrativa recompõe a história e dá mais informações, inclusive com uma análise, ao se referir a um dos políticos formuladores da ideia:

Em 2007, o governador Sérgio Cabral aterrissou na Colômbia com os ex-governadores de Minas Gerais, Aécio Neves, e do Distrito Federal, José Roberto Arruda, preso em fevereiro por corrupção, prova eloquente de que não é só na favela que legalidade e ilegalidade se confundem. Os três foram ver de perto a receita de *mano dura* e obras públicas que reduziu a violência em Bogotá e Medellín. (*Ibidem*, p. 57, 58).

Nesse ponto da narrativa, a repórter também faz uma relação com a Copa do Mundo. Para ela, os critérios de escolha dos locais a serem instaladas UPPs são confidenciais, mas todos estão na rota da Copa do Mundo de 2014, dos Jogos Olímpicos de 2016 e dos maiores investimentos programados para os próximos anos na cidade. A constatação vem da observação:

Não há, por enquanto, UPP fora da capital. A Zona Sul, onde fica a maior parte dos hotéis e dos turistas, tem quatro unidades. O entorno do estádio do Maracanã, três prontas e uma em processo de instalação. Os estádios de competição da Barra da Tijuca ficam próximos à UPP da Cidade de Deus. E a zona portuária, objeto de uma revitalização que inclui o Museu do Amanhã, o Aquário Municipal e a Pinacoteca do Rio, está sob o guarda-chuva da UPP da favela da Providência. A unidade do Jardim Batam, em Realengo, é a exceção – a única em território dominado por milícias. (*Ibidem*, p. 58).

O impacto positivo só é questionado através dos depoimentos da população. “*Nas favelas que têm UPPs, ouvem-se elogios às unidades – mesmo na Cidade de Deus, onde a opinião dos moradores ainda se divide entre o apoio à novidade e a dúvida sobre o que restará dela passado o ano eleitoral*”. (*Ibidem*). Por outro lado, em geral a abordagem traz dados enaltecendo a iniciativa, como da diminuição da violência e o aumento do valor nos imóveis na região.

Um apartamento de dois quartos em Botafogo, aos pés do Santa Marta, saltou de 380 mil reais em outubro para 620 mil no mês passado. [...] Vinte e dois índices de criminalidade despencaram frente ao mesmo mês do ano anterior. Entre eles, o de homicídios dolosos (-30,5%), latrocínios (-28,6%), roubos de veículo (-29,3%) e roubos de rua, que engloba ataques a transeuntes, celulares e ônibus (-12,2%). O que separa essas duas realidades? Até onde a vista alcança, sete UPPs. As outras não entram na conta porque só chegaram depois de maio. (*Ibidem*).

Só então, a autora retorna ao enfoque na imprensa e na imagem diante da população. Além disso, introduz um personagem chamado Glauco Schorcht, capitão aos 34 anos, cuja pouca idade e a beleza são ressaltadas. O exemplo dele finaliza a reportagem e ilustra o papel e a imagem das UPPs:

Em 14 de agosto, Glauco será príncipe num baile de debutantes do morro da Providência. Na noite do evento, usará farda de gala e dançará com uma das quinze aniversariantes diante de aproximadamente 200 convidados. Não tem a menor dúvida de que a imprensa estará presente. Dirceu Viana não deixaria passar em branco a oportunidade de “mostrar que os pms tomaram até o lugar que os traficantes ocupavam no coração das meninas”. (PIAUI, AGOSTO DE 2010, p. 60).

Muitas outras abordagens poderiam ser analisadas, algumas já apresentadas em outros movimentos. Como é perceptível, seja sobre Edna, uma moradora simples do Piauí, ou sobre Fernando Henrique Cardoso, um conhecido ex-presidente e sociólogo, o enfoque é nas revelações. As associações entre o conhecido e o desconhecido estão constantemente presentes. Edna foi escolhida através da carta enviada ao presidente da República e desencadeou uma série de ações conhecidas na mídia e outras só manifestadas através da reportagem. Já Fernando Henrique Cardoso, mesmo conhecido, apareceu entre

informações simples – desconhecidas da maioria – dos fatos posteriores a sua saída do cargo de presidente.

Assim, percebemos uma nítida preocupação com um olhar diferenciado, mesmo sobre temas já tratados por outros veículos de comunicação. Este olhar ajuda a sistematizar o último movimento proposto por Motta na Narratologia. Este investiga as metanarrativas, ou seja, o propósito moral de cada construção. Como é perceptível neste capítulo, sobretudo em “*A Copa do Cabo ao Rio*”, há críticas sociais, propósitos claros de alertar para determinadas situações. Neste e em diversos exemplos percebemos um posicionamento, algumas impressões pessoais, outras tradução de anseios coletivos.

Neste sentido, os olhares diferenciados estão presentes: o alerta para os riscos, não somente as maravilhas, da exploração do pré-sal; os interesses omissos na Copa do Mundo, na implantação das Unidades Pacificadoras; as sutilezas no direcionamento em “*Profissão ex-presidente*”, entre outros. Em alguns casos, as metanarrativas são necessárias e partem da responsabilidade do jornalista, em outros nitidamente um artifício de um determinado ponto de vista. A esta análise, mais um passo para a compreensão da revista e do jornalismo de modo geral. Sendo assim, crítica social ou ponto de vista, qual é o propósito de cada narrativa?

7 O PROPÓSITO

7.1 METANARRATIVAS

Alexandre Louzeiro Ribeiro é mecânico. Não é uma profissão inusitada, aspecto identificado como serialidade temática no primeiro movimento, tampouco um nome conhecido. Então, o que explica seu protagonismo em uma reportagem da *piauí*? A principal justificativa está na ocupação secundária do personagem de “*Consertos e concertos*”, da edição 10, de julho de 2007: ele toca violino na Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro. O interessante na escolha dessa pauta é que a imagem estereotipada de um mecânico, sujo, rude e cuja oficina é ladeada por calendários de belas mulheres é desconstruída através da história de um profissional delicado, inteligente e apreciador de música clássica.

Nessa desconstrução e em diversos exemplos citados é possível perceber metanarrativas culturais, objetivo deste movimento. Basicamente, a orientação no corrente capítulo é o questionamento de Hayden White (1981 apud Motta²⁹): que tipo de mistério está envolvido no desejo de transformar eventos reais em estórias? A resposta redimensiona categorias mitológicas como desejos, esperanças e negatividades.

Na reportagem de Silvia Pilz, sobre o mecânico e violinista, a construção do personagem é feita através da relação entre as duas ocupações. São expostas as diferenças e as interseções:

As duas vidas de Alexandre Ribeiro raramente se cruzam. Mas como a Rio R134 oferece o serviço de retirada e devolução dos carros que conserta, houve há pouco um desses cruzamentos. Numa tarde, ao fazer a entrega de um automóvel, ele foi paramentado para seguir direto a um palco de concerto. O cliente, ao ver o dono da oficina de smoking, quis saber se ele ia a uma festa a fantasia. Nessas ocasiões, a resposta de Ribeiro pode mudar os hábitos de quem faz a pergunta. Foi o que aconteceu com o empresário José

²⁹ Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16836/1/R2419-1.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2010.

Roberto de Souza Santos, que é colecionador de carros antigos e costuma deixar nas mãos do músico tanto sua frota de transportes como suas relíquias automobilísticas. Ele achou que era brincadeira, quando soube que o mecânico era violinista da Filarmônica. “Só acreditei quando fui ver o Alexandre tocar num concerto. Aliás, foi através dele que descobri a música clássica. Hoje, fico muito satisfeito quando penso que, graças a ele, levei meu filho, Thiago, de 5 anos, para assistir pela primeira vez à apresentação de uma orquestra.” (PIAUI, JULHO DE 2007, p. 56).

Essa simbiose se manifesta no texto escrito e também na imagem escolhida para ilustrar: texto e imagem, assim, se complementam.



Figura 11 - Consertos e concertos

A relação continua na frase: “*Ribeiro, que nasceu em casa de músico, diz que foi ‘vidrado’ em carros desde pequeno*” (Ibidem). Além disso, o texto denota uma preocupação social, além do lado profissional e musical, embora tudo esteja relacionado:

Profissionalizou-se aos 18 anos, quando o pai de um amigo ofereceu-lhe “a oportunidade de trabalhar num ferro-velho”. Daí para a frente, passou por várias oficinas. Em todas elas, fazia o mesmo acordo: sair mais cedo nos dias de ensaio.

O pacto sempre foi respeitado pelo patronato. Quando ele próprio se tornou patrão, o pacto se inverteu. Seus empregados viraram claque do violinista. Nem sempre devido à música. Moisés da Silva Lima, mecânico de refrigeração, que está na Rio R134 há um ano, diz que Ribeiro, além de contratá-lo, acolheu na oficina seu irmão, de 32 anos, que morava nas ruas. “Meu irmão sofre de alcoolismo”, diz Silva Lima, “e o Alexandre trouxe ele aqui para dentro e saiu em busca de uma clínica especializada, que pudesse ajudá-lo a recomeçar a vida.” (*Ibidem*).

Interessante perceber a existência de outra metanarrativa: a necessidade de encarar a música apenas como ocupação secundária, não obstante o talento, por falta de investimentos na área. Isso fica evidente quando Ribeiro revela que, embora trabalhe com automóveis de segunda a sábado, se considera, “no fundo”, violinista, e se uma oportunidade surgisse largaria tudo e viveria para a música:

A Filarmônica, fundada em 1978 pelo maestro Florentino Dias, que até hoje rege a orquestra, tem setenta músicos e o diploma de utilidade pública, como entidade sem fins lucrativos. Como não tem vínculos com o Governo, depende de patrocínio privado. O maestro sabe que a maioria de seus músicos tem outros empregos. “Meu sonho é poder pagar aos músicos um salário justo, para que eles possam se dedicar exclusivamente à música”, diz. “Alexandre é um excelente músico. Seria um sonho vê-lo com as mãos longe da graxa.” (*Ibidem*, p. 57).

A narrativa traz outros personagens, mas para reforçar as ideias já construídas, como a necessidade de valorização e a apreciação da música não somente por classes altas, mas por toda a população. Esta é outra metanarrativa, conforme desloca a imagem da música clássica como sinônimo de alta cultura e riqueza para uma dimensão popular. Há até mesmo o relato da apresentação em favelas e a recepção do público:

Marcante mesmo foi olhar para o alto e avistar um rapaz, sentado numa laje, de fuzil em punho, ouvindo a “Valsa das Flores”, de Strauss. No final

do espetáculo, a caminho do ônibus, crianças começaram a abordá-lo. Queriam ver o instrumento, tocá-lo. “Não pude deixar a oportunidade escapar”, lembra Ribeiro. “Me ajoelhei, ensinei como é que se posicionava o instrumento e deixei que eles sentissem o som do arco tocando as cordas.” (*Ibidem*).

Assim, as metanarrativas, possíveis através da relação entre a profissão de mecânico e a música, aparentemente improvável, aparecem do começo ao fim do texto:

Como Ribeiro, Astrogildo de Almeida Reis Filho é violinista. Ele tem 69 anos, e vinte de Filarmônica. Sempre incentivou o colega a participar de concursos para orquestras mais prestigiosas, como a Sinfônica Brasileira ou a do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Mas reconhece que o número de músicos clássicos disponíveis é maior que o de vagas para tocar profissionalmente. Para seus ouvidos, Alexandre Ribeiro é um músico talentoso, que não teve maiores chances por causa do tempo que dá à oficina. E aproveita para elogiar-lo como mecânico. Revela que, na Rio R134, resolveu um problema que o perseguia há tempos, “um barulho chatinho que nenhuma autorizada conseguia descobrir de onde vinha”. Não é para menos. Como diz Astrogildo, “mecânico com ouvido de músico não se encontra em qualquer canto”. (*Ibidem*).

Como em “*Consertos e concertos*” nota-se uma intenção clara, na reportagem “*Todos contra Daniel Dantas*”, da edição 9, de junho de 2007, também surgem algumas evidências. Após percorrer toda a história do personagem, as conquistas possíveis graças à inteligência e ao trabalho, Consuelo Dieguez relata outra face da personalidade:

Tem poucos amigos. É solitário. Jamais vai à praia. Limita os exercícios à esteira de casa. Não lembra a última vez que foi ao cinema, e muito menos o nome do filme. A última obra de ficção que leu foi o romance *Ensaio sobre a cegueira*, do

português José Saramago. (PIAÚÍ, JUNHO DE 2007, p. 27).

No trecho seguinte, a autora chega a utilizar a conjunção adversativa “no entanto”, assumindo um tom negativo, ao se referir ao patrimônio do personagem e ao que de fato possui:

Ele tem um patrimônio estimado em cerca de 1 bilhão de dólares. No entanto, não tem casa de campo ou de praia, apartamento no exterior, helicóptero, iate e outros bens comuns a bilionários. Um de seus lemas é o seguinte: “Quando leio que um empresário comprou um iate, desconfio que a empresa dele vai quebrar”. As paredes da cobertura onde mora - comprada num leilão judicial - são decoradas com pôsteres do Museu de Arte Moderna de Nova York. Embora tenha quadros de pintores brasileiros, como Di Cavalcanti e Portinari, eles foram comprados a título de investimento. Por que tanto ímpeto em ganhar dinheiro, se tem tão pouco gosto em gastá-lo? “O que me dá satisfação não é o dinheiro em si”, responde. “É o negócio.” (*Ibidem*).

Ao utilizar a conjunção, é como se questionasse o porquê de Dantas possuir um patrimônio tão alto e não usufruí-lo. Além disso, esse questionamento é reforçado por outros episódios, demonstrando quase obsessão pelo trabalho:

Uma vez, enquanto se ocupavam com ativos e passivos alheios, perceberam que o movimento no centro da cidade era anormal para o horário, cinco da tarde. “Estava tudo calmo, não havia trânsito. Ficamos preocupados. Achamos que podia ter acontecido alguma coisa enquanto estávamos ali, entretidos nos números”, lembra Ferman. Foi quando se deram conta de que era 31 de dezembro. Indagado se, quando jovens, afora ler balanço, saíam para se divertir, Ferman solta uma risada: “E tem coisa mais divertida do que ler balanço?”. (*Ibidem*).

A metanarrativa, nesse caso, poderia ser “a ganância não compensa” e tudo isso traz um questionamento ao leitor: riqueza vale a pena se não é para aproveitar a vida? É a coisa mais importante? Essa mesma crítica aos exageros, ao poder e ao dinheiro em excesso está presente, entre outras, na reportagem já analisada “*A Diferenciada*” e em “*O setembro negro da Sadia*”, da edição 38, de novembro de 2009, sobre a crise daquela que passou de maior indústria do setor à parte de outra empresa. Na condução da narrativa, percebemos a irresponsabilidade nas aplicações financeiras de natureza distintas, como ações, desnecessárias perto do capital já adquirido somente em investimentos no setor.

De certa forma, considerando o jornalismo como mediação social, essa é uma crítica a uma dada realidade. Diante disso, a utilização de palavras adequadas, ultrapassando um significado encerrado no texto, torna-se importante, atitude elogiada por Dines (1986):

Apesar do empobrecimento geral da linguagem, alguns jornalistas jogam-se com extrema devoção à luta pela revalorização da palavra. É uma das formas que linguistas, poetas e jornalistas adotam para entender e revitalizar o vocabulário é o processo analítico da semântica, manuseio criador das palavras e significados. (DINES, 1986, p. 60).

Conforme a proposta de Culler (1999), nos tornamos quem somos através de uma série de identificações e os romances são um mecanismo poderoso de internalização das normas sociais, bem como as narrativas fornecem uma realidade de crítica social, pois:

Expõem a vacuidade do sucesso mundano, a corrupção do mundo, sem fracasso em satisfazer nossas mais nobres aspirações. Expõem a difícil situação dos oprimidos, em histórias que convidam os leitores, através da identificação, a ver certas situações como intoleráveis. (CULLER, 1999, p. 93, 94).

Culler se refere essencialmente à literatura, mas conforme a proposta de Olinto (2008), o jornalismo tem possibilidades análogas:

O jornalismo já foi chamado de ‘literatura sob pressão’. Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajuntam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo, por maior que seja essa pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte. (OLINTO, 2008, p. 13).

Medina também traz observações férteis para refletir sobre a osmose entre jornalismo e literatura. Como afirma: “[...] cultivo e proponho aos mediadores sociais a exposição permanente à arte”. (1996, p. 211). Em diversos trechos analisados, percebemos a importância da precisão nas reportagens da *piauí*. Para a autora, é justamente este aspecto uma das diferenças mais importantes entre as duas áreas: “Um jornalista tem sempre presente uma preocupação – ser preciso. Disso decorre, em grande parte, a credibilidade da notícia. A indefinição poderá ser a grande virtude de um texto literário”. (*Ibidem*, p. 213).

Ambos os autores dialogam quando expõem os riscos, mas motivam o esforço para tornar o jornalismo uma arte e, assim, aproximá-lo da literatura. Para Medina, a palavra jornalística é, em geral, empobrecedora perante o real imediato. Já a palavra literária é, nas obras logradas, reveladora de vivências profundas.

Pode o jornalista perseguir pelo menos o mínimo de carga poética no trato com os acontecimentos presentificados e socialmente significativos? Eticamente a resposta é clara: se os acontecimentos pautados nascem de um critério social, cujo significado se torna inquestionável, como não procurar a palavra mais próxima possível da essencialidade do acontecimento? Impõe-se então um projeto de pesquisa, de aperfeiçoamento permanente, acompanhado da insatisfação do processo criativo. (MEDINA, 1996, p. 214).

Para Olinto, tanto o jornalismo quanto a literatura estão sujeitos à pressão do tempo e do espaço, embora isso seja muito mais forte no

trabalho do jornalismo. Então, como poderá ele realizar uma obra de arte, cerceado por duas forças muitas vezes incontroláveis?

Falo da possibilidade da literatura no jornal como tal, na informação, na reportagem, na entrevista. Falo da possibilidade, que o gênero jornalístico tem, de ser literatura. O importante, de início, é a linguagem. Uma vez dominada esta, pode o jornalista criar, dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ser-consciente e ser-reponsável. (OLINTO, 2008, p. 15).

Despertar a consciência através de pontos de vista intrigantes parece ser um dos objetivos da *piauí*, expressos através das metanarrativas. Na edição 8, de maio de 2007, isso é verificável. Como é nomeado pela própria revista, trata-se de um dossiê sobre a tortura, já referenciado em outro movimento.

Em “*A peste*” há uma retrospectiva histórica de um experimento científico de tortura, utilizado três décadas antes da reportagem. Nesta narrativa, Dorrit Harazim mostra, através de relatos, o experimento que consiste em colocar sacos nas cabeças de prisioneiros, submetê-los a humilhações sexuais, acorrentá-los e lançá-los num abismo emocional. O depoimento de um professor participante do experimento abre a metanarrativa:

Em poucos dias, a curiosidade científica de Zimbardo se transformou em espanto. Depois em alarme. Por fim, em horror. O que fora minuciosamente concebido como uma experiência para aprofundar o conhecimento da dinâmica que rege a psicologia prisional teve de ser abortado às pressas. O experimento construído para durar duas semanas não pôde prosseguir além do sexto dia - as cobaias humanas tinham atropelado a teoria e instituído o reino do terror, do medo, da tortura real. (PIAUI, MAIO DE 2007, p. 20).

A autora cita um estudo chamado “*The Lucifer effect – Understanding how good people turn evil*”, traduzido literalmente: “O efeito Lúcifer – Compreendendo como pessoas boas se tornam más”.

Além disso, traz uma citação do presidente após o ataque às Torres Gêmeas, em 2001:

Quero que fique claro que estamos em guerra. Vocês podem derrubar qualquer obstáculo que encontrarem pela frente. Não me importo com o que os advogados internacionais venham a dizer, nós vamos acabar com esses caras. (*Ibidem*).

A imagem que ilustra a reportagem traz um homem pendurado, seminu. A composição remete à humilhação registrada no texto e também pode ser relacionada à figura de Jesus crucificado, sobretudo pelos braços abertos.



Figura 12 - A peste

A segunda reportagem é “*Encontro na masmorra*”. No texto, Marian Blasberg e Anita Blasberg trazem as vidas paralelas de um torturador americano e um torturado iraquiano em Abu Ghraib. Percebemos que a tortura é, em todos os momentos, tratada como exagero, com mais consequências negativas do que justificativas para ser praticada. Isto se verifica em expressões como “*Quando perdeu a inocência aos olhos do mundo*” e “*qualificando os sete militares citados no noticiário de degenerados que cobriam os Estados Unidos de vergonha*” (*Ibidem*, p. 23).

Apesar disso, a reportagem denota uma posição contrária à tortura, não contra os torturadores. É como se todos fossem vítimas de um sistema que confere valores culturais, principalmente diante de uma guerra. Este ponto de vista fica explícito em alguns trechos:

O sargento sustenta que o seu país o condenou por crimes sobre os quais ele não tinha controle. Na verdade, diz ele, quem deveria comparecer perante a Justiça são os responsáveis pela criação do sistema de tortura e maus-tratos em Abu Ghraib. (*Ibidem*).

Essa ideia se manifesta em outros trechos até irônicos, como este, em que o acusado chega a afirmar que os Estados Unidos são os “paladinos mundiais do Bem”:

O sargento Davis gostava de trabalhar no exército americano. Fez parte das forças de paz das Nações Unidas na Bósnia. Viu as sepulturas coletivas, as viúvas, os órfãos e os aleijados, e chegou à conclusão de que os Estados Unidos são os paladinos mundiais do Bem. (*Ibidem*).

Da mesma forma, apesar de preso, os relatos são de sofrimento ante as condições precárias e as humilhações a que eram submetidos:

Lembra do rapaz de pé no corredor em frente à sua cela, que implora aos guardas que o levem até o banheiro. Os guardas vendam os olhos do jovem, levam-no para andar em círculo e vão buscar seu pai. Obrigam o pai a se estender aos pés do filho e dizem ao rapaz: “Pronto, você está diante da privada”. (*Ibidem*, p. 26).

A narrativa continua afirmando que a cidade foi reduzida a ruínas, os americanos tomaram conta da administração, saqueadores pilharam as fábricas e, com medo de levar um tiro, ninguém se atrevia a caminhar pelas plantações. As contradições são escancaradas. A história do torturado se confunde com a do torturador. Guerra e paz, bem e mal se tornam relativos, dependendo de quem conta a história. Na prisão, as condições para o torturado são precárias, como relatado:

A ala de segurança máxima está superlotada. Mais e mais insurgentes são trazidos diariamente, e a maioria deles passa o tempo todo nus. “Prepare essa gente para o inferno na terra”, recomendam os homens da informação. “Eles não merecem coisa melhor.” Os agentes de

informação dão tapinhas nas costas do sargento Davis: “Bom trabalho, cara, você está salvando vidas. Assim eles quebram mais depressa”. (*Ibidem*, p. 26).

Por outro lado, as condições do “torturador” tampouco são felizes:

Os juízes condenaram Davis a seis meses de prisão, por agressão física, e o dispensaram do exército com desonra - uma sentença branda. [...] Javal Davis mudou-se de volta para Roselle, separou-se da mulher, tem dificuldades para dormir. Vive calado, perdido nas suas memórias. Um dia, diz, vai escrever sobre isso tudo. (*Ibidem*, p. 27).

A terceira reportagem da série, “*A América de Jack Bauer bate sem dó nem piedade*”, aborda o tema sob a perspectiva do seriado “24 Horas”. A ironia está presente na afirmação: “a tortura dá mais resultado do que no Iraque”, referindo-se ao seriado. Escrita por Jane Mayer, a narrativa discute o lado real da ficção: quem produz, com que objetivos, quem assiste e que resultados traz. A explicação sobre o programa revela uma intencionalidade:

Com uma eficácia implacável, os suspeitos são espancados, asfixiados, eletrocutados, drogados, esfaqueados ou submetidos a maus-tratos ainda mais exóticos. Quase sempre, acabam revelando segredos cruciais. O grande apelo do seriado está menos em sua violência do que em sua versão literal, e estonteante, de um clássico recurso narrativo dos filmes de suspense, conhecido como a “bomba-relógio ativada”. Cada episódio de uma hora de duração representa uma hora na vida dos personagens, e cada minuto que se passa na tela empurra os Estados Unidos um minuto mais para perto da destruição. (*Ibidem*, p. 28).

Esse ensejo é reforçado pelo objetivo do próprio programa, indiciando a metanarrativa presente no dossiê:

Ainda assim, é óbvio o quanto o seriado explora as ansiedades que assolam os Estados Unidos desde o 11 de setembro. Sua mensagem política é clara: “a América quer que a guerra contra o terror seja travada por Jack Bauer; ele é um patriota”. (*Ibidem*, p. 28).

Outro trecho se opõe à guerra através de uma crítica ficcional aos “heróicos agentes americanos”:

Geralmente, são os vilões que praticam as torturas mais sangrentas: suas vítimas são penduradas em ganchos de metal, como carcaças num açougue; apunhaladas com bisturis aquecidos a rubro; ou têm a pele esmerilhada por lixadeiras elétricas. Em vários episódios, porém, são heróicos agentes americanos que atuam como carrascos. (*Ibidem*, p. 29).

A guerra volta à pauta de *piauí* em novembro de 2009, edição 38, na reportagem “*A longa guerra de Stanley McChrystal*”, com o subtítulo: “Quem é e o que quer fazer o general que pediu a Obama mais 40 mil soldados para poder ganhar a guerra no Afeganistão”. O formato se assemelha a um ensaio, com juízos de valor e análises pessoais, mas baseadas em dados, depoimentos e na observação da realidade exposta. Escrito pelo jornalista americano do *The New York Times* Dexter Filkins³⁰, trata-se de um perfil sobre o general Stanley A. McChrystal.

Os trechos iniciais já conduzem a metanarrativa, através do paradigma contido no depoimento: “‘*Segurança*’, respondeu um homem. ‘*Precisamos de segurança. Primeiro a segurança, e depois pode vir o resto.*’” (PIAUI, NOVEMBRO DE 2009, p. 50). A escolha do trecho se revela irônica no transcorrer da narrativa. O personagem fala sobre segurança, mas a construção traz a guerra como um lugar de instabilidade. Ao mesmo tempo, confronta a justificativa de que segurança leva tempo, com informações e dados sobre o conflito:

As coisas levam tempo para dar certo, mas quanto tempo Stanley McChrystal tem? A guerra no Afeganistão já entrou em seu nono ano. O Talibã,

³⁰ A tradução do original foi feita por Sergio Flaksman.

a julgar pelo número dos seus ataques, recuperou boa parte da força perdida desde que os americanos derrubaram seu governo, no final de 2001. Soldados e fuzileiros navais morrem a um ritmo mais acelerado do que nunca. Nos Estados Unidos, a oposição à guerra não para de crescer. [...] Pior: mesmo depois de todo esse tempo no Afeganistão - depois de tanto dinheiro, de tanto sangue -, a falta de resultados salta aos olhos em todos os pontos do país. (*Ibidem*).

Em outros trechos, o autor vigora a ideia de que os esforços para promover a suposta paz são insuficientes e como a mentalidade de quem participa da guerra é avessa e contraditória, como o depoimento do general que aceitou liderar o grupo: “*Aceitei esta função porque me pediram que aceitasse e porque é muito, muito importante*”, disse-me McChrystal”. (*Ibidem*, p. 51).

O enfoque da narrativa torna-se mais claro à medida que inclui depoimentos contrários à permanência dos soldados americanos no país:

Nos Estados Unidos, o coro é insistente e cada vez mais numeroso: precisamos reduzir nossa presença no Afeganistão. A missão que nos impusemos é difícil demais e cara demais, e já ficamos por lá bem mais tempo do que deveríamos. [...] “Nada garante que uma ação mais intensa vá produzir melhores resultados”, disse-me Haass.” (*Ibidem*, p. 57).

Por outro lado, a perspectiva não é otimista. Apesar da investida em argumentos contraditórios e contrários, o trecho final expressa um depoimento do que provavelmente ocorrerá: “*Vamos ficar pelo tempo necessário para que os nossos parceiros afegãos estejam em absoluta segurança*”, disse ele. “Mesmo que isso leve muitos anos.” (*Ibidem*).

Já a narrativa “*A miss do nariz sutil*”, da edição 33, de junho de 2009, faz uma crítica aos excessos cometidos por quem deseja uma beleza construída através de salas de cirurgia e clínicas de estética. O subtítulo é um depoimento que deixa claro o enfoque da reportagem, escrita por Paula Scarpin: “*Essa é linda, mas eu demolia e transformava num monumento*”, diz o missólogo”.

O dono da afirmação ficou conhecido por preparar Juliana Borges, “*a miss das dezenove plásticas*”. Por outro lado, o enfoque da

narrativa não são as conquistas e as mudanças necessárias para uma candidata tornar-se miss, mas os exageros. A personagem principal é Bruna Gabriele Felisberto, miss Rio Grande do Sul em 2009. Em decorrência de diversas cirurgias plásticas, ela deformou o próprio corpo, ao invés de melhorar sua aparência.

Logo no início há o depoimento de um cirurgião plástico, afirmando: “*Na mesma noite em que a Bruna foi eleita, eu puxei o Evandro e disse: ‘Esse rosto aí eu acho que não tem que mexer, ela está bem proporcional’, lembrou o cirurgião plástico Denis Valente*”. (PIAÚÍ, JUNHO DE 2009, p. 20).

Porém, dias após o concurso o portal de notícias G1 trazia a manchete “Miss RS decide fazer plásticas para concorrer a título nacional”. De acordo com a narrativa, outro cirurgião se oferecera para operá-la de graça e ela foi convencida a fazer o procedimento:

Na reportagem, Bruna disse ter sido convencida a fazer uma lipoaspiração na região da cintura e a colocar uma pequena prótese de silicone, “algo perto de 180 mililitros, nada muito grande”. Entre a eleição e a primeira consulta com Nelson Heller se passaram apenas três dias. Na quarta-feira, 11 de junho, Bruna fez a primeira cirurgia. “O Evandro falou que, além da lipo e do silicone, iam fazer um retoque na pontinha do meu nariz, para deixar mais harmônico”, contou a miss. (*Ibidem*).

Bruna afirma que não sabia que passaria pela cirurgia e a narrativa usa verbos como “penou” e adjetivos como “enorme”, ao referir-se às próteses colocadas. Tudo isso é exposto no seu relato à repórter:

Passado o inchaço no rosto, Bruna se deu conta de que havia algo errado com o nariz. A dificuldade para respirar não diminuía, a parte de cima estava cavada e uma cicatriz, bem no meio do dorso, não desaparecia. “O doutor Heller dizia que estava lindo, que ia ficar ótimo, e como eu nunca tinha operado o nariz antes, tentava acreditar que ia voltar ao normal.” Com a autoestima baixa por causa das modificações no rosto, Bruna evitava sair de casa. (*Ibidem*, p. 21).

Pelos exemplos, a construção parece ter assumido a defesa do ponto de vista da protagonista, colocando-a na posição de vítima:

[...] Os mais maldosos só se referiam a ela como “Bruna Jackson”, numa referência ao cantor Michael Jackson. Um internauta postou fotos de Bruna antes e depois da cirurgia, com a trilha sonora de Maysa cantando *Meu mundo caiu*. No final, quando a cantora diz “você conseguiu/ e agora diz que tem pena de mim”, aparecem fotos da miss abraçada a Evandro Hazy. (*Ibidem*).

O sentido de “descaso” dos supostos responsáveis pela cirurgia é proposto pela informação de que, embora o trabalho do cirurgião não tenha sido cobrado, ela deveria bancar os custos de internação. A falta de pagamento levou seu nome ao Serviço de Proteção ao Crédito, com uma dívida de mais de 20 mil reais. Além disso, há um episódio que constrói o missólogo de forma irônica:

Bruna Felisberto embarcou sozinha para São Paulo no dia 29 de abril. Enquanto isso, Evandro Hazy já havia virado a página e brilhava nos bastidores da semi-final do Miss Rio Grande do Sul 2010. [...] Numa entrevista no fim do torneio, Hazy listou suas seis misses vitoriosas e afirmou, confiante: “Eu não entro em concurso para brincar, eu tenho certeza de que o título de Miss Brasil 2010 vem para o nosso estado.” (*Ibidem*, p. 22).

O trecho final da reportagem é ainda mais irônico. Contrasta os exageros da beleza – expressos através das plásticas e de procedimentos estéticos – com uma cena em que a miss come “sem culpa” um pedaço de bolo e faz uma afirmação, ao mesmo tempo, humorada e irônica, sobre o missólogo:

Deitada no sofá da irmã, depois de comer sem culpa um pedaço de bolo acompanhado de um copo de refrigerante, a miss gaúcha assiste em silêncio a um comercial de televisão protagonizado por Gisele Bündchen, sua conterrânea. Olha que nariguda e linda que ela é: quem, em sã consciência, ia querer mexer nesse

nariz?!, pergunta a mãe. “O Evandro Hazy!” responde prontamente Bruna, com um sorriso amargo nos lábios. (*Ibidem*).

Na mesma edição, o colaborador Johann Hari traz uma perspectiva interessante sobre a cidade de Dubai, considerada modelo de arquitetura e de ostentação de poder, imagem ressaltada nas primeiras frases da narrativa:

A imagem sorridente do xeque Mohammed Bin Rashid Al Maktoum, o soberano de Dubai, aparece a cada dois arranha-céus do emirado. Ele vendeu Dubai ao mundo como a cidade das Mil e Uma Luzes, uma Shangri-lá do Oriente Médio protegida das tempestades de areia que assolam a região. Sua imagem domina a silhueta que imita a de Manhattan, radiante entre as pirâmides de vidro e os hotéis construídos em forma de moedas de ouro empilhadas. Lá está ele, no prédio mais alto do mundo - uma agulha fina, invadindo o céu como nenhuma outra construção humana na história. (*Ibidem*, p. 28).

Através do título “*Rachaduras no paraíso*” percebemos que a intenção não é descrever as belezas e ajudar na sustentação da imagem de cidade perfeita. Ao contrário, a metanarrativa é demonstrar como até as estruturas mais sólidas são capazes de ruir diante de um colapso, como traz o subtítulo: “Com a crise, aparecem as primeiras fissuras e as paisagens menos cintilantes do templo do consumismo global”.

A descrição dos personagens, dos locais e os depoimentos escolhidos para a narrativa corroboram com a metáfora das rachaduras no paraíso. É o caso do xeque Mohammed, já citado, sobre o qual o texto traz informações como “alguma coisa está mudando o sorriso”; e de uma canadense que foi morar em Dubai para acompanhar o marido e este, por sua vez, contraiu dívidas e foi preso por não conseguir saldá-las.

A canadense Karen Andrews não consegue falar. Toda vez que começa a contar sua história, abaixa a cabeça. Ela é magra e forte, com o esplendor embotado de quem já foi rico. Suas roupas estão amarrotadas como a testa, enrugada. Encontro-a no estacionamento de um dos hotéis mais chiques

de Dubai, dentro de um Range Rover. Karen dorme naquele carro e naquela garagem há meses, graças à caridade dos funcionários bengaleses do estacionamento, que não tiveram coragem de expulsá-la. [...] Ninguém lhe havia contado que em Dubai não existe o conceito de falência. Quem se endividar e não tiver como pagar vai para a cadeia. [...] “Agora estou aqui, sem nada, aguardando que ele saia da prisão”, explica a mulher do Range Rover. Com o olhar perdido de constrangimento, ela me pergunta se posso lhe pagar o almoço. (*Ibidem*).

A partir dessa personagem, o autor dá o tom à narrativa e pouco a pouco relata a história da cidade e o que há por trás da aparente perfeição. A imagem escolhida também reforça essa metanarrativa. A cidade é vista do alto, como se a própria reportagem fosse um olhar externo, conseguindo ver além das nuvens, ou seja, do que é visível, principalmente aos turistas.



Figura 13 - Rachaduras no Paraíso

No texto também há uma clara tentativa de demonstrar isso, como o depoimento de Karen e a afirmação de que há pelo menos três Dubais diferentes:

“É preciso entender que em Dubai nada é o que aparenta ser”, resume a canadense. “Você é atraído pela idéia de um lugar moderno, mas por trás dessa fachada o que temos é uma ditadura medieval.” [...] Existem três Dubais diferentes, cada um girando em torno dos outros dois. Há os

expatriados ocidentais, como Karen, os árabes nativos ou dubaienses, liderados pelo xeque Mohammed, e a mão de obra estrangeira, que construiu a cidade e ali ficou presa. Essa última permanece invisível, apesar de estar por toda parte, enfiada em uniformes azuis e seguindo um regime de trabalho forçado. [...] São cerca de 300 mil homens que moram amontoados. No primeiro acampamento que visitei, logo fui cercado por moradores, ávidos para desabafar com quem se dispusesse a ouvi-los. (PIAUI, JUNHO DE 2009, p. 29).

Como em outros trechos, percebemos que uma das estratégias do repórter é se colocar na cena, citar sua presença ali:

Indago se o grupo se arrepende de ter vindo. Todos olham para baixo. Depois de um tempo, alguém rompe o silêncio: “Sinto saudade do meu país, da minha família, da minha terra. Em Bangladesh, a terra dá frutos. Aqui, não dá para plantar nada. Só tem petróleo e obras”. (*Ibidem*).

O “outro lado” de Dubai é referenciado após essa realidade aparentemente cruel. Essa parte da cidade, constituída por shoppings, é resumida em uma frase: “*Neles, Dubai se reduz à sua essência: compras e mais compras*”. Nesse trecho, o autor traz o depoimento oficial: os negócios vão bem. Extraoficialmente, porém, os vendedores parecem assustados. E através de dois depoimentos ele exhibe as contradições:

Reclinado numa cadeira de um café Starbucks, Ahmed proclama: “Esse é o melhor lugar do mundo para um jovem! O governo paga seus estudos até o doutorado. Você ganha um apartamento quando se casa e seu plano de saúde é gratuito. Você não paga sequer a sua conta de telefone. Quase todo mundo aqui tem empregada, babá e motorista. E não pagamos impostos. Você mesmo não gostaria de ter nascido aqui?” [...] Mas quando tento falar da mão de obra escrava que construiu Dubai, ele se irrita. “O resto do mundo deveria nos dar mais crédito”, sustenta Sultan, “pois somos os seres mais

tolerantes do planeta. Dubai é a única cidade realmente internacional no mundo. Qualquer um que vem aqui é tratado com respeito.” Os desolados acampamentos de Sonapur ficam a apenas alguns quilômetros dali. Sultan não gosta do tema. (*Ibidem*, p. 31).

Para sustentar suas argumentações, o autor também busca um personagem considerado o inimigo público número um do regime: Mohammed Al Mansoori. Este, ao defender os direitos humanos, teria sido ameaçado:

Não tardou a receber ameaças da polícia: se não se calasse, perderia o emprego e seus filhos ficariam proibidos de trabalhar. Mohammed acabou perdendo sua licença de advogado e confiscaram-lhe o passaporte. “Entrei para a lista negra do regime, assim como meus filhos”, disse. “Os jornais estão proibidos de me citar. Nossa liberdade de expressão tende a ficar ainda mais restrita”, acredita ele. (*Ibidem*, p. 32).

Ao referir-se a um dos hotéis mais luxuosos de Dubai, com 1500 suítes e vista para o mar, ele registra que em uma das suítes os tubarões podem observar o hóspede deitado na cama e finaliza com a afirmação: “Coisas de Dubai”. O comentário, aplicado ao contexto da narrativa, revela que o autor considera esta, como outras coisas, um exagero. Os juízos de valor e o propósito explícito desta reportagem continuam nos trechos seguintes. O repórter coloca-se na cena e assume seu ponto de vista, contrastando-o com o que é dito sobre o local.

Os guias turísticos costumam se referir ao emirado como multirracial e multicultural. Percebo, contudo, que cada grupo tende a permanecer em seu próprio enclave étnico, tornando-se uma caricatura de si mesmo. [...] Hospedado no hotel mais classudo da cidade, o Park Hyatt, sou o único cliente no restaurante. Um dos atendentes me diz ao pé do ouvido: “Antes isso aqui fervia. Agora não vem quase ninguém.” Naquele lugar enorme, me sinto como Jack Nicholson no filme *O Iluminado*, o último

homem numa casa abandonada e mal-assombrada. (*Ibidem*, p. 33).

No final do texto, ele relata sua passagem por uma pizzaria e não hesita em deixar manifesta sua posição, ainda que reforce seu ponto de vista com o depoimento de uma personagem:

Pergunto à moça filipina do balcão se ela gosta do lugar. “Gosto”, diz ela, inicialmente. “Pois eu detesto”, rebato. Ela concorda e desabafa: “Demorei alguns meses para perceber que tudo aqui é falso. Tudo. As palmeiras são falsas, os contratos de trabalho são falsos, as ilhas são falsas, os sorrisos são falsos. Dubai é como uma miragem. Você acha que avistou água, mas quando chega perto vê que é só areia.” (*Ibidem*, p. 34).

Nesse trecho, o autor utiliza o verbo “investigar” para descrever seu trabalho: “*Procurei investigar como o governo lida com um problema ambiental que já existe - a poluição das praias*”. (*Ibidem*). Pela quantidade de personagens e informações, tratou-se de uma apuração exaustiva, recorrente na *piauí*. Essa parece ser uma das principais preocupações da revista, perceptível ao longo das reportagens. Algumas narrativas, como esta, aproximam-se à noção de “Jornalismo Investigativo”. Porém, assim como as considerações sobre o Jornalismo Literário, mais importante do que o enquadramento em conceitos é considerar a totalidade do fazer jornalístico.

Por outro lado, no caso do “Jornalismo Investigativo”, é possível identificar ao menos uma simpatia com o gênero, pois este é tema da reportagem “*Caro, trabalhoso, chato*”, da edição 49, de outubro de 2010. Escrita por Branca Vianna, o título já é uma sátira ao senso comum sobre a modalidade. O texto enfoca a experiência americana, mas no sentido de informar e motivar, já que a própria *piauí*, como visto através dos exemplos, pratica e investe na investigação para construir as narrativas. Ou seja, a metanarrativa está em motivar, através de um exemplo externo, o que é praticado ali, para suscitar no leitor a reflexão sobre a importância da investigação e o reconhecimento do esforço da busca por informações relevantes e importantes. Ao mesmo tempo, alerta para a necessidade de investimento.

De acordo com Lage (2002), a reportagem pressupõe apuração e investigação. Apesar disso, a denominação “jornalismo investigativo” se

tornou constante na bibliografia sobre o assunto. Assim como o autor, Sodré e Ferrari (1986), Fuser (1996) e Kotscho (1996) também trazem a noção de jornalismo investigativo a partir de suas diferenças em relação a outras modalidades como o jornalismo de precisão e o jornalismo interpretativo.

Já para Waisbord (2000), o que distingue essa modalidade do jornalismo é a divulgação de informações sobre as ações das instituições governamentais ou de empresas privadas que sejam prejudiciais ao interesse público e afetem a sociedade.

Essas definições de cunho científico, embora de outra forma, também são tratadas na reportagem da *piauí*, através da descrição de casos e depoimentos. Para tanto, os personagens são repórteres famosos entre os americanos e pessoas ligadas ao Jornalismo Investigativo, como Steve Coll, que abre a narrativa. A escolha se justifica pelo currículo do jornalista: trabalhou mais de vinte anos no *Washington Post*, foi repórter, editor, correspondente internacional e diretor de redação do jornal. Tem seis livros publicados, ganhou dois prêmios Pulitzer e escreve sobre segurança nacional na revista *The New Yorker*. Interessante notar que, apesar do tempo dedicado à atividade, o início do depoimento não é animador:

Com seu rosto redondo e um resto de franja ruiva que resiste à calvície, aos 52 anos Coll parece um menino envelhecido. “Se estivesse começando agora, escolheria outra profissão”, disse ele, desanimado, folheando uma *piauí* na sala de reuniões da New American Foundation, da qual é presidente. “O tipo de jornalismo que fiz a vida toda, com reportagens investigativas longas, de estilo narrativo, acabou”. (PIAÚÍ, OUTUBRO DE 2010, ARQUIVO ELETRÔNICO)³¹.

Após trazer essa afirmação, de que esse tipo jornalismo acabou, a autora introduz a história da modalidade, dando destaque ao conhecido caso de Watergate:

Em 1972, por fim, Bob Woodward e Carl Bernstein, repórteres policiais do *Washington Post*, descobriram que a Casa Branca colocara

³¹ Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-49/anais-da-imprensa/caro-trabalhoso-chato>. Acesso em 12 de março de 2011.

escutas ilegais na sede do Partido Democrata, no edifício Watergate, na capital americana. A investigação levou dois anos, e mostrou que Richard Nixon não só ordenara o crime como tentara escondê-lo da Justiça, o que provocou a renúncia do presidente, em 1974. Woodward e Bernstein, com alguma ajuda de Robert Redford e Dustin Hoffman, que os retrataram bonitos e charmosos em *Todos os Homens do Presidente*, tornaram o jornalismo investigativo uma atividade glamorosa. As escolas de jornalismo encheram-se de jovens querendo derrubar presidentes. (*Ibidem*).

De acordo com o texto, há uma crise, cujo motor está na internet, que alterou tanto a maneira como a imprensa escrita obtém lucro quanto os hábitos de leitores e anunciantes. Começa então uma discussão sobre os rumos do jornalismo de forma geral. A partir de então, os jornais “Renderam-se à premissa, alardeada pelos conglomerados on-line, de que tudo na internet deve ser acessível e gratuito”. Com este, tratado como um problema, cita diversos meios de comunicação, como o *New York Times*, o *Washington Post* e a revista *Newsweek*, que tiveram queda de circulação. Por outro lado, a narrativa traz o casal Marion e Herb Sandler, citado como o “improvável papel de herói” e explica porque:

Os Sandler começaram a financiar pesquisas de doenças parasitárias e criaram um programa de estudo da asma, doença da qual Marion sofre. Doaram mais de 30 milhões de dólares para a organização de direitos humanos Human Rights Watch. Fundaram um centro de estudos, em Washington, dirigido por John Podesta, ex-chefe de gabinete de Bill Clinton. E decidiram bancar um projeto de jornalismo sem fins lucrativos. (*Ibidem*).

O projeto citado é o “Pró Pública”, que faz exclusivamente reportagens investigativas. São 32 pessoas cujo trabalho é investigar governo, instituições, indivíduos e empresas, às vezes semanas, meses ou anos, já que “dinheiro não é problema”. Nesse trecho há juízo de valor no sentido de apontar problemas e desafios desse trabalho.

Investigações jornalísticas são trabalhosas, caras, demandam tempo e nem sempre rendem reportagens publicáveis. Pode se passar meses escarafunchando um assunto e não conseguir material suficiente. A maioria exige viagens e algumas requerem mais de um repórter trabalhando em tempo integral. Também costumam ser bem mais longas do que as matérias comuns, o que, no mundo do Twitter, lhes reduz o número de leitores em potencial. (*Ibidem*).

A discussão sobre os rumos do jornalismo toma corpo com os exemplos britânicos do jornal *The Guardian* e da rede de TV *BBC*. O primeiro é financiado por um fundo criado pela família fundadora. O segundo sobrevive graças ao financiamento estatal:

A família abriu mão da propriedade do jornal e pôs quase toda a fortuna no fundo. O dinheiro é usado para sustentar o Guardian nos períodos de vacas magras. Nos de vacas gordas, o lucro é integralmente reinvestido. Ultimamente, as vacas andam magérrimas. [...] A BBC é o exemplo de jornalismo de qualidade mais citado pelos que defendem ajuda governamental. Seu financiamento vem do governo britânico e da “licença de tv”, imposto que todos os moradores do Reino Unido pagam para ter direito a um televisor em casa. (*Ibidem*).

Outro juízo de valor é dado através do trecho: “*Um dos poucos consensos é que a era do jornal de papel está próxima do fim*” (*Ibidem*). Além disso, estas reflexões, que iniciaram com a história da época de ouro do jornalismo investigativo, são finalizadas com uma projeção frente às novas tecnologias. O trecho revela também uma expectativa, corroborando com outras reportagens, que também terminam com um possível “final feliz”.

Esta narrativa revela um pouco da intenção da revista *piauí*, que valoriza o tempo de apuração e investe no profissional até que este anuncie a reportagem pronta. No jornalismo de modo geral, há os dois fatores já comentados: tempo e espaço, embora nem estes deveriam ser empecilhos ao bom texto, conforme assevera Olinto (2008):

E o importante, para o jornalista, é realizar essa tarefa para um dia determinado e, muitas vezes, para um espaço previsto, sem deixar que a pressão, a que se submete, o leve ao caminho da facilidade de estilo, que corresponde, geralmente, a uma leviandade de sentido. (OLINTO, 2008, p. 16).

Além disso, na revista boa parte dos temas são apresentados através de enfoques diferenciados e com uma intenção de demonstrar um ponto de vista específico. Relevando tais argumentações, postula-se uma atitude responsável diante da realidade, amparada, no caso da revista, pela quantidade de informações e depoimentos, possíveis somente através de uma intensa apuração. Isso, no entanto, não chega a ser mérito. Dines (1986) afirmou que sem investigar e expor circunstâncias, não se exercita o jornalismo:

Quando se buscam circunstâncias irrelevantes e impertinentes então, sim, temos um jornalismo superficial. Quanto menos profunda for a investigação das circunstâncias, quanto menos cruciais forem as situações e condições apuradas relativas ao evento, mais precíval será este jornalismo. (DINES, 1932, p. 18).

A investigação no jornalismo, como se vê, não é algo recente e nem depende de uma definição específica, mas é vocação de quem pretende fazer um jornalismo em profundidade. Como complementa o autor, se a seleção das circunstâncias for apropriada, se a relação entre elas for consequente, se o encadeamento for lógico, se a sua exposição for inequívoca, estaremos diante de excelente jornalismo, mesmo se tratando de *fait-divers*, serviços ou variedades. É sabido que a reportagem, como já dito, permite maior contextualização, geralmente com mais tempo para apuração, em detrimento às notícias e à necessidade de rapidez no jornalismo diário.

Percebemos, assim, que o jornalismo é construído a partir de diversos fatores e seu sucesso ou fracasso não pode ser responsabilizado a algo isolado. É como explica a teoria construcionista, na qual Traquina (2005) se refere a notícias como histórias construídas a partir da realidade, através de artefatos linguísticos, organizacionais, sociais, culturais e a aceitação do campo como um complexo sistema

engendrado por diversos agentes. Assim, o jornalista, a sociedade, a cultura, a organização, o tempo, os recursos técnicos, a linha editorial, entre outros aspectos influenciam a produção jornalística, inclusive quando nos referimos a metanarrativas.

Para Alsina (1989, p. 18), o jornalismo é uma atividade especializada na construção da realidade social. Admite-se que não se trata da realidade em si, mas uma representação dela. Tuchman (1983) também se apóia em Alsina para explicar as “múltiplas realidades”, citadas pelo autor. Ambos se amparam na sociologia interpretativa para dizer que no processo de produção jornalística interferem três mundos distintos, mas imbricados. O primeiro é o “mundo real”, ou seja, a fonte dos eventos jornalísticos. O segundo é o “mundo de referência”, que engloba todos os elementos necessários à compreensão do evento. O resultado é o “mundo possível”, construído a partir do mundo real e do mundo de referência escolhido.

Esse cabedal diz respeito aos mecanismos de construção histórica e imaginária da sociedade contemporânea, referenciados pelos diversos agentes envolvidos na construção da realidade. Trata-se de um esforço mútuo, que Schudson expõe como resultado do trabalho de “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos”. (SCHUDSON *apud* TRAQUINA, 2005, p. 170-171).

Este conceito poderia justificar a reprodução de formatos e conteúdos, assim como temas, pautas e formas de apuração. Por outro lado, cada profissional ou leitor é singular e, apesar de fazer parte desta lógica inconsciente do sistema cultural, cria e recria os próprios significados. É neste sentido que a teoria construcionista se diferencia de outras, bem como a revista *piauí* se diferencia do jornalismo baseado em manuais de redação, pois considera cada ator como parte de um sistema, com individualidade, mas também com relativa força e uma função essencial. São as implicações dessas reflexões que embasam e conduzem a arquitetura das considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

João, Paula, Vanessa, Luiz, Marcos, Roberto, Consuelo, Dorrit. Letras grafadas, geralmente, logo abaixo do título das reportagens. Simples, fosse apenas isso. Quando pronunciamos tais palavras, identidades se revelam. São pessoas: loiras, morenas, gordas, magras, velhas, novas, com uma personalidade única. Além disso, chamando pelo nome outras tantas, pedindo licença, ou não, para adentrar em suas vidas e lançar um olhar sobre seu mundo.

Ao mesmo tempo, foi sem esperar uma permissão ou apresentar-me que percorri a trajetória de todos esses personagens, presentes nas narrativas da *piauí*. Ao ouvir o editor João Moreira Salles e ler suas declarações, entendemos que a proposta é constituir uma revista diferenciada, uma aspiração ousada, como apontado nos capítulos iniciais. Não obstante, logo compreendemos não se tratar de algo surpreendente. Há o anseio de contar boas histórias. Nada além de um jornalismo de qualidade. Surpresa seria se isso não acontecesse mais e o fazer jornalístico se encerrasse de vez nas salas de redação, através do telefone e da internet.

O que coloca, então, a *piauí* em uma situação singular? Reconhecendo as incoerências, algumas expostas ao longo da análise, inegável perceber as potencialidades. A começar pela linha editorial, que não é restrita: nem os editores sabem se existe uma³². Ou seja, a busca por boas histórias ocorre no mundo contemporâneo, seja ele a Itália, como ocorreu em “*Xillindró alla Volterra*”, ou uma cidadezinha no interior do Piauí, como em “*Do Piauí ao Planalto*”. Ao mesmo tempo, seja o personagem ex-presidente, como Fernando Henrique Cardoso, em “*O andarilho*”, ou uma depiladora, como Marinete Campos, em “*Trilha desmatada com mel*”.

Desde a escolha do tema, percebe-se um esforço para pensar em extrapolações. Se aparentemente o personagem principal é o pai, a *piauí* conta a história a partir do advogado (*Zamariola sai do casulo*). Se todos comentam os discursos de Lula, um repórter busca o redator deles (*A oratória do poder*). Trata-se de um jornalismo pensado para fazer pensar, embora não seja algo expressado como objetivo ou compromisso. Isso exclui a denominação de extraordinário e alcança a

³² Disponível em <http://blogdarevistadiners.blogspot.com/>. Acesso em 20 de março de 2011.

produção de sentidos para suscitar emoções. Até mesmo um jornalismo calcado no ordinário do cotidiano.

Os ministros do Supremo Tribunal Federal bocejam durante as sessões, Paulo Maluf tem como esporte o automobilismo, seja nas horas de folga ou quando deveria estar legislando, e Dilma Rouseff já perdeu o cabelo por conta do tratamento de um câncer linfático. O trivial é assim explorado como determinante, colocado quase num patamar de importância de acusações de corrupção. Por outro lado, essas informações nos aproximam dos personagens. Também sentimos sono, temos algum esporte preferido e podemos ter passado pela experiência de uma doença grave ou conhecemos alguém em uma situação semelhante.

Contudo, nenhum desses dados é gratuito. Vem onerado de conflitos e críticas, sobretudo quando a figura é pública e ocupa uma posição capaz de nos atingir diretamente. Aparentemente, os ministros não dão à devida importância a situações relevantes e um deputado federal está pilotando às 15h, enquanto milhões de brasileiros cumprem sua jornada de trabalho.

Um dos aspectos mais importantes a serem observados é o caminho percorrido para chegar a tais informações. Nos textos da *piauí* a presença do autor é evidente. Ele não se esconde sob a linguagem impessoal, mas se revela em declarações, impressões e até juízos de valor. Isso poderia ser um problema. Porém, como observou Chaparro (2004), as escolhas feitas ao longo do processo também revelam opiniões.

E essa autoria muitas vezes deixa claro os passos do repórter, como em “*Pão e glória*”, sobre o ex-ministro Márcio Tomaz Bastos. Há um caráter pessoal e até mesmo o uso da primeira pessoa. Num dos trechos, descobrimos terem sido realizadas quatro entrevistas, complementadas com diversas outras, além de pesquisas a documentos e arquivos. Isso deixa mais transparente o método utilizado pelo jornalista e, ao contrário do que se poderia pensar, não diminui a credibilidade, mas aumenta a confiança, pois ele assume sua presença naquela realidade.

Neste sentido, possivelmente a falta de clareza no método seja uma das principais dificuldades do jornalismo para se apresentar como uma ciência, e ao refletirmos os passos dos profissionais percebemos a necessidade de repensar alguns paradigmas do campo.

Para Medina (2008), a ideologia do controle positivo dos saberes tanto nas ciências nobres quanto no jornalismo reforça o conceito de objeto de conhecimento e, portanto, a relação sujeito-objeto, como

também avigora o preceito e a metodologia da objetividade. Nessa relação se inserem os princípios de busca da verdade ou da comprovação dos dados por meio de técnicas e instrumentos tecnológicos utilizados na pesquisa ou na investigação. Nesse contexto, o saber comum, cotidiano, popular deveria ser rejeitado, pois não segue essa regulação, não se disciplina nas garantias da aferição submetidas às lógicas da racionalidade. Por outro viés, mesmo a disciplina científica muitas vezes se restringe à discussão de um formato de construção da narrativa, não propriamente ao modo de captação e tampouco à ética. Não obstante, diante da dinâmica da contemporaneidade, é inegável a apuração e a liberdade, a qual abarca todas as estratégias citadas ao longo da análise, serem as principais distinções da *piauí*.

Conforme Dines (1986), precisa-se de gente igual, com disposição diferente. Muitos profissionais da *piauí* já fizeram parte da equipe de tradicionais veículos de comunicação e escreviam de outra forma e, neste sentido, isso se torna mais evidente. É uma nova disposição, atendendo a uma proposta motivacional também singular.

“*Mares nunca dantes navegados*” também ilustra essas considerações. Justamente durante a apuração Luiz Maklouf Carvalho descobriu as inconsistências nos dados sobre a personagem, divulgados no *site* oficial da Casa Civil e na Plataforma *Lattes*. Através dos passos do repórter, percebemos mais uma descoberta ao acaso coroando uma apuração empenhada do que propriamente uma tentativa de buscar incongruências capazes de desmoralizar ou deixar a personagem em uma situação constrangedora. Ao pedir a checagem de todos os arquivos, demonstra ainda uma preocupação com a veracidade das revelações. E mesmo esses dados, considerados “furos”, estão diluídos no restante da narrativa, entre diversos outros aspectos da vida da personagem.

A esse método claro soma-se também a precisão. A exatidão nos números, os detalhes, mesmo os aparentemente insignificantes, dão credibilidade ao relato. Afinal, conforme Sodré e Ferrari: “Não é bastante ser verdadeira; reportagem tem que *parecer* verdadeira – ser verossímil.” (1986, p.107 [grifo do autor]). Isso dá força às narrativas da *piauí*.

Na precisão encontram-se números importantes, como os acidentes e ultrapassagens de ônibus públicos em “*O estouro da boiada metálica*”; quanto custam as mordomias dos ministros do STF, em “*Data Vênia, o Supremo*”, e dados curiosos, como a cor da camiseta usada pela personagem em “*O modelo vitória*”.

Todas essas características devem ser conjugadas à responsabilidade na divulgação das informações, sobretudo se desconsiderarmos a importância da profissão, diante do caos, das dores do mundo e de todos os anseios coletivos, estabelecendo-se uma forma de compromisso. Como observa Olinto (2008), com a consciência da sua posição no mundo, o jornalista ganha uma responsabilidade quase assustadora, porque ultrapassa o individual e se transforma numa espécie de predestinado, com o dom de penetrar nas formas de vida e contar a todos o que lá existe.

Portanto, não necessariamente a pressa em divulgar as informações torna-se importante, embora seja necessário considerar a pressão a qual estão submetidos os jornalistas, sobretudo os de veículos de comunicação diários. Esse privilégio transforma as valorações em ressalvas. Por outro lado, não tira o mérito da *piauí* de ter pautado toda a imprensa, a mesma ávida por furos e que, possivelmente, não esperaria para publicar as informações.

Divulgar antes ou melhor? O dilema parece constante aos profissionais de comunicação. É claro, a resposta depende da proposta editorial, mas *piauí* já demonstrou a relevância da permanência de uma informação, ou seja, de ultrapassar o caráter imediato e factual para alcançar a posteridade. Como lembram Sodré e Ferrari (1986, P. 76), novidade pode estar ligada ao inédito, mas também à observação diferente de qualquer assunto, ao ângulo insuspeitado na percepção de um fato, pessoa ou tema.

Essas abordagens diferenciadas ressaltam a importância do processo. Ao questionar dada realidade, encará-la como a ponta de um iceberg, como em “*A Copa do Cabo ao Rio*”, se estabelece uma predisposição ao novo. Nada poderia ser encontrado, ou então somente as mesmas informações, mas isso tampouco serviu de empecilho.

Encaramos, pois, a originalidade como resultado de vários fatores, mas principalmente da disposição diferente para um enfoque não restrito a uma pauta e a liberdade para percorrer caminhos insuspeitados. A discussão alcança a contemporaneidade: a informação nova sem necessariamente anunciar um fato ocorrido no dia anterior.

Dilma Roussef se tornou presidente da República, Fernando Henrique perdeu a esposa, Ruth Cardoso, falecida após a publicação da reportagem, assim como Cristina Kirchner perdeu o marido, em 2010, quase três anos após a veiculação de “*A presidência familiar*”. Porém, a história de cada um não foi alterada e o esforço dos repórteres não foi em vão.

Na ocasião do lançamento da *piauí*, diversos aspectos foram supostos e expectativas criadas. Seria a revista herança de publicações como a *Realidade* ou a americana *The New Yorker? New Journalism* ou Jornalismo Literário? Como foi visto, diversos trabalhos científicos, artigos, monografias, dissertações, seguem nesta linha de investigação. Porém, como ocorreu com a revista *Realidade*, abordada na dissertação de Vaniucha de Moraes, defendida nesta instituição em 2010, os profissionais tampouco conheciam o movimento americano. Embora o contexto histórico seja outro, João Moreira Salles não se furta em contrariar as afirmações que comparam a *piauí* a outras publicações. “Contar bem uma história” é seu argumento para justificar o objetivo da revista.

Com a análise, de fato observamos uma busca por boas histórias, aos moldes do que Benjamin (1994) trata de “a arte de narrar”. Portanto, é perceptível, a denominação “diferenciada” não é a mais apropriada para a *piauí*. Primeiro porque seria necessário um estudo comparativo. Depois, porque todos os procedimentos adotados nada mais são do que as determinações do próprio jornalismo.

João do Rio saía às ruas e observava o cotidiano, conversava com as pessoas e extraía desse diálogo as histórias para compor suas narrativas, ainda hoje contemporâneas. Euclides da Cunha presenciou os conflitos para escrever as reportagens sobre a Guerra de Canudos, cuja adaptação deu origem a “*Os Sertões*”, obra obrigatória de muitos vestibulares e digerida como literatura. Não se trata, portanto, de um jornalismo surpreendente ou novo. Contudo, trata-se de uma aposta e de uma proposta de liberdade, além de uma disposição que, infelizmente, nem todos, seja por preguiça ou falta de recursos humanos e financeiros, conseguem ter.

Da mesma forma, se Consuelo Dieguez se expôs ao citar a própria roupa, elogiada por Evo Morales, em “*O índio contra o Império*”; se Daniela Pinheiro se arriscou ao criticar explicitamente os procedimentos adotados pela Fifa durante a realização da Copa do Mundo; se João Moreira Salles e Luiz Maklouf Carvalho ousaram dando impressões pessoais em “*O caseiro*” e “*Data Vênia, o Supremo*”; se Roberto Kaz foi irônico em “*A Diferenciada*” e “*Nas curvas com Maluf*” ou se qualquer um dos repórteres assumiu a autoria por sua obra, tampouco infringiram os preceitos do jornalismo.

Simultaneamente, além de servirem para tornar as narrativas verossimilhantes, oferecem características e dados que aproximam o leitor daquela realidade. É a experiência e o olhar do repórter que faz com que também nós consigamos sentir, numa relação intersubjetiva,

como propõe Motta (2007). Ao mesmo tempo, tornam o texto humanizado. Feitos por pessoas, sobre pessoas e para pessoas.

Há quem diga ser uma heresia ao jornalismo falar na existência de um jornalismo humanizado. Existe, então, um jornalismo desumanizado? Não raro nossa atenção é roubada por alguma generalização apressada, estereótipos e pontos de vista carregados de preconceito. E, ao contrário do que se poderia pensar, os problemas não estão ligados à forma da notícia, ou seja, àquelas escritas na forma de *lead* e pirâmide invertida. Eles estão, inclusive, naquelas narrativas consideradas literárias, bem como na transformação das pessoas em objetos, instituições, cargos ou em um ninguém, como ainda acontece nas reportagens sobre moradores de rua, que dificilmente apresentam sequer legenda, em reportagens de TV, ou descrição do nome, na mídia impressa.

Desta forma, a humanização aparece como uma disposição do profissional ao afrontar a realidade. É perceptível ser mais uma disposição quase inerente a um estilo pessoal do que propriamente uma estratégia. Ao buscar uma aproximação entre a realidade, a narrativa e o leitor, o autor busca implicitamente uma humanização. Ele quer contar histórias de vida, valorizar “quem” e não “o que”. Essa capacidade provoca uma empatia quase instantânea com um texto, não necessariamente da *piáuí*, já que encontramos esta mesma disposição em outros profissionais e veículos de comunicação. Também nós cultivamos uma série de preferências musicais, culturais, religiosas, e reconhecê-las no outro é reconhecer-se humano. Essa disposição vai além do texto, salta aos olhos, causa calafrios, mal estar ou sorrisos, ou seja, suscita sentimentos.

Essas predisposições fazem parte de uma experiência pessoal, ou seja, de tudo o que o repórter já vivenciou e é inevitável transportar para o texto. João Moreira Salles e Dorrit Harazim também são documentaristas; Vanessa Barbara e Consuelo Dieguez já lançaram livros de ficção; Luiz Maklouf Carvalho é bacharel em direito. Aparentemente, áreas distintas, mas capazes de contribuir na busca por um jornalismo de qualidade.

Experiências traduzidas em sentimentos presentes nos detalhes, no olhar humanizador e até mesmo nos pontos de vista manifestos através das metanarrativas. Sentimos a impunidade na reportagem sobre o caseiro Francenildo dos Santos Costa, a futilidade de Simara Sukarno, a ganância de Daniel Dantas, as confusões de posicionamentos demonstradas através das declarações de torturadores e torturados na Guerra do Iraque. Em cada uma destas abordagens os autores discutiram

questões importantes. Isso com uma crítica à própria imprensa, como em “*A Copa do Cabo ao Rio*”. Houve deslizos, deixando transparecer impressões pessoais de simpatia ou antipatia, como em “*Profissão ex-presidente*” e “*Polícia, Câmera, Açãõ*”, e muitas outras. Algumas sutis, outras evidentes, mas é um risco de qualquer ação humana e pode ter sido justamente esse o propósito da narrativa. E mesmo sendo traduzidos como posicionamentos, podemos concordar ou discordar, entender ou considerar equivocados.

Sobretudo com a utilização do humor e da ironia os riscos aumentam, como ocorreu nas impressões sobre a “*A Diferenciada*”. Ao mesmo tempo, não parece ser esta uma preocupação da revista. Ao leitor cabe completar o sentido e refletir sobre aquela construção, enfoque e até posicionamento.

Recentemente, *piauí* foi pauta da imprensa ao publicar a reportagem “*Para toda obra*”, na edição 59, de agosto de 2011, na qual o então ministro da Defesa Nelson Jobim chama a ministra das Relações Institucionais, Ideli Salvatti, de “*fraquinha*” e diz que a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, não conhece Brasília. Posteriormente, antes de entregar sua carta de demissão, em nota oficial, Jobim afirmou que suas frases foram distorcidas³³. A revista não se pronunciou sobre o assunto, mas este é um dos conflitos evidentes, que demonstram a força dos enunciados e a responsabilidade necessária. Ao escolher tal declaração para introduzir na narrativa, além do questionável interesse público, há também um discutível propósito.

Assim, com as ressalvas necessárias, como apontamento dessas reflexões, ao escolher a *piauí* como objeto empírico, nos preocupamos em delinear uma proposta motivacional e, considerando todas as dificuldades e limites do jornalismo contemporâneo, assumimos uma postura de rompimento em relação a modelos e fórmulas reproduzidos geração após geração de profissionais. Isto não significa negá-las ou desconsiderar sua importância, mas alcançar alternativas igualmente significativas à prática jornalística.

As possibilidades são muitas e a criatividade depende de cada repórter. Não há como traçar um perfil exato do público e o que ele quer, mas ele espera novidades. Porém, o singular pode estar nas coisas mais simples, não em gavetas, que o repórter vasculha quando o entrevistado vai buscar algo, como nos filmes. Ao escrever sobre

³³ Disponível em

<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/jobim+nega+ter+classificado+ideli+como+muito+fraquinha/n1597117263610.html>. Acesso em 10 de agosto de 2011.

exatidão, Ítalo Calvino citou Hofmannsthal e trouxe uma frase célebre capaz de resumir este anseio: “A profundidade está escondida. Onde? Na superfície” (2007, p. 90).

De forma geral, os repórteres da *piauí* estão mais uma vez na rua, à moda antiga, percorrendo trajetos arenosos, pedregosos, subindo morros, escalando a realidade social, vivenciado a realidade alheia. Ao mesmo tempo, na linguagem utilizam metáforas, onomatopéias e outras figuras de linguagem, primeira pessoa, descrição de cenas. Características encontradas em textos literários, mas dificilmente em um veículo de comunicação. Esta discussão do jornalismo como literatura continua em uma área espinhosa, mas enquanto as divergências se acentuam, as convergências se renovam, conforme observou Bulhões (2007).

Exacerbam-se os limites entre ficção e realidade. Afinal, o jornalismo tem como premissa a busca pela verdade e na *piauí* há, até mesmo, um setor responsável pela checagem de informações – algo raro. Convergem as técnicas literárias, que podem servir ao jornalismo e ao jornalista para suavizar, tornar atraente e sensível um texto aos leitores, ouvintes ou espectadores, como já fazem os repórteres da revista estudada.

O jornalismo não precisa ser insípido, inodoro, incolor, como um elemento físico. Mas tomado de dores, reconhecendo sua confusão e até impotência perante o caos, afinal jornalistas não são super-homens.

De um modo geral, as narrativas jornalísticas se assemelham a um quebra-cabeça. As peças são procuradas e selecionadas. A disposição das informações acontece sempre de forma lógica, mas não necessariamente a do tempo, cronológica. Cada peça se encaixa, mas como montá-lo depende da subjetividade de cada repórter. O número de peças depende do tempo, da disposição em procurá-las, mas o todo, bem montado, ou seja, a qualidade, pode estar em 12 linhas ou 12 páginas.

Além disso, o desafio não pode ficar restrito à *piauí*. João, Paula, Vanessa, Luiz, Marcos, Roberto, Consuelo, Dorrit ou Géssica, Jorge, Mauro... Eu ou você, convocados a nos tornarmos aliados, nada mais, do que do bom – e velho – ou novo – jornalismo.

REFERÊNCIAS

ACSESLRAD, Márcio. **O humor como estratégia de comunicação**. In Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Mídia. Disponível em <http://revista.cisc.org.br/ghrebh5/artigos/05marcioacselrad022004.htm>. Acesso em 15 de janeiro de 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI/Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/Edições Omnia, 2006.

BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. In LÍBERO - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. ISSN: 1517-3283. Líbero, Vol. 10, No 20 (2007). Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4644>. Acesso em 20 de março de 2011.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**: a terra e o texto. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1998.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAÑO, Juan. **Revistas, uns historia de amor y um decálogo**. Barcelona: Editorial Eresma e Celeste Ediciones, 1999.

CHAPARRO, Manuel. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Sotaques D´aquém e D´além mar: percursos do jornalismo português e brasileiro**. Santarém: Jortejo Edições, 1998.

CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

COSTA, Klenio. **Jornalismo Narrativo**. Disponível em <http://bocc.uff.br/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2009.

COMUNIQUE-SE (Brasil). Marcelo Tavela. **João Moreira Salles fala sobre revista piauí e evita o jornalismo literário.** Disponível em <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>. Acesso em 18 de outubro de 2009.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária. Uma introdução.** Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CURSO ABRIL DE JORNALISMO (Brasil). Tomaz Souto Corrêa. **Primeira parte de uma breve história das revistas.** Disponível em http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_84318.shtml. Acesso em 17 de outubro de 2009.

DINAP (Brasil) (Org.). **Revista piauí será distribuída pela Dinap.** Disponível em: http://www.dinap.com.br/site/noticias/conteudo_171042.shtml. Acesso em: 22 set. 2009.

DINES, Alberto. **O papel do jornal. Uma releitura.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo - Redação, Captação e Edição no Jornal Diário.** São Paulo: Ática, 1991.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **No diário dos Estudos Culturais: O ordinário e o cotidiano como tópicos de pesquisa.** Trabalho apresentado ao GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1084.pdf. Acesso em 11 de junho de 2011.

FOLHA ONLINE (Brasil). Sylvia Colombo. **Jornalismo literário e ficção marcam estréia da revista “piauí”**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml>. Acesso em 15 de outubro de 2009. Acesso em 10 de março de 2010.

FREUD, Sigmund. **Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente, obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, Vol. VIII.

FUSER, Igor. **A arte da reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996.

GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em <http://www.adelmo.com.br/>. Acesso em 10 de outubro de 2010.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura** (vol. 1 e 2). Lisboa: Editorial Presença, 1973.

IJUIM, Jorge, TELLAROLI, Taís. **Comunicação no mundo globalizado – Tendências do Século XXI**. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/tellaroli-tais-ijuim-jorge-comunicacao-mundo-globalizado.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2009.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. Disponível em <http://www.ivc.org.br/>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1999, Vol. 2.

JENSEN, Klaus Bruhn, JANKOWSKI, Nick. **Metodologías cualitativas de investigación em comunicación de masa**. Barcelona: Bosch, 1993.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1996.

KOVACH, Bill, ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2002.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Dirceu Fernandes. PROENÇA, José Luiz (Orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARQUES, Keila Cristiane. **Jornalismo Literário na revista piauí: Diálogo entre duas esferas da linguagem**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Maringá. Disponível em http://www.cesumar.br/comunicacao/arquivos/tccjor2007/tccjor2007_keila.pdf. Acesso em 27 de setembro de 2009.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASTER EM JORNALISMO (Brasil) (Org.). **Revista piauí prepara edição especial para a Flip**. Disponível em http://www.masteremjornalismo.org.br/noticia_view.php?id=1532. Acesso em 14 de setembro 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Notícia, um produto a venda:** Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Povo e personagem.** Canoas: Editora da Ulbra, 1996.

_____. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação:** comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Ciência e jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MEYER, Philip. **Precision Journalism.** A Reporter's Introduction to Social Science Methods. Bloomington: Indiana University Press, 1973.

MORIN, Edgar. Ética do sujeito responsável. In CARVALHO, Edgard de Assis et alli. **Ética, solidariedade e complexidade.** São Paulo. Palas Athena, 1998.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa. In Lago, Cláudia.; Benetti, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística.** Revista Estudos em Jornalismo, Vol. 1, No. 2, Florianópolis, 2004.

_____; BERGER, Christa. **Cobertura das eleições brasileiras pela imprensa espanhola: Lula põe a esquerda na pauta.** Revista Comunicação & Política, Vol. X, No. 1, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **A análise pragmática da narrativa jornalística.** Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16836/1/R2419-1.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2010.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas – fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

NUNES, Juliana Romualdo. **Revista piauí: O Jornalismo literário em função de um Público Consumidor exigente.** Monografia apresentada a Faculdade Pitágoras de Londrina. Disponível em http://www.ump.edu.br/midialogos/ed_02/discente/piaui.pdf. Acesso em 21 de setembro de 2009.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (Brasil). Alberto Dines (Ed.). **Revista piauí - João Moreira Salles.** Disponível em http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal_071002.asp. Acesso em 10 de outubro de 2009.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (Brasil). Paulo Lima. **REVISTA PIAUÍ. PIAUÍ?!**: Texto caudaloso, aposta na leitura. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=403AZL004>. Acesso em 17 de outubro de 2009.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: Já, 2008.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In: Steinberg-Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1976.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2005.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Jornalismo Empresarial**. São Paulo: Summus, 1984.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

REVISTA PIAUÍ. **Mídia**. Disponível em <http://www.revistapiaui.com.br/images/download/pdf/midia.pdf> shtml. Acesso em 09 de setembro de 2009.

RICOEUR, Paul. **História e Verdade**. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 1968.

_____. **Tempo e Narrativa** - Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso. A representação humorística**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHUDSON, Michael. **Porque as notícias são como são**. Revista de Comunicação e Linguagens, n.8, out. 1988.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: A comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUSA, Eudoro de. Aristóteles. **Poética**. Porto Alegre, Globo, 1996.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Argos;Letras Contemporâneas, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005a.

_____. **Teorias do jornalismo II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos – Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog journalism in South America: news, accountability and democracy**. Nova York: Columbia University Press, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.